

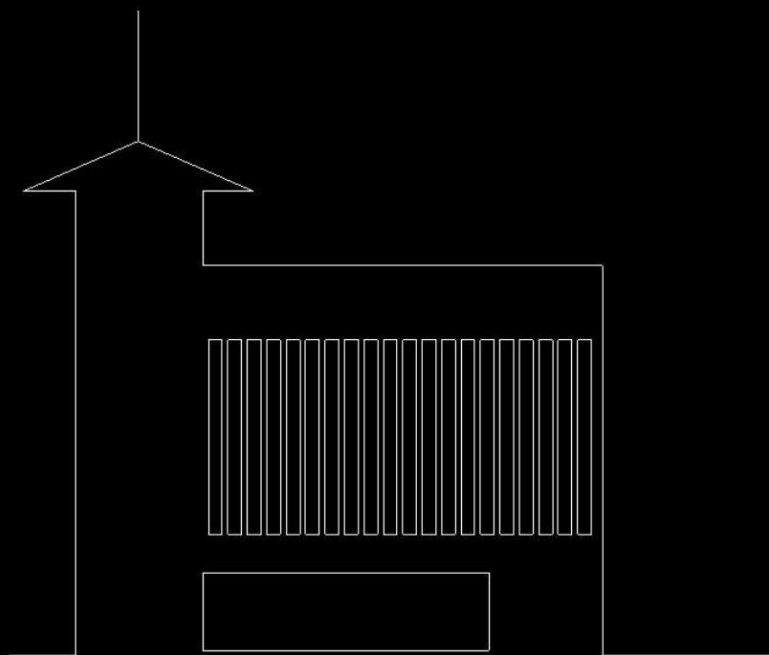


UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DE VISEU

Departamento de Arquitectura, Ciências e Tecnologia

Mestrado Integrado em Arquitectura



CASA DA ARTE

REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO

DO CINE-TEATRO IMPÉRIO DE MANGUALDE

VOLUME I

PEDRO ALEXANDRE DA FONSECA SANTOS

UISEU

2017



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE VISEU
Departamento de Arquitectura, Ciências e Tecnologia
Mestrado Integrado em Arquitectura

PEDRO ALEXANDRE DA FONSECA SANTOS

CASA DA ARTE

REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO

DO CINE-TEATRO IMPÉRIO DE MANGUALDE

VOLUME I

Monografia apresentada ao curso de Mestrado Integrado em Arquitectura da UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA CENTRO REGIONAL DE VISEU, como requisito parcial para conclusão do curso de Mestrado em Arquitectura.

Orientador: Prof. José Maria Lobo de Carvalho

UISEU

2017

À minha esposa e filhos, família e amigos pela
paciência e apoio recebido durante a elaboração
deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação contou com o apoio de muitas pessoas às quais aqui deixo o meu agradecimento.

Em primeiro lugar à minha esposa e filhos pelo companheirismo, carinho, apoio incondicional e dedicação durante todo este percurso cheio de bons e maus momentos, fazendo com que desistir nunca fosse uma possibilidade.

Aos meus pais, pelo amor e carinho e esforço durante todos os anos da minha vida.

Ao meu irmão pela amizade, companheirismo e apoio dedicado.

Aos meus sogros, pela paciência, apoio, esforço e carinho demonstrado.

À minha família, pelo apoio e esforço durante todos estes anos, possibilitando-me atingir os meus objectivos.

À UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA C.R.B. Polo VISEU, aos funcionários, com os quais travei amizade durante estes anos.

A todos os meus professores, que me fizeram crescer como pessoa e futuro profissional, em especial ao Professor Arq. José Paulo dos Santos, Arq. Carlos Veloso, Arq. Pedro Barreto, Arq. Miguel dos Santos e Eng. António Canha da Piedade.

Ao meu orientador professor Dr. Arq. José Maria Lobo de Carvalho, não só pela orientação assertiva neste trabalho mas também pelo apoio e incentivo a contornar os desafios sempre com realismo, acreditando sempre que seria possível.

À camara Municipal de Mangualde, ao Sr. Presidente Dr. João Azevedo, pela disponibilidade e à Engenheira Natércia pela possibilidade de visita ao Cine-Teatro sempre que solicitado.

Por último mas não menos importante, aos meus amigos e colegas pelo companheirismo, confiança e apoio.

RESUMO

Esta dissertação teve por objectivo aprofundar o conhecimento pela prática da reabilitação e a sua aplicação a um edifício icónico que apresenta necessidade de intervenção.

Grande parte do edificado dos centros históricos das cidades apresenta necessidade de intervenção, seja por falta de manutenção ou por abandono, sendo que este último aspecto é o que mais se verifica e prejudica o bom funcionamento das cidades.

Realidade que não afecta exclusivamente os edifícios habitacionais, mas também os equipamentos públicos, em particular aqueles destinados à cultura.

É nesta realidade que assenta a escolha do edifício objecto de estudo à presente dissertação, com objectivo de renascer a procura pela cultura, respeito pelo património e motivar a população a “habitar” o centro histórico.

Com esta linha de ideais, propõe-se a intervenção no Cine-teatro de Mangualde; obra do Arq. Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral em 1948; marco importante na cultura e património do concelho, sendo um edifício que actualmente se encontra em grave estado de ruína, representando assim uma enorme lacuna, tanto no tecido urbano como na difusão da cultura pela sociedade.

O objectivo desta intervenção prende-se pela reabilitação do edifício e sua reconversão em “Casa da Arte”.

Esta intervenção passa pelo respeito da importância dos elementos arquitectónicos do edifício original, como a organização da sala de espectáculos, a torre lateral e principalmente a fachada, passando também pelo melhoramento das valências necessárias ao cinema e teatro e o acrescentar de espaços para exposição de peças de arte ou eventos.

Palavras-chave: **Reabilitação; Cine-Teatro; Património; Cultura, Francisco Keil do Amaral.**

ABSTRACT

This dissertation intends to discuss the practice of architectural rehabilitation and its application to an iconic building in Mangualde, presently in ruin.

Today a significant part of many Portuguese historic centers are in need of rehabilitation, either due to a continuous absence of maintenance of their buildings or simple neglect. This reality does not affect exclusively residential buildings but also public buildings, namely those destined to cultural activities.

It is in this context that a building in the center of Mangualde was chosen to be the object of a rehabilitation proposal, in order to help its urban and social revival, increase the respect for cultural heritage and motivate local population to use the historic center.

With this line of thought, it is proposed to rehabilitate the cine-theatre of Mangualde; built in 1948 to the design of architect Francisco Keil do Amaral and an important landmark in the county. Being currently in a serious state of ruin, it represents a significant gap, both in the urban fabric and in the diffusion of culture.

The objective of this intervention is the rehabilitation of the building - respecting its architectural character and heritage value - and its reconversion into an "Art House"

This intervention is based on the respect for the importance of its architectural character and elements of the original building, such as the internal spatial organization of the theater, the side tower and especially the façade, as well as the improvement of the necessary technical conditions for cinema and theatre use and the addition of new spaces for art exhibition or events.

Keywords: Rehabilitation; Cine-Theatre; Heritage; Culture, Francisco Keil do Amaral.

INDICE

Índices de Gráficos.....	IX
Índice de Tabelas.....	IX
Índice de Figuras.....	VIII
Índice de Desenhos.....	IX
Abreviaturas.....	XVI

PARTE I

1. Introdução.....	1
1.1 Objectivos.....	2
1.2 Metodologia.....	2
1.3 Estrutura da Dissertação.....	3
2. A REABILITAÇÃO – Conceitos e Entidades.....	4

Parte II

3. Os Cinemas.....	15
4. Os Cine-Teatros em Portugal.....	24
5. O Cine-Teatro de Mangualde.....	28
5.1 Mangualde.....	28
5.2 Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral.....	33
5.3Ante Projecto do Cine-teatro de Mangualde.....	38
5.4 Projecto do Cine-teatro de Mangualde.....	42
5.5 Estado de Conservação.....	57

PARTE III

6. Proposta CASA DA ARTE de Mangualde.....	85
--	----

PARTE IV

Conclusão.....	131
----------------	-----

Bibliografia.....	133
-------------------	-----

VOLUME II

ANEXOS

Anexo I – Levantamento - Edifício Original

Anexo II – Estado de Conservação Actua

Anexo III – Vermelhos e Amarelos

Anexo IV – Proposta – Casa da Arte de Mangualde

INDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Variação do número de habitantes em Mangualde desde 1900. INE, 2017.....	31
Gráfico 2 - Estrutura das famílias no concelho de Mangualde em 2011. INE, 2017.....	31
Gráfico 3 - Indivíduos por faixa etária no concelho de Mangualde em 2011. INE, 2017	32

INDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplos de Cine Teatros construídos em Portugal da década de 30 até à década de 60 do século XX.....	56
Tabela 2 – Ficha de Patologias (MAEC)	58
Tabela 3 - Índice de anomalias do estado de conservação; MAEC 2006	60

INDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Hipódromo da Praça Clichy, Paris, 1921; Anabela Felino, 2008	16
Figura 2 – Primeira sala de cinema Lummiere Paris; Anabela Felino 2008	16
Figura 3 – Interior das salas Nickelodeon; Anabela Felino 2008	17
Figura 4 – Exterior das salas Nickelodeon; Anabela Felino 2008	17
Figura 5 – Interior Uptown Theater – Chicago 1925; Anabela Felino 2008	18
Figura 6 – Interior Loews Kings Theater – Brooklin 1929; Anabela Felino 2008	18
Figura 7 – Cinema Titania Palast – Berlim 1921; Anabela Felino 2008	19
Figura 8 – Cinema Odeon Moreconde – Inglaterra 1937; Anabela Felino 2008	19
Figura 9 – Chiado Terrasse Original - Lisboa; Anabela Felino 2008	20
Figura 10 – Chiado Terrasse Nova fachada - Lisboa; Anabela Felino 2008	20
Figura 11 - Dólmen da Cunha Baixa, panorâmico.com 2017	28
Figura 12 - Complexo Citânia da Raposeira, Arquehoje, Lda 2017	29

Figura 13 - Banhos da Citânia da Raposeira, Arquehoje, Lda 2017	29
Figura 14 - Palácio dos Condes de Anadia, Skykrappercity 2017	29
Figura 15 - Escadaria interior, Skykrappercity 2017	29
Figura 16 - Ermida Sr ^a Castelo, Terceira Dimensão 2017	30
Figura 17 - Igreja da Sr ^a Castelo, Terceira Dimensão 2017	30
Figura 18 - Cine-Teatro Mangualde, Arq. Carolina Monteiro, 2013	30
Figura 19 - Interior do Cine-teatro, Pedro Santos, 2016	30
Figura 20 – Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral	33
Figura 21 – Pavilhão de Portugal para a Feira Internacional de Paris 1937, Francisco Keil Amaral	33
Figura 22 – Raadhuis Van Hilversum, Marinus Dudok – Holanda 1931	34
Figura 23 - Arquitectura Popular em Portugal Volume 3, Sindicato Nacional dos Arquitectos 1960, Rui Santos 2013	35
Figura 24 – Arquitectura e a Vida de Francisco Keil Amaral, 1942	36
Figura 25 – Clube de Ténis em Monsanto - Lisboa, Francisco Keil Amaral 1950	36
Figura 26 – Fachada da torre da estufa-fria do Parque Eduardo VII - Lisboa, Francisco Keil Amaral	36
Figura 27 - Cineteatro de Mangualde, Alçado Poente, Anteprojecto, Keil do Amaral (Amaral 1947)	38
Figura 28 - Cineteatro de Mangualde, Alçado Lateral, Anteprojecto, Keil do Amaral (Amaral 1947)	39
Figura 29 - Cineteatro de Mangualde, Alçado Lateral, Anteprojecto, Keil do Amaral (Amaral 1947)	40
Figura 30 - Cineteatro de Mangualde, Planta Piso Térreo, projecto, Keil do Amaral (Amaral 1947)	41
Figura 31 – Fotografia projecto original, Planta de Localização Cine-Teatro de Mangualde, Corolina Monteiro 2013	42
Figura 32 – Esquema volumétrico Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	43

Figura 33 - Organograma de funcionamento do piso 0 do Cine-teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	43
Figura 34 - Organograma de funcionamento do piso 1 do Cine-teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	44
Figura 35 - Organograma de funcionamento do piso 2 do Cine-teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	45
Figura 36 – Fotografia projecto original, Alçado Poente Cine-Teatro de Mangualde, Corolina Monteiro 2013	46
Figura 37 – Alçado Poente Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	46
Figura 38 – Fotografia projecto original, Alçado Norte Cine-Teatro de Mangualde, Corolina Monteiro 2013	47
Figura 39 – Alçado Norte Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	48
Figura 40 – Planta Piso 0 Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	48
Figura 41 – Planta Piso 1 Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	49
Figura 42 – Planta Piso 2 Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	50
Figura 43 – Modelação sistema construtivo e materiais da fachada do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	51
Figura 44 – Modelação sistema construtivo da cobertura original do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	51
Figura 45 – Secção 3D, modelação de alguns elementos construtivos do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	52
Figura 46 – Exemplos dos bancos da sala de espectáculos do Cine-Teatro de Mangualde, Mercearia D´Avó Torreira 2017 Pedro Santos	53
Figura 47 – Luminárias de parede da sala de espectáculos do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	53
Figura 48 – Luminária da porta da sala de espectáculos e Sinalética luminosa no bar do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	53
Figura 49 – Construção do Cine-teatro de Mangualde; Pires1949; (Dissertação Rui Santos, 2013)	54
Figura 50 – Modelação virtual do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017	54

Figura 51 - Cine-teatro Alçado de rua, Planta de localização e secção transversão da rua. Pedro Santos 2017	55
Figura 52 - Peça de Teatro “Companhia da alegria no descanso“ no Cine-Teatro de Mangualde, 1962. Rui Santos 2013	55
Figura 53 - Cartaz do filme “Um Raio de Luz” exibido no Cine-teatro de Mangualde, 1962, CM Mangualde 2017	55
Figura 54 - Estado Conservação Alçado Poente, Pedro Santos 2017	62
Figura 55 - Estado Conservação Alçado Norte, Pedro Santos 2017	64
Figura 56 - Estado Conservação Planta Piso 0, Pedro Santos 2017	67
Figura 57 - Estado Conservação Secção A-B, Pedro Santos 2017	71
Figura 58 - Estado Conservação Planta Piso 1, Pedro Santos 2017	73
Figura 59 - Estado Conservação Secção C-D, Pedro Santos 2017	75
Figura 60 - Estado Conservação Planta Piso -1, Pedro Santos 2017	77
Figura 61 - Estado Conservação Planta Piso 2, Pedro Santos 2017	79
Figura 62 - Estado Conservação Planta da Cobertura, Pedro Santos 2017	81
Figura 63 - Estado Conservação Secção E-F, Pedro Santos 2017	82
Figura 64 - Estado Conservação Secção G-H, Pedro Santos 2017	82
Figura 65 - Secção C-D Vermelhos e Amarelos da casa da arte de Mangualde, Pedro Santos 2017	86
Figura 66 - Vermelhos e Amarelos Planta piso 0 da casa da arte de Mangualde, Pedro Santos 2017	87
Figura 67 - Vermelhos e Amarelos Planta piso 1 da casa da arte de Mangualde, Pedro Santos 2017	87
Figura 68 - Vermelhos e Amarelos Planta piso 3 da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos 2017	88
Figura 69 - Organograma de funcionamento do piso -1 da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos 2017	88
Figura 70 - Organograma de funcionamento do piso 0 da casa da arte de Mangualde, Pedro Santos 2017	89

Figura 71- Organograma de funcionamento do piso 1 da casa da arte de Mangualde, Pedro Santos 2017	89
Figura 72- Organograma de funcionamento do piso 2 da casa da arte de Mangualde, Pedro Santos 2017	90
Figura 73- Organograma de funcionamento do piso 3 da casa da arte de Mangualde, Pedro Santos 2017	90
Figura 74- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Planta Piso 0, Pedro Santos 2017	91
Figura 75- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Planta Piso 1, Pedro Santos 2017	93
Figura 76- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Planta Piso 2, Pedro Santos 2017	95
Figura 77- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Secção C-D, Pedro Santos 2017	96
Figura 78- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Planta Piso 3, Pedro Santos	97
Figura 79- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Secção A-B, Pedro Santos	98
Figura 80- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Secção I-J, Pedro Santos	99
Figura 81- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Planta Piso -1, Pedro Santos	100
Figura 82- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Alçado Poente, Pedro Santos	101
Figura 83- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Alçado Norte, Pedro Santos	102
Figura 84- Vista 3D Proposta CASA DA ARTE de Mangualde, Pedro Santos 2017	102

INDICE DE DESENHOS**VOLUME II****LEVANTAMENTO****ANEXO I**

LV-01-11	- Levantamento localização, alçado de rua	desenho 1
LV-02-12	- Levantamento piso -1	desenho 2
LV-03-12	- Levantamento piso 0	desenho 3
LV-04-12	- Levantamento piso 1	desenho 4
LV-05-12	- Levantamento piso 2	desenho 5
LV-06-12	- Levantamento cobertura	desenho 6
LV-07-12	- Levantamento Alçado Poente	desenho 7
LV-08-12	- Levantamento Alçado Norte	desenho 8
LV-09-12	- Levantamento Secção A-B	desenho 9
LV-10-12	- Levantamento Secção C-D	desenho 10
LV-11-12	- Levantamento Secção E-F	desenho 11
LV-11-12	- Levantamento Secção G-H	desenho 12

ESTADO DE CONSERVAÇÃO**ANEXO II**

EC-01-11	-Estado de Conservação Piso -1	desenho 1
EC-02-11	-Estado de Conservação Piso 0	desenho 2
EC-03-11	-Estado de Conservação Piso 1	desenho 3
EC-04-11	-Estado de Conservação Piso 2	desenho 4
EC-05-11	-Estado de Conservação Cobertura	desenho 5
EC-06-11	-Estado de Conservação Alçado Poente	desenho 6
EC-07-11	-Estado de Conservação Alçado Norte	desenho 7
EC-08-11	-Estado de Conservação Secção A-B	desenho 8
EC-09-11	-Estado de Conservação Secção C-D	desenho 9
EC-10-11	-Estado de Conservação Secção E-F	desenho 10
EC-11-11	-Estado de Conservação Secção G-H	desenho 11

VERMELHOS E AMARELOS

VA-01-11	-Vermelhos e Amarelos Piso -1	desenho 1
VA-02-11	- Vermelhos e Amarelos Piso 0	desenho 2
VA-03-11	- Vermelhos e Amarelos Piso 1	desenho 3
VA-04-11	- Vermelhos e Amarelos Piso 2	desenho 4
VA-05-11	- Vermelhos e Amarelos Cobertura	desenho 5
VA-06-11	- Vermelhos e Amarelos Alçado Poente	desenho 6
VA-07-11	- Vermelhos e Amarelos Alçado Norte	desenho 7
VA-08-11	- Vermelhos e Amarelos Secção A-B	desenho 8
VA-09-11	- Vermelhos e Amarelos Secção C-D	desenho 9
VA-10-11	- Vermelhos e Amarelos Secção E-F	desenho 10
VA-11-11	- Vermelhos e Amarelos Secção G-H	desenho 11

ANEXO III**PROPOSTRA**

PR-01-13	-Proposta Piso -1	desenho 1
PR-02-13	- Proposta Piso 0	desenho 2
PR-03-13	- Proposta Piso 1	desenho 3
PR-04-13	- Proposta Piso 2	desenho 4
PR-05-13	- Proposta Piso 3	desenho 5
PR-06-13	- Proposta Cobertura	desenho 6
PR-07-13	- Proposta Alçado Poente	desenho 7
PR-08-13	- Proposta Alçado Norte	desenho 8
PR-09-13	- Proposta Secção A-B	desenho 9
PR-10-13	- Proposta Secção C-D	desenho 10
PR-11-13	- Proposta Secção E-F	desenho 11
PR-12-13	- Proposta Secção G-H	desenho 12
PR-13-13	- Proposta Secção I-J	desenho 13

ANEXO IV

ABREVIATURAS

C.M.M – Câmara Municipal de Mangualde

D.G.E.M.N. – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

D.G.P.C. – Direcção Geral do Património Cultural

I.G.E.S.P.A.R. – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

I.P.A. – Instituto Português da Arqueologia

I.P.P.A.R. – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico

I.P.P.C. – Instituto Português do Património Cultural

O.N.U. – Organização das Nações Unidas.

P.D.M. – Plano Director Municipal

S.I.P.A. – Sistema de Informação do Património Arquitectónico

U.N.E.S.C.O. – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Parte I

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas a reabilitação tem vindo a assumir uma enorme preponderância no desenvolvimento cultural e socioeconómico das sociedades, sejam estas mais ou menos desenvolvidas.

O uso da reabilitação como ferramenta da arquitectura não é algo recente, é a partir do início da segunda metade do século XX, com o fim da Segunda Guerra Mundial, que aparece uma maior necessidade de reconstruir e restaurar, não apenas para o retomar à normalidade, mas também para preservar a herança do passado.

Actualmente o papel da reabilitação extrapola o edifício alvo da intervenção, actuando como uma ferramenta aglutinadora do tecido urbano e social. Isto deve-se ao facto de até sensivelmente aos meados da década passada os centros urbanos terem vindo a ser gradualmente abandonados, quer seja por envelhecimento e ruína do tecido urbano quer por falta de edifícios capazes de satisfazer as necessidades socioculturais das populações, algo que não acontece hoje em dia graças às novas políticas de intervenção urbana e projectos de revitalização dos centros históricos, cativando assim novamente a população a habitar os núcleos das cidades.

Apesar deste papel dinamizador da reabilitação, muitas vezes o peso económico é maior que o cultural e as intervenções dão lugar a reconversões das funções do edifício, o que muitas vezes funciona bem, mas, em inúmeros casos, por falta de sensibilidade do arquitecto, por má localização do edifício, por falta de planos sustentáveis ou por falta de regulamentos mais assertivos no que toca a preservação de elementos de elevada importância no panorama arquitectónico, leva à perda desses mesmos elementos; e em casos mais extremos; ficando o edifício totalmente irreconhecível, o que pode desencadear uma má aceitação por parte da população, levando ao abandono do mesmo.

Assim sendo, e que para tal não aconteça, deve equacionar-se o papel do edifício original na sociedade que o envolve; seja qual for o seu estado de conservação; e se a reconversão de funções é a única opção ou até mesmo compatível com a estrutura do edifício sem comprometer os seus elementos notáveis (estéticos ou técnicas construtivas) que lhe conferem a devida importância na sociedade.

É nesta sequência de ideias que desponta o tema do presente trabalho abordando a necessidade de preservação de um marco importante no centro histórico de Mangualde, sendo proposta a reabilitação e reconversão do Cine-Teatro Império de Mangualde em Casa da Arte.

1.1 Objectivos

Com a presente dissertação pretende-se desenvolver uma proposta de reabilitação e reconversão do Cine-Teatro de Mangualde em Casa da Arte, tendo em conta a relevância que o edifício impõe no património cultural da cidade e por sua vez preencher a lacuna existente em termos de espaços de exposição de arte e grande auditório.

Procura-se com este trabalho, denotar a importância do papel da reabilitação na reestruturação e consolidação do tecido urbano da cidade e também o seu impacto na vertente social.

Por último, mas não menos importante, esta dissertação tem como base de trabalho a aquisição de conhecimentos mais aprofundados sobre processos inerentes à prática da reabilitação, seja na preservação de elementos arquitectónicos importantes; de forma a respeitar a essência do edifício e ideias do arquitecto original; como prolongar a vida útil do edifício adaptando-o às novas valências e necessidades actuais; seja de segurança, conforto ou utilidade.

1.2 Metodologia

Esta dissertação assenta numa investigação teórica e análise física do edifício, que após a interpretação das mesmas, servem como apoio ao desenvolvimento da proposta de reabilitação e reconversão do Cine-Teatro em Casa da Arte de Mangualde.

Como primeira fase de trabalho, fez-se uma contextualização dos conceitos de centro histórico e reabilitação, com o objectivo de compreender as práticas inerentes à reabilitação e as lacunas existentes no edificado em Portugal.

Seguindo-se uma investigação direccionada à temática que envolve o edifício alvo desta dissertação, apresentando o enquadramento dos cinemas desde o seu início, e os Cine-Teatros em Portugal, bem como o espólio existente destes últimos e os intervenientes mais significativos neste campo.

Serão expostas também as características do concelho de Mangualde, sejam culturais, demográficas e até a sua legislação inerente ao edificado.

Tratando-se de um edifício icónico na cidade bem como o seu arquitecto no panorama da arquitectura do séc. XX, é feita uma revisão teórica sobre a vida e obra de Francisco Keil do Amaral, a fim de expor os seus ideais e opções arquitectónicas para o Cine-Teatro aquando do projecto inicial.

Numa última fase, é exposta uma revisão teórica específica ao Cine-Teatro de Mangualde e as suas fases de concepção; anteprojecto; projecto; construção; abandono e conseguinte estado actual de ruína; apresentando com base em elementos específicos; o seu estado actual de conservação de forma mais detalhada.

Após toda a investigação teórica e revisão da informação; visita ao edifício e análise ao seu estado de conservação, iniciou-se a elaboração de uma proposta de reabilitação e sua reconversão, tendo por base toda a informação da análise anterior, visando assim atingir os objectivos propostos anteriormente.

1.3 Estrutura da Dissertação

A presente dissertação desenvolve-se pelos seguintes capítulos:

O primeiro capítulo apresenta a introdução, metodologia adoptada e contextualização da prática da Reabilitação.

O segundo capítulo destinar-se-á a uma exposição geral sobre os cine-Teatros em Portugal (surgimento, mutação e abandono), dando maior ênfase ao cine-Teatro de Mangualde e ao seu arquitecto Francisco Keil do Amaral, sobre o qual será exposta vida e obra.

Será também desenvolvido neste capítulo os aspectos específicos ao edifício em causa, como a análise do ante projecto face ao projecto construído e actual estado de conservação.

No terceiro capítulo, será apresentada a proposta de intervenção de reabilitação e reconversão do cine-Teatros de Mangualde em Casa da Arte e justificação das opções de projecto.

Por último, o quarto capítulo destina-se à apresentação de algumas conclusões ao desenvolvimento do processo de intervenção. Sendo o quinto e último capítulo destinado as referências bibliográficas e anexos, onde serão expostas as peças desenhadas relativas à intervenção proposta para a casa da arte de Mangualde.

2. A REABILITAÇÃO – Conceitos e Entidades

Nas últimas décadas, tem aumentado a tendência para a reabilitação do edificado antigo, constituindo grande parte do volume da construção.

Por outro lado, existe maior facilidade na construção de raiz visto ser necessário ter em consideração o estado de conservação e relevância dos elementos arquitectónicos do edificado antigo, o que torna a prática da reabilitação mais complexa.

Mas o que é a prática de reabilitação?

A reabilitação pode definir-se como o conjunto de operações destinadas a garantir a possibilidade de reutilização plena do edificado existente, adaptando-a a exigências contemporâneas, e estabelecendo um compromisso entre a sua identidade original e a que resulta da própria reabilitação (João Appleton, 2014)¹.

¹ APPLETON, João, 2.as Jornadas da Especialização em Direcção e Gestão da Construção “Reabilitação de Edifícios: princípios e práticas” 2014

Para entendermos realmente o conceito de reabilitação, devemos primeiramente perceber as práticas que a constituem, como a conservação, o restauro, a manutenção, a reparação e a reconstrução.

Entende-se por conservação, a acção de salvaguardar o valor histórico de um edifício, dotando-o de segurança, conforto e habitabilidade, através de uma intervenção mínima, preservando materiais originais e autenticidade histórica.

A prática de restauro, visa a recuperação estética idêntica ao original, restabelecendo a aparência, materiais e estilos do edifício.

Reparação é a prática relativa ao conjunto de operações com o objectivo de resolver as patologias existentes.

Já a manutenção define-se pelas acções preventivas, que possibilitam o correcto funcionamento do edifício.

Por último, a reconstrução é a prática definida por um conjunto de acções, com o objectivo de construir novamente o edifício (parte ou totalidade) que encontre em ruína ou em grave estado de conservação.

Tal como a arquitectura evoluiu ao longo dos séculos, a aplicação destas práticas também vem sendo alterado consoante o entendimento da arte e dos estilos de cada era, principalmente a partir do século XIX.

É a partir deste século que surgem os mais importantes nomes ligados à teoria da conservação e do restauro, como Eugène Viollet-de-Luc, que defendia a destruição de todos os acrescentos de épocas anteriores de modo a restituir cientificamente o original, conduzindo o edifício ao seu estado mais puro.

Em contra posto a estas ideias, aparecem John Ruskin e William Morris.

Para John Ruskin, os acrescentos feitos aos edifícios originais denominava-os de mentiras arquitectónicas. Este considerava a produção industrial, uma falsidade, defendendo que “a arquitectura seria tanto mais nobre quanto mais evitasse todos estes procedimentos falsos”².

² Ruskin, John, 1912. *Las Siete Lámparas de la Arquitectura*, 2ª edição Editorial Alta Fulla, (1987) Barcelona

Já William Morris, defendia a constante manutenção do edifício para evitar um futuro restauro, e caso este fosse necessário seria apoiado nas ideias de Ruskin.

No início do século XX, surge um grupo de arquitectos, preocupados com a preservação dos valores históricos e autenticidade dos monumentos, sustentados pelos princípios estabelecidos por Camillo Boito defendem uma intervenção de nível intermédio (base das teorias actuais).

Boito defende, que os acrescentos de épocas posteriores testemunham a história do monumento, e que deve ser feita a manutenção do edifício ao longo do tempo evitando o restauro com acrescentos e renovações.

A quando da necessidade de restauro deveria obedecer aos seguintes critérios:

- Diferenciação entre o estilo antigo e novo;
- Diferenciação de materiais e o seu emprego;
- Supressão de decorações nas partes novas;
- Guarda e exposição das partes removidas do monumento;
- Marcação das áreas restauradas permitindo a sua identificação;
- Elaboração de uma memória descritiva do processo de intervenção do monumento;
- Descrição com gráficos e fotos de todas as fases dos trabalhos de restauro e a sua publicação;
- Notoriedade visual das intervenções realizadas.

O conjunto dos seus ideais viera a ser seguido um pouco por toda a Europa, conhecido por anti restauro, sendo mais tarde contestado por Gustavo Giovannoni; aluno de Boito; conhecido pelo criador do restauro científico.

Em 1931 é assinada a Carta de Atenas, após a percepção da necessidade de estabelecer regras aceites internacionalmente, visando solucionar os problemas complexos de salvaguarda do património artístico e histórico.

Este documento assenta sobre as seguintes ideias fundamentais³:

- Manutenção e conservação regular das obras de arte e monumentos como medida eficaz para assegurar a durabilidade dos objectos e evitar as restituições integrais;
- Quando seja inevitável a intervenção, pela degradação do monumento, é aconselhável respeitar todas as obras históricas e artísticas do passado sem excluir estilos de qualquer época;
- Importância da reutilização do edifício, mantendo o seu uso original ou uso funcionalmente mais adequado, de modo a respeitar o carácter histórico e artístico, garantindo a sua continuidade futura;
- Valorização do aspecto envolvente do edifício, recomendando a reflexão sobre novas construções nas proximidades do monumento, de modo a não degradar a paisagem e o ambiente;
- Devem ser suprimidos elementos como publicidade, postes e fios telefónicos, indústrias ruidosas e outros;
- É aceitável utilizar os recursos da técnica moderna, inclusive o betão armado, usando-os de forma dissimulada, para que não alterem a imagem e o carácter do monumento;
- O monumento antes da intervenção deve ser alvo de estudo e análise de toda a documentação, de modo a realizar um diagnóstico correcto e trabalhos de restauro mais adequados.

(Carta de Atenas, 1931)³

Estas ideias de intervenção mínima assentes na Carta de Atenas, são colocadas em causa após a devastação e destruição causada pela Segunda Guerra Mundial.

Cesari Brandi, veio defender que o restauro deverá restabelecer a unidade potencial da obra de arte, sempre que isto seja possível com cometer uma

³ Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos, (1931), DGPC 2017

falsidade artística ou uma falsidade histórica, e sem apagar as marcas do percurso da obra através do tempo.”⁴

Posto isto a ONU cria em 1945, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com o objectivo de fazer prevalecer a justiça, a lei e os direitos do homem, promovendo a educação, ciência e a cultura a nível universal, definindo o conceito de Património Arquitectónico e estabelecendo convenções e recomendações para a sua Salvaguarda.

Já em Portugal, durante o Regime do Estado Novo é criada a (DGEMN) Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, da qual partiam intervenções onde era feita a reconstituição completa de monumentos, e os restauros mais antigos eram muitas vezes sinónimo de destruição de elementos artísticos de épocas anteriores.

Por toda a Europa começa a surgir a necessidade de ampliar a noção de património arquitectónico e identificar a importância da conservação de áreas e estruturas edificadas; urbanas e ou rurais.

É realizado em 1964, o II Congresso de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos de onde surge a Carta de Veneza. Este documento vem dar resposta à necessidade acima referida da ampliação de conceitos de património entre outros. Os pontos de enfoque desta definem-se por⁵:

- A noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica isolada, bem como o sítio, rural ou urbano, que constitua testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Esta noção aplica-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas do passado que adquiriram, com a passagem do tempo, um significado cultural.
- A conservação e o restauro dos monumentos exigem a colaboração de todas as ciências e de todas as técnicas que possam contribuir para o estudo e para a salvaguarda do património monumental.

⁴ Brandi, Cesari, 1988. *Teoria de la Restauracion*, Alianza 2009, Madrid

⁵ II Congresso Internacional dos Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos, Veneza, 1964. Adoptada pelo ICOMOS em 1965 www.icomos.org/charters/Venice%20Charter%20-%20Portuguese.DOC

- A conservação e o restauro dos monumentos visam salvaguardar, quer a obra de arte, quer o testemunho histórico.
- A conservação dos monumentos impõe, em primeiro lugar, uma manutenção permanente dos mesmos.
- A conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua afectação a uma função útil à sociedade. Tal afectação é desejável mas não pode, nem deve, alterar a disposição e a decoração dos edifícios. É dentro destes limites que se devem conceber, e que se podem autorizar, as adaptações exigidas pela evolução dos usos e dos costumes.
- A conservação de um monumento implica a conservação de uma zona envolvente à sua escala. Quando ainda exista o enquadramento tradicional, este deverá ser conservado, não devendo ser permitidas construções novas, demolições ou quaisquer arranjos susceptíveis de alterar as relações de volume e cor.
- O monumento é inseparável da História, da qual é testemunho, e também do meio onde está inserido. Consequentemente, a deslocação de um monumento, na totalidade ou apenas de uma parte, não pode ser permitida, a não ser que a sua salvaguarda o exija, ou quando razões de relevante interesse nacional ou internacional o justifiquem.
- Os elementos de escultura, pintura ou decoração que fazem parte integrante de um monumento não se podem separar dele, a não ser que esta seja a única forma de assegurar a sua conservação.
- O restauro é uma operação altamente especializada que deve ter um carácter excepcional. Destina-se a preservar e a revelar os valores estéticos e históricos dos monumentos e baseia-se no respeito pelos materiais originais e por documentos autênticos. Não devem ser empreendidos restauros quando se está em presença de hipóteses visando reconstituições conjecturais. Nestes casos, qualquer acrescento ou complemento, que se reconheça indispensável, por razões estéticas ou técnicas, deverá harmonizar-se arquitectonicamente com o existente e deixar clara a sua

contemporaneidade. O restauro deverá ser sempre precedido e acompanhado de um estudo arqueológico e histórico do monumento.

- Nos casos em que as técnicas tradicionais se revelarem inadequadas, a consolidação de um monumento pode ser assegurada através do recurso a outras técnicas modernas de conservação e de construção, desde que a sua eficácia tenha sido comprovada por dados científicos e garantida pela experiência.

- A unidade de estilo não deve constituir um objectivo a alcançar no decurso de um restauro. Pelo contrário, devem ser respeitados os contributos válidos das diferentes fases de construção. Quando um edifício contiver estilos diferentes, em resultado de diversas campanhas de obras ao longo do tempo, não se justifica a remoção de partes do edifício, a não ser excepcionalmente, quando os elementos a remover tenham pouco interesse e quando aquilo que se pretenda pôr a descoberto possua um relevante valor histórico, arqueológico ou estético, e o seu estado de conservação seja suficientemente aceitável para justificar a acção. A apreciação sobre o valor histórico, arqueológico ou estético dos referidos elementos e a decisão sobre as eventuais remoções a efectuar não podem depender unicamente da opinião do responsável pelo restauro.

- Os elementos destinados a substituir as partes inexistentes de uma edificação devem integrar-se harmoniosamente no conjunto, distinguindo-se sempre das partes originais, a fim de que o restauro não falseie o significado artístico ou histórico do documento.

- Os novos acrescentos apenas podem ser tolerados se respeitarem todas as partes interessantes do edifício, bem como a sua localização tradicional, o equilíbrio da sua composição e as suas tradicionais relações com o meio envolvente.

- Todos os trabalhos de conservação, de restauro e as escavações deverão ser sempre acompanhados pela compilação de documentação precisa, sob a forma de relatórios analíticos ou críticos, ilustrados com desenhos e fotografias. Todas as fases dos trabalhos de desobstrução, de consolidação, de recomposição e de reintegração, assim como os elementos técnicos e formais

identificados no decurso dos trabalhos deverão ser anotados. Esta documentação deverá ser guardada nos arquivos de um organismo público e colocada à disposição dos investigadores, recomendando-se a sua publicação.

(carta de Veneza, 1964)⁵

Com a noção de património veio sendo alterada ao longo dos tempos aparece em 1991 a Carta de Cracóvia, esta assenta sobre o respeito dos direitos humanos e a liberdade fundamental como base para o desenvolvimento da cultura e a cooperação da formação técnico-científica entre os países.⁶

Apoiado neste documento em 1992, substituindo o Instituto Português do Património Cultural (IPPC) da década de 80, surge o (IPPAR) Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, tendo como objectivo de promover “a salvaguarda e valorização dos bens que, pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico ou paisagístico, integram o património arquitectónico e arqueológico do país.” (Diário da Republica, 1994)⁷. Com base em grande parte dos conceitos da Carta de Veneza, e com a necessidade de investigação e aprofundamento do conceito de conservação, é realizada no ano de 2000 a conferencia “Cracóvia 2000”, com objectivo de serem apresentadas novas ideias sobre a conservação e restauro do património.

Neste documento é definido que cada intervenção é distinta mas deve zelar pela salvaguarda do património histórico, cultural e arquitectónico, obedecendo aos seguintes critérios que ainda hoje pautam as intervenções de reabilitação:

- Eficácia (comprovada pelos critérios qualitativos e quantitativos);
- Compatibilidade (nível mecânico, construtivo e arquitectónico da aplicação dos materiais);
- Autenticidade (manter a diferença entre o proposto e original);
- Durabilidade (não por em causa a integridade estrutural do edifício original);

⁶ Cartas e Convenções Internacionais, Informar para proteger, Património Arquitectónico e Arqueológico, Ministério da Cultura, I.P.P.A.R., 1996

⁷ Diário da Republica, alteração ao Decreto-Lei 316/94

- Reversibilidade (garantir a futura remoção dos acrescentos sem por em causa o original);
- Eficiência (execução com menor consumo possível de recursos).

(carta de Cracóvia, 2000)⁶

Em Portugal, actualmente, estes critérios são orientados pelo (IGESPAR) Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, que substituiu o antigo IPPAR em 2007. Este órgão nasce da fusão do IPPAR com o (IPA) Instituto Português da Arqueologia e tem como objectivo a conservação e reabilitação do património, apoiado pelo (SIPA) Sistema de Informação do Património Arquitectónico que veio substituir o DGEMN em funcionamento desde o Estado Novo (Diário da Republica, 2007)⁸.

Estas duas entidades fazem parte integrante da (DGPC) Direcção Geral do Património Cultural que por sua vez está sob a alçada do Ministério da Cultura Português.

⁸ Diário da Republica, Portaria 376/2007 pag, 2020-2024.

Parte II

OS CINEMAS

CINE-TEATROS EM PORTUGAL

FRANCISCO CAETANO KEIL COELHO DO AMARAL

CINE-TEATRO DE MANGUALDE

3. OS CINEMAS

A arte do cinema surge por volta dos finais do século XIX, no seio académico e científico, mas só após a exibição ao público pelos irmãos Lummière do primeiro filme pago; que embora não fosse mais do que uma série de imagens em movimento de uma forma meia que rudimentar; é criado um grande entusiasmo nos espectadores.

No início estas películas eram exibidas em locais como garagens pequenas salas e até mesmo em pequenas barracas improvisadas, sem as condições de conforto, segurança ou esplendor que se fazia sentir nos teatros.

Após a receptividade do público ao cinema, este passa pela sua exibição em espaços como Teatros, Music-Halls, cafés-concerto entre outros, visto estes estarem providos das condições de conforto e capacidade para um maior número de espectadores.

Enquanto os irmãos Lummière entre outros se mantinham associados aos espaços acima referidos, a verdadeira expansão do cinema acontece através das feiras e circos, sendo apresentado como um novo fenómeno.

Aqui surgem as primeiras salas destinadas a projecção de películas, inicialmente à semelhança das salas improvisadas e inspiradas nas barracas de feira, mas com uma decoração extrema, pretendendo denotar a ideia de festividade bem como luxúria e requinte.

Estas pequenas salas caracterizavam-se; além da decoração da fachada; pela sala rectangular com filas de bancos corridos, ecrã e cabine de projecção. Elementos mesmo que rudimentares, vêm a tornar-se em termos de espacialidade e ornamento e popularidade nos princípios caracterizadores do cinema.

Mais tarde, de forma a favorecer os produtores, os filmes deixam de ser vendidos mas alugados aos responsáveis pelas salas de projecção, o que irremediavelmente leva ao quase desaparecimento dos cinemas itinerantes das feiras e circos.

Face à procura e rentabilidade do cinema, estes vêm a estabelecer-se de forma fixa, muitas vezes em edifícios abandonados como, hipódromos, escolas, igrejas, hangares e armazéns, adaptando a decoração exterior da fachada (Figura 1) de modo a aumentar a atractividade do público, bem como o interior fazendo-o parecer o mais possível com uma sala de cinema.



FIGURA 1 – Hipódromo da praça Clichy – Paris 1921; Anabela Felino 2008



FIGURA 2 – Primeira sala de cinema Lumiere Paris; Anabela Felino 2008

Devido aos inúmeros espaços reaproveitados para a prática do cinema e a falta de exclusividade dos teatros, Music-halls e cafés-concerto, aparecem um pouco por toda a Europa, salas de cinema que funcionam sob a forma de lojas em armazéns, no piso térreo dos edifícios das grandes cidades, como por exemplo em Paris, o Cinematógrafo Lummière, provavelmente a primeira sala de cinema do mundo, construída especialmente para o efeito (Figura 2).

Já nos Estados Unidos, estas lojas aparecem sob a forma de Penny Arcades e em 1905 surgem as primeiras salas de cinema criadas exclusivamente para a projecção de filmes; os Nickelodeons.

Criadas pelos irmãos Miles em Pittsburgh, estas salas; sob a forma de lojas; apresentavam uma estrutura simples, à semelhança dos cinemas de feira, dispendo de uma sala rectangular, um ecrã de cor clara pintado numa parede, iluminação acentuada, decoração em torno do ecrã e ornamentos com a publicidade aos filmes em exibição na fachada (Figuras 3 e 4).

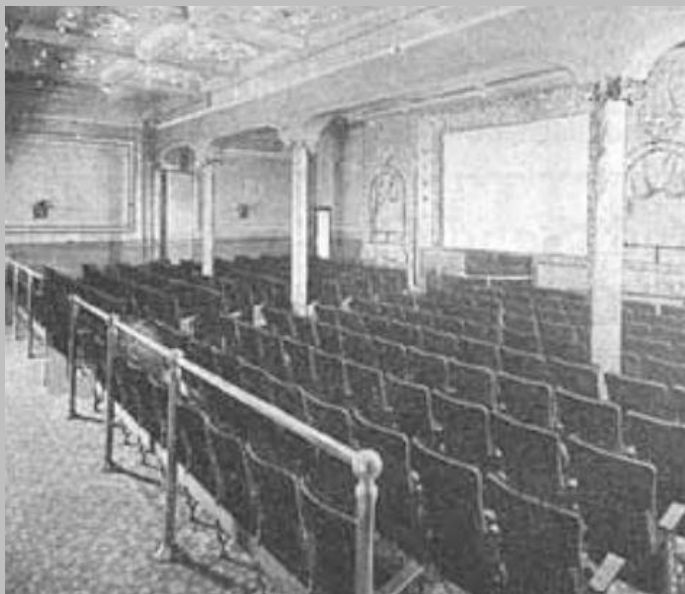


FIGURA 3 – Interior das salas Nickelodeon; Anabela Felino 2008

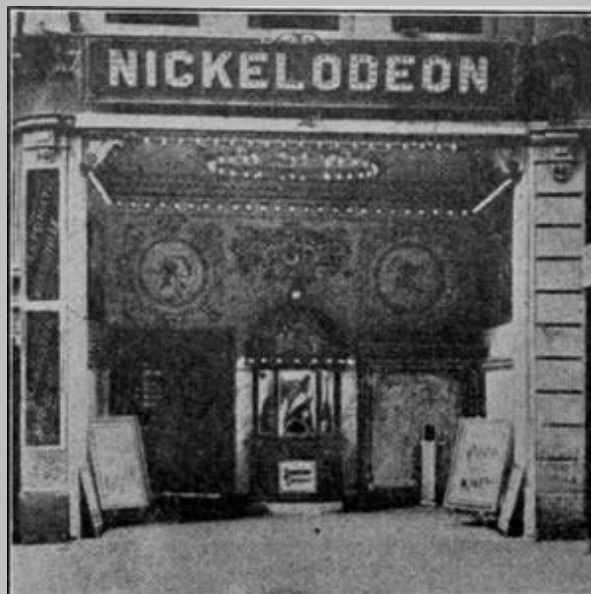


FIGURA 4 – Exterior das salas Nickelodeon; Anabela Felino 2008

O próprio nome Nickelodeon; NICKEL – moeda de 5 cêntimos, ODEON – teatro coberto; denota a simplicidade e sentido prático que estava assente nestas salas.

Este conceito simples é adoptado por toda a América, criando assim uma vasta rede de salas Nickelodeon. Na Europa, aparecem salas construídas de raiz com maior capacidade mas com o mesmo conceito de organização, exemplo disso são os Electric Theaters em Inglaterra com capacidade para cerca de 200 pessoas, mas com uma caracterização formal semelhante aos Nickelodeon.

Nas décadas seguintes, apesar de a arquitectura destas salas e lojas se manter igual, sem desenvolvimento, o cinema adquire tal sucesso que estes espaços deixam de conseguir dar resposta ao crescente volume de público, assim muitos edifícios de teatro são reconvertidos irreversivelmente em

cinemas, surgindo em paralelo novos edifícios exclusivos ao cinema com maior capacidade de espectadores.

Estes novos cinemas vão ser construídos como se de teatros se tratassem: começando por habitá-los de empréstimo, o cinema vai herdar não só a sua estrutura espacial e a sua decoração, como também a sua aparência externa e todo um conjunto de rituais e cerimoniais próprios do teatro. Os novos cinemas são então edifícios impressionantes, com fachadas excessivamente decoradas, com foyers solenes, salões, bares, corredores e escadarias intermináveis. As salas mantêm o palco e as pesadas cortinas de veludo, bem como os camarotes laterais e o fosso de orquestra, imitando em tudo a arquitectura teatral (Isabel Felino, 2008)⁹.

Estes novos edifícios vêm a construir-se no seio das grandes cidades, caracterizados pelas tendências neoclássicas muitas vezes com tendências eclesiásticas na arquitectura e da herança dos edifícios dos grandes teatros. Esta herança deve-se; ao papel social que os teatros tinham na sociedade e às



FIGURA 5 – Interior Uptown Theater – Chicago 1925; Anabela Felino 2008



FIGURA 6 – Interior Loews Kings Theater – Brooklin 1929; Anabela Felino 2008

⁹ Ana Isabel Felino, "Os Cinemas em Portugal. A interpretação de um arquitecto: Raul Rodrigues Lima" pp 26

valências, conforto e requinte de decoração que dispunham (Figuras 5 e 6).

“Tudo isto é importante não só para as classes sociais mais altas que se revêm nestes espaços, como também para as classes sociais mais baixas que encontram ali um local de evasão, que lhes permite sonhar e esquecer as dificuldades do dia-a-dia, fazendo com que sintam importantes ao participar daquele conjunto”... (Isabel Felino, 2008)¹⁰.

Esta arquitectura de gostos exuberantes carregada de saudosismos pelo passado só deixa de ser construída no final dos anos 30, terminando assim com os loucos anos 20, dando inicio a uma viragem na arquitectura de forma gradual surgindo o movimento moderno.

A precursão deste movimento deve-se a grande parte a individualidades como Frank Loyd Wright, Le Corbusier, Walter Gropius entre outros e movimentos e escolas como a Bauhaus que disseminavam as suas teorias, ajudando assim a introdução desta nova arquitectura modernista.

Jà os cinemas passam a ser vistos pelos arquitectos como telas dos novos ideais, com uma linguagem mecanicista e industrial do movimento moderno,



FIGURA 7 – Cinema Titania Palast – Berlim 1921; Anabela Felino 2008



FIGURA 8 –Cinema Odeon Moreconde –Inglaterra 1937; Anabela Felino 2008

abandonando a criação de fachadas de representação optando por uma maior

¹⁰ Ana Isabel Felino, "Os Cinemas em Portugal. A interpretação de um arquitecto: Raul Rodrigues Lima" pp 30

flexibilidade do jogo lógico de volumes que denotam as suas funções, (Figuras 7 e 8) vindo a construir-se edifícios mais sóbrios, associados com a introdução de novos materiais como o betão armado e novas técnicas de construção e preocupação com a funcionalidade e exigências de segurança.

Surgindo assim a arquitectura dos cinemas, que só no final do século XX começa a desvanecer-se com o aparecimento de centros comerciais dotados de salas de cinema.

Em Portugal, o percurso do cinema não foi diferente do resto do mundo, passando desde barracas de feira, pequenas lojas, associação ao teatro, edifícios exclusivos e apropriação dos espaços do teatro.

O desenvolvimento do cinema em Portugal só difere do resto do mundo na aceitação inicial, havendo ainda uma desconfiança em relação a esta nova atracção cultural, assim sendo a arquitectura dos cinemas tarda a manifestar-



FIGURA 9 – Chiado Terrasse Original - Lisboa; Anabela Felino 2008



FIGURA 10 – Chiado Terrasse Nova fachada - Lisboa; Anabela Felino 2008

se. Só com o posterior entusiasmo do público face ao cinema como elemento de disseminação da cultura é que se inicia uma gradual mas lenta adaptação e construção de edifícios para o cinema (Figuras 9 e 10).

Mais tarde com a influência do movimento moderno, através das escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto, a arquitectura portuguesa sofre grande alteração, mesmo que não se assemelhe as tendências de Le Corbusier, aparece um maior foco na composição volumétrica e introdução de novos materiais (betão armado), que associado aos ideais do regime do Estado Novo presente em Portugal, vem provir os novos edifícios com linhas mais sóbrias, pouca decoração, mais direccionados à funcionalidade e simples articulações volumétricas mas bastante imponentes em escala.

Estes aspectos denotam a moderação com que o movimento moderno foi introduzido à arquitectura em Portugal, mas que o regime do Estado Novo aproveitou a fim de dar a ideia de progresso recorrendo a arquitectos como, Pardal Monteiro, Cristino da Silva, Carlos Ramos, Cassiano Branco, Francisco Keil do Amaral numa fase inicial entre outros, com a realização de inúmeras obras públicas consegue prosperar a ideia de modernidade.

É então que surge uma segunda geração de arquitectos com bases modernistas em Portugal com vontade de ruptura com o passado, regidos pelos princípios modernos das escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto vêm reformular a arquitectura que se fazia até então.

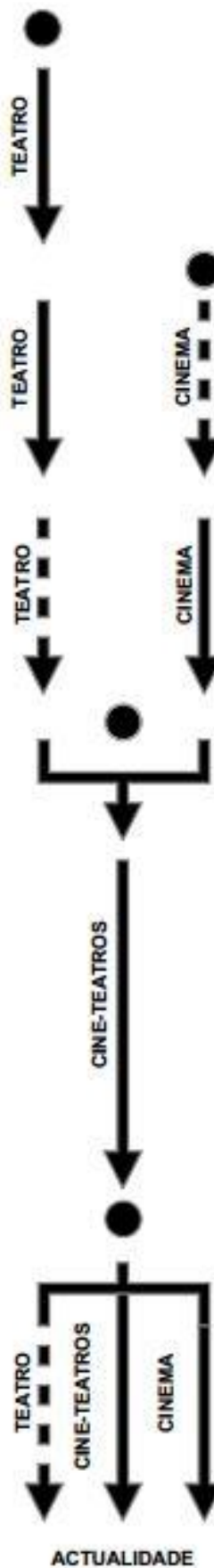
Exemplo desta nova geração é o Arquitecto Raul Rodrigues Lima que regido pelas preocupações modernas funcionalistas e de sentido estético, caracterizado pela sua concretização real de ideias e valores da sua formação, cria um espólio de edifícios assentes nos valores que se sentiam no resto da Europa.

Os seus ideais materializam-se sobre a forma do Cinearte em Lisboa, no qual o objectivo seria a criação de um edifício que respondesse a todas as problemáticas da arte do cinema, e o seu sucesso foi tal que fez despoletar o aparecimento em Portugal de edifícios direccionados ao cinema e outros com linhas arquitectónicas mais modernas semelhante a este.

Mas no final do século XX, à semelhança do resto da Europa, com o crescimento da indústria cinematográfica e o crescente aparecimento dos grandes centros comerciais providos de salas de cinema estes edifícios tendem

a ser abandonados e os que ainda se mantêm em funcionamento, lutam pela sobrevivência, muito devido ao facto de disporem apenas de uma sala de espectáculos e dado o crescente número de filmes disponíveis ao mesmo tempo não permite a diversidade, logo deixam de garantir o progresso da indústria do cinema.

SURGIMENTO DO TEATRO



- Anfiteatro: EPIDAUROS, Grécia, séc. III A.C
- Anfiteatro: Magna LEPIS, Roma, séc. I-II D.C
- Da Idade Média até séc. XVIII – Companhias de teatro nómadas

SURGIMENTO DO CINEMA - FINAL DO SÉC. XIX

- Irmãos lummier exibem primeiro filme ao público.
- Primeiras salas Nickelodeon

PONTO DE VIRAGEM TEATRO PERDE PUBLICO PARA O CINEMA

- Grandes edifícios exclusivos ao cinema

ANOS 40 DO SÉC. XX LEI DOS CINE-TEATROS

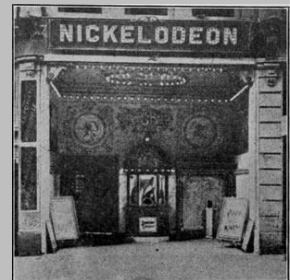
- Disseminação dos Cine-teatros
- Cine-teatro de Nelas – F. Keil Amaral 1947
- Cine-teatro Imperio Mangualde – F. Keil Amaral 1948
- Cine-teatro Estarreja –
- Cine-teatro Império Lisboa –
- Cine-teatro –
- Cine-teatro –
- Cine-teatro –
- Cine-teatro –
- Cine-teatro –
- Cine-teatro –

BOMM DA INDUSTRIA DO CINEMA SURGEM SALAS EXCLUSIVAS AO CINEMA EM CENTROS COMERCIAIS

- O cinema prospera em salas de centros comerciais com a exibição de vários filmes em simultâneo o que os cine-Teatros não permitiam.

- O teatro continua a tentar sobreviver com as poucas companhias que ainda existem.

- Abandono de muitos Cine-teatros pela falta de atracção ao Teatro.



4. CINE-TEATROS EM PORTUGAL

A denominação de Cine-Teatros surge nos anos 40 do século XX, após a aprovação do Decreto-Lei 34.590, em 1945, mas podemos afirmar que o conceito é bem mais antigo, devido à associação do cinema às salas de teatro aquando do seu surgimento no século XIX. Esta lei vem ao encontro da necessidade da preservação do teatro que tem vindo a perder relevância na sociedade; uma vez que o cinema se apropria dos espaços teatrais devido à sua crescente popularidade.

O público apresenta uma tendência a afastar-se das peças de teatro, devido às possibilidades económicas necessárias para assistir a estes eventos, tornando-se cada vez mais uma actividade para as classes mais abastadas, sendo o cinema por sua vez acessível a todos.

Se por um lado estes novos edifícios são vistos por muitos como forma de preservação do teatro, personalidades como L. Soares Carneiro, José Manuel Fernandes e Margarida Acciciuoli entre outras, viam estes cine-Teatros como fruto da legislação cinematográfica do regime de Salazar, que obrigava, sobretudo ao longo das décadas de 40 e 50, a sua edificação com dimensões fixas, lotação superior a 800 lugares e apresentação das valências necessárias ao teatro; como caixa de palco, fosso da orquestra e camarins; com o pressuposto da rentabilização económica do espaço. A sua construção deveria limitar-se essencialmente a pequenas cidades e vilas do interior do país. Tal como refere Fragoso¹¹:

(...) no louvável propósito de proteger o teatro, foi estabelecido superiormente que só seria autorizada na província a construção de cine-Teatros – e que se indefeririam, pura e simplesmente, de um modo geral, os pedidos daqueles que requerem as indispensáveis autorizações, para a construção de salas destinadas, apenas, a espectáculos cinematográficos (...).

¹¹ Silva, Susana Constantino. *Arquitectura de cine Teatros: evolução e registo, 1927-1959*. Almedina, 2010 Coimbra

Assim volta a ser necessário repensar a arquitectura destes equipamentos e se tempos antes nos deparámos com a problemática; para um espaço novo, uma arquitectura nova; agora o problema deve-se à nova associação obrigatória entre Teatro e Cinema sem por em causa nenhum dos dois e mesmo assim satisfazer o público.

Algo que viria a tornar-se um contra-senso face aos princípios ideais da concepção de salas de espectáculos; defendidas até então; dado as explícitas diferenças entre os dois, não só a nível das valências necessárias mas na forma como o público se apropria da sala.

A necessidade económica de se construir uma Sala de Espectáculos que sirva ao mesmo tempo para exibição de cinema e teatro, modificou quase totalmente os princípios clássicos de há muito conhecidos como formas ideais de salas de espectáculos. (...) Daqui resulta que o espectador nem sempre ocupa, conforme o espectáculo que deseja ver, o lugar mais conveniente. No teatro a cena, não estando sujeita a deformações, possuindo dimensões naturais e tendo como som principal a voz humana falada naturalmente, limita por razões de audibilidade e visibilidade a colocação dos espectadores, aproximando-os do proscénio.

No cinema, pelo contrário, a melhor colocação para o espectador é aquela que lhe dê maior possibilidade de abranger todo o ecrã sem deformações, visto o som se poder proporcionar de acordo com as dimensões da sala e o número de espectadores. Daqui resulta que, numa sala desta natureza, deverá ter como dimensões máximas o raio de acção do som previsto para um teatro, ou seja a voz falada naturalmente, e evitar os lugares que apresentem grandes deformações para as exibições cinematográficas” (Raul Lima, 1940)¹².

É com base nestas exigências e regulamentos que se vem a construir os Cine Teatros por toda a região do interior e litoral, onde os aglomerados

¹² Ana Isabel Felino, "Os Cinemas em Portugal. A interpretação de um arquitecto: Raul Rodrigues Lima" pp 109-110

urbanos de província também queriam o acesso a este novo tipo de evento, erigindo assim edifícios de médias dimensões com uma arquitectura mais modesta com traços leves do movimento moderno e elementos ainda muito tradicionalistas de cada região.

O espólio destes Cine Teatros cresce assim desde o final da década de 30 até ao início dos anos 60, como podemos observar na seguinte tabela.

TABELA 1 – Exemplos de Cine Teatros construídos em Portugal da década de 30 até à década de 60 do século XX.

Cine Teatro	Localidade	Arquitecto	Ano de Construção
Louletano	Loulé	N/D	1930
Pinheiro Chagas	Caldas da Rainha	N/D	1937
Almeirim	Almeirim	N/D	1940
Gouveia	Gouveia	N/D	1942
Lousanense	Lousã	C.v. Joaquim Almeida	1947
Nelas	Nelas	F. Keil do Amaral	1947
Pombalense	Pombal	Ernesto e Camilo Korrodi	1948
Estarreja	Estarreja	N/D	1949
João Verde	Monção	N/D	1949
Império	Mangualde	F. Keil do Amaral	1949
São Pedro	Abrantes	Ruy Jervis d'Alhouguia	1949
Alba	Albergaria-a-Velha	Eng. Julio José de Brito	1950
Messias	Mealhada	Raul Lima	1950
São João	Palmela	N/D	1952
Avenida	Castelo Branco	Raul Caldeira e Alberto Roxo	1954
Covilhanense	Covilhã	N/D	1954
Luísa Todi	Setúbal	Fernando Silva	1960

Mais tarde, e à semelhança do que aconteceu com os edifícios exclusivos ao cinema; por não apresentarem mais do que uma sala de espectáculos e dada as novas exigências da indústria do cinema e ao crescente aparecimento de grandes centros comerciais dotados de salas de cinema; vêm a ser em grande número, abandonados à sua sorte. Muitos sofreram intervenções de

reabilitação ou até reconversão em novas tipologias de uso, mas grande parte ainda se encontra em crescente ruína como o cine Teatro de Mangualde, alvo desta dissertação.

5. CINE-TEATRO DE MANGUALDE

5.1 Cidade de Mangualde

Considerada a terceira maior cidade do Distrito de Viseu, com cerca de 7300 habitantes no núcleo urbano. A cidade faz parte de um grupo de 12 freguesias, que compõem o concelho de Mangualde, concelho este que apresenta cerca de 219.260km² com um total de cerca de 20.000 habitantes.

A cerca de 15 km da cidade de Viseu, Mangualde beneficia de uma localização estratégica na região das beiras, visto ser o cruzamento das várias vias de comunicação entre Portugal e Espanha, como a Auto-estrada 25, (ligação entre Aveiro e vilar Formoso) linha ferroviária da Beira Alta (ligação Lisboa-Madrid) e estrada Nacional 232 com ligação a Serra da Estrela. Esta localização permitiu o crescimento do concelho, quer em população quer em indústria, património e cultura.

Em termos de património o concelho de Mangualde apresenta grande diversidade, encontrando assim desde o Dólmen da Cunha Baixa; Figura 11, também conhecido pela casa da orca ou casa da moura data do III milénio a.C., classificado como Monumento Nacional em 1910.



FIGURA 11 - Dólmen da Cunha Baixa, panorâmico.com 2017

A Citânia da Raposeira; escavada nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, trata-se de um complexo de habitação com banhos de uma tipologia única, data a sua construção e ocupação entre o séc. I e o séc. IV d.C. (Figuras 12 e 13).



FIGURA 12 - Complexo Citânia da Raposeira, Arquehoje, Lda 2017



FIGURA 13 - Banhos da Citânia da Raposeira, Arquehoje, Lda 2017

O palácio dos Condes de Anadia; Figuras 14 e 15; classificado como monumento de interesse público, trata-se de um palácio cujo início da sua construção data do séc. XVII, com a fachada de traço barroco, mas com grande sobriedade, obra atribuída a Gaspar Ferreira. No seu interior encontramos um enorme contraste com o exterior, deparamo-nos com grande ornamentação de tendência italiana, projectadas pelo mestre Mendes Coutinho influenciado por Nicolau Nasoni. Este palácio faz parte de um complexo; Mata



FIGURA 14 - Palácio dos Condes de Anadia, Skykrappercity 2017

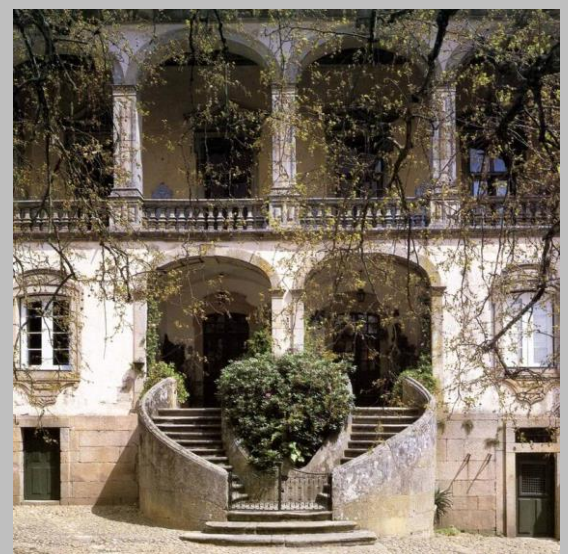


FIGURA 15 - Escadaria interior, Skykrappercity 2017

real e Quinta real; ocupando 1/3 da cidade, tornando-se assim num elemento marcante da paisagem da mesma.

A igreja da Senhora do Castelo; Figuras 16 e 17; construída no topo da ermida em 1832, templo neoclássico representa um marco na paisagem podendo avistar-se fora dos limites do concelho, além de se tratar de um local de culto religioso importante da região.



FIGURA 16 - Ermita Srª Castelo. Terceira Dimensão 2017

FIGURA 17 - Igreja da Srª Castelo, Terceira Dimensão 2017

Encontramos também vários solares, casas brasonadas, pelourinhos, estradas romanas e vários equipamentos culturais como, biblioteca municipal, estádio municipal, complexo paroquial e o Cine-Teatro, Figura 18; foco desta dissertação, que apesar de se encontrar em ruína, Figura 19; representa um marco importante na história da cidade.



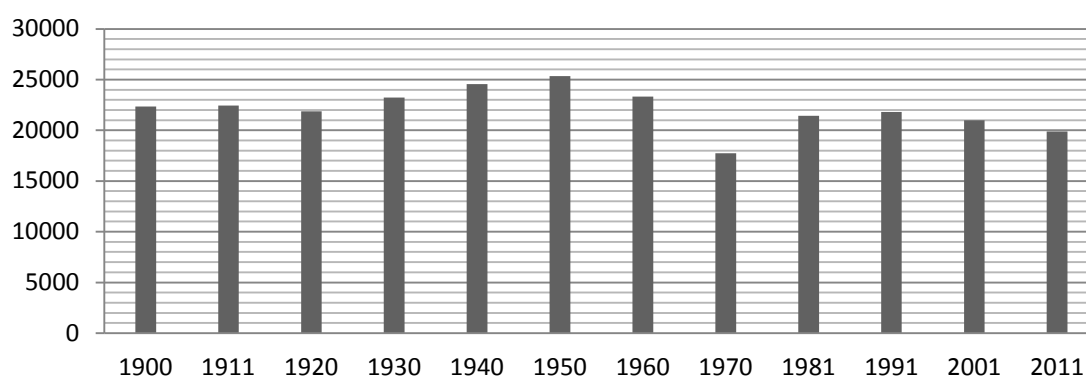
FIGURA 18 - Cine-Teatro Manuel de Arago. Arq. Carolina. 2013

FIGURA 19 - Interior do Cine-teatro, Pedro Santos, 2016

5.1.1 Dados Demográficos do último século

Nos últimos 100 anos a população do concelho tem vindo a sofrer alterações quanto ao número total de habitantes, apresentando fases de crescimento e declínio. De 1911 a 1950, apresenta um aumento gradual de população com um diferencial de aproximadamente 3000 habitantes; de 1950 a 1970 (data dos últimos censos); apresenta um declino abrupto de 8000 habitantes; de 1970 a 1991; apresenta um crescimento de cerca de 4000 habitantes e nova fase de decline-o de 1991 a 2011 com um diferencial populacional de cerca de 2000 habitantes. Dados que podemos observar no gráfico 1.

GRÁFICO 1 - variação do número de habitantes no concelho de Mangualde desde 1900. INE, 2017



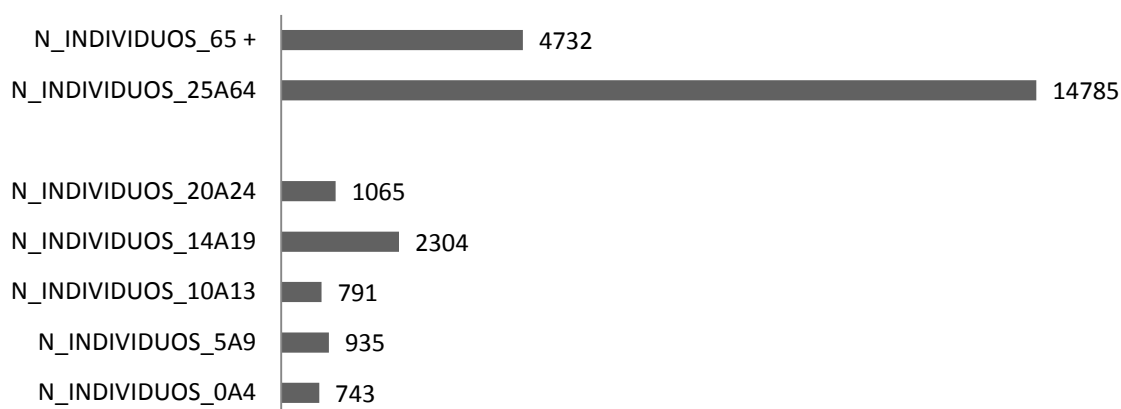
Em 2011; data dos últimos censos; como nos apresenta o gráfico 2 o concelho apresentava cerca de 7243 famílias das quais apresentavam uma estrutura de entre 2 a 4 pessoas.

GRÁFICO 2 - Estrutura das famílias no concelho de Mangualde em 2011. INE, 2017



Com base na informação do gráfico 3, podemos também afirmar que a população do concelho apresenta-se na sua grande maioria entre os 25 anos e os 64 anos de idade, concluindo que na sua generalidade se trata de uma população activa mas envelhecida, sendo que apenas $\frac{1}{4}$ da população apresenta idades inferiores aos 25 anos, cerca de 5000 indivíduos.

GRÁFICO 3 - indivíduos por faixa etária no concelho de Mangualde em 2011. INE, 2017



É entre 1940 e 1950 que registamos o maior pico de habitantes no concelho; cerca de 25500; que por sua vez coincide com a construção do Cine-teatro; obra de Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral. Podemos também observar com base no gráfico 1 que em 1970 se registou a menor contagem de habitantes no concelho no séc. XX, coincidente na época que o Cine-teatro perde a sua atracção e acaba por encerrar até aos dias de hoje.

5.2 Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral

O arquitecto escolhido para a realização dos trabalhos de concepção do Cine Teatro de Mangualde, foi Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral (Figura 20).

Este nasce a 1910 em Lisboa, mas foi em Canas de Senhorim; na região das Beiras; que passa a sua infância até 1920, regressando a Lisboa após uma breve passagem de 2 anos por Luanda, onde termina os estudos.

Em 1930, Keil do Amaral inicia o curso de arquitectura na faculdade de Belas Artes de Lisboa, sendo aluno externo no atelier do arquitecto Carlos Ramos. E é ainda durante o curso que vem apresentar uma proposta no concurso para o pavilhão de Portugal da Feira Universal de Paris (Figura 21), no qual se sagra vencedor marcando assim o verdadeiro impulso de Keil do Amaral no mundo da arquitectura.



FIGURA 20 –Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral



FIGURA 21 –Pavilhão de Portugal para a Feira Internacional de Paris 1937, Francisco Keil do Amaral

Este edifício é caracterizado por ...“elementos subordinadamente regionais e uma simbologia nacional”... (AAV. 1992)¹³, Sendo construído na Feira de Paris, para onde Keil do Amaral realiza inúmeras viagens a fim de acompanhar

¹³ Francisco Pires Keil Amaral (coord.) Keil Amaral. Arquitecto 1910-1975 Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, (1992), p. 58

a evolução dos trabalhos. Explorando também o resto da Europa nestas viagens, depara-se com a realidade da arquitectura moderna, mas ...”não se seduziu pelo cosmopolitismo francês, que tinha influenciado os seus colegas”...(AAV, 1992)¹⁴.

Numa viagem à Holanda em 1936, Keil do Amaral encontra ...”um país de pequenas dimensões mas de grande arquitectura”... onde toma contacto pela primeira vez com a arquitectura de Marius Dudok (Figura 22); influenciada pelas linhas de Frank Lloyd Wright; o que o fez ...

...”repensar as bases da sua arquitectura, tendo em conta uma reestruturação da arquitectura portuguesa segundo uma leitura culta, em fusão com imagens do mundo das formas arquitectónicas que conheci no exterior”...(Keil do Amaral, 1936)¹⁵.



FIGURA 22 – Raadhuis Van Hilversum, Marius Dudok – Holanda 1931

É já como elemento integrante da Câmara Municipal de Lisboa, que se vem evidenciar a nível arquitectónico e urbanístico, realizando mais tarde obras ainda hoje de grande importância no panorama nacional como o Campo Grande, o Parque Eduardo VII e o Parque e cemitério de Monsanto em Lisboa.

¹⁴ Francisco Pires Keil Amaral (coord.) Keil Amaral. *Arquitecto 1910-1975* Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, (1992), p. 57

¹⁵ Francisco Pires Keil Amaral (coord.) Keil Amaral. *Arquitecto 1910-1975* Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, (1992), p. 58

Conhecido pelo seu dinamismo e luta pelas causas em que acreditava, vem a criar o ICAT (Iniciativas Culturais Arte e Técnica) em 1946 com um grupo de arquitectos como, João Simões, Veloso Reis Camelo, Paulo Cunha, Adelino Nunes, Hernâni Gandra, Celestino Castro, Formosinho Sanches, com o objectivo de discutir e expor os problemas relacionados à arquitectura a nível socioeconómico, chegando a ser presidente do S.N.A. (Sindicato Nacional de Arquitectos) em 1948.

No mesmo ano, realiza-se o 1º congresso nacional de arquitectura, onde se debateram os problemas da época, sendo o mais relevante “o problema português da habitação”, sendo proposto a realização de um inquérito de recolha da arquitectura vernacular existente no país. Esta prendia-se pelo entendimento da qualidade da arquitectura, a sua riqueza funcional e racional, técnicas construtivas e materiais.

Para isso foram criadas seis equipas separadas por regiões; Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve; tendo esta recolha uma duração de 5 anos (de 1955 a 1960), ficando a região das Beiras atribuída a Keil do Amaral, talvez pela sua forte ligação de infância, associado com José Huerta Lobo e João José Malato, resultando na publicação de 6 volumes (um por Região) (Figura 23).



FIGURA 23 - Arquitectura Popular em Portugal
Volume 3, Sindicato Nacional dos Arquitectos
1960, Rui Santos 2013



FIGURA 24 – Arquitectura e a Vida de
Francisco Keil Amaral, 1942

Francisco Keil do Amaral vem a ficar conhecido também por inúmeras publicações como; “Arquitectura e a vida” em 1942, (Figura 24) “A moderna arquitectura Holandesa” em 1943, “O problema da habitação” em 1970, “Lisboa, uma cidade em transformação” em 1969 e “História à margem de um século de história” em 1970, o que denota a sua capacidade de argumentação e conhecimento dentro e fora do mundo da arquitectura.

A sua arquitectura apesar de numa fase inicial se prender às exigências do regime do Estado Novo do qual se queria afastar, a partir do final dos anos 40 denota a vontade de ruptura e começa a introduzir as linhas e os ideais do movimento moderno que o marcaram na arquitectura Holandesa.

Esta influência vem a reflectir-se em obras como o Clube de ténis no Parque de Monsanto em 1950 (Figura 25), na moradia Sousa Pinto no Restelo em 1950, na subestação União Eléctrica Portuguesa em Coima em 1954, no Pavilhão da Feira das Industrias de Lisboa em 1957, na Piscina infantil do Campo Grande em 1960 e na fachada da estufa-fria do parque Eduardo VII em Lisboa (Figura 26), entre outros.



FIGURA 25 –Clube de Ténis em Monsanto - Lisboa, Francisco Keil Amaral 1950



FIGURA 26 –Fachada da torre da estufa fria do Parque Eduardo VII - Lisboa, Francisco Keil Amaral

Se esta subtileza de composição volumétrica e minimalismo formal vem de influencia das linhas de Marius Dodok, a introdução dessa composição formal às suas obras tem inicio nos finais dos anos 40, onde na composição da fachada do Cine Teatro de Mangualde em 1948; como se de um experimento

se tratasse; já se denotava a vontade de Keil do Amaral se entregar a este tipo de linhas arquitectónicas.

Não só pelas obras construídas, mas também pelo contributo à arquitectura do século XX, Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral, torna-se assim um dos mais importantes arquitectos desse século em Portugal, tendo falecido aos 64 anos em Lisboa no ano de 1975.

5.3 Ante Projecto Cine-teatro de Mangualde

Várias foram as propostas para realização deste projecto e como tal muitas foram as alterações ao projecto vencedor, tanto em termos de estética como em termos de funcionamento e organização das valências do edifício. Estas alterações devem-se principalmente a problemas de financiamento o que levou o arquitecto a modificar o projecto que inicialmente apresentava umas linhas mais modernistas quer na organização do espaço quer na composição das fachadas. A principal alteração visível é a remoção do “bloco” lateral onde funcionariam os camarins que por sua vez faria o fecho da totalidade do topo do lote. Já na fachada principal (Figura 27) a torre aparecia deslocada para a esquerda duplicando assim o seu tamanho até a cota da caleira.

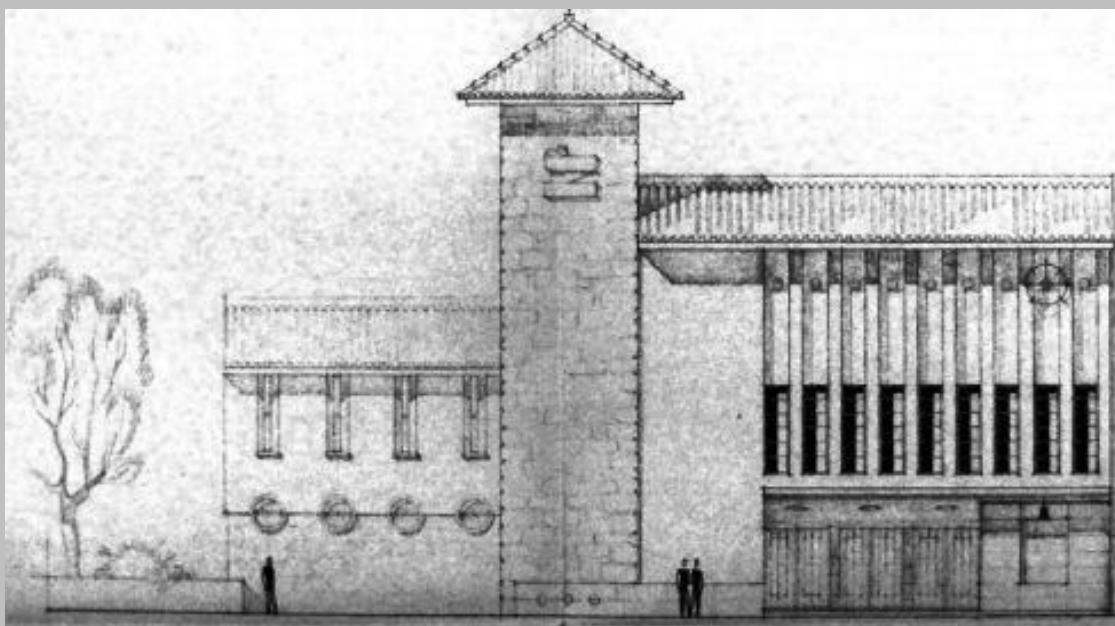


FIGURA 27 - Cineteatro de Mangualde, Alçado Poente, Anteprojecto, Keil do Amaral (Amaral 1947)

Por sua vez as grandes lâminas que ainda hoje podemos ver na composição da fachada já faziam parte do anteprojecto do arquitecto, mas sem a mesma imponência e realce que temos hoje que apesar do seu estado de degradação ainda despertam o olhar de todos, até mesmo do mais desatento dos transeuntes que por ali passa.

O alçado lateral do anteprojecto, como podemos ver na (Figura 28) é apresentado com elementos arquitectónicos rígidos, onde se denota o tradicionalismo e as raízes do arquitecto à arquitectura do estado novo que até então este desenvolvia mas tentava desprender-se. O ou os elementos diferenciadores entre o anteprojecto e o projecto final apresentado, é a alteração dos elementos dos vãos que actualmente apresentam uma maior clareza na composição e acentuam um maior regionalismo e tradicionalismo da arquitectura da beira e como já acima referido a remoção do referido volume altera a organização funcional do edifício e minimiza a utilização do “gaveto” lateral.

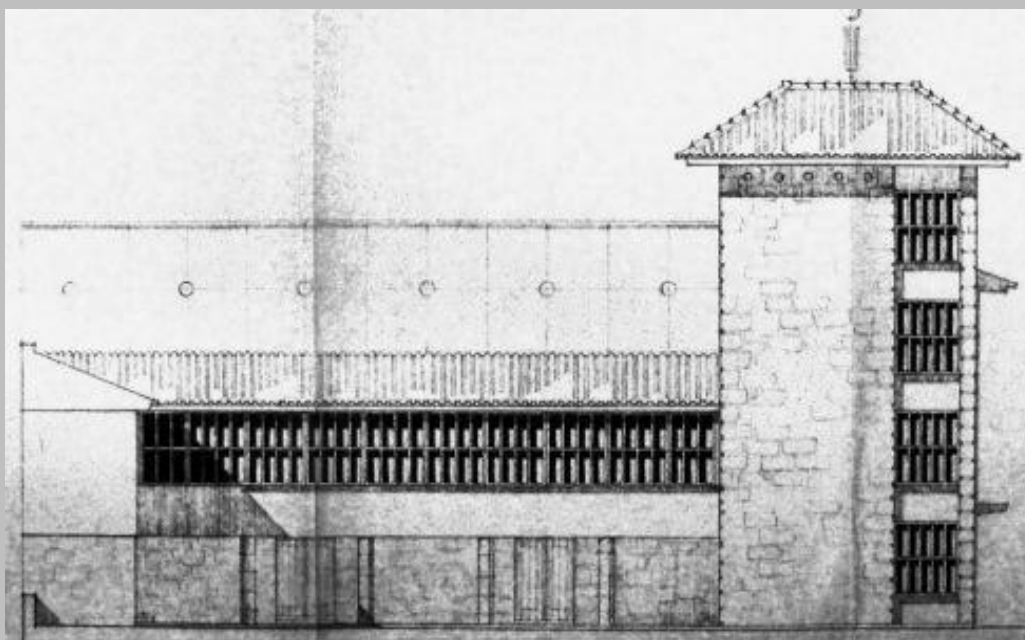


FIGURA 28 - Cineteatro de Mangualde, Alçado Norte, Anteprojecto, Keil do Amaral (Amaral 1947)

Em planta, as diferenças passam por reorganização de funções e pequenas alterações a nível estético e reconfiguração de alguns elementos tais como alinhamento de paredes. No piso térreo, (Figura 29) a primeira alteração entre o ante e o projecto final, é a recolocação das instalações sanitárias num piso intermédio sob as escadas na torre, abrindo assim espaço para uma entrada mais ampla, permitindo uma expansão da zona coberta exterior essencial para os utilizadores, visto a bilheteira se encontrar no exterior. Com esta alteração a

torre passa a funcionar como caixa de escadas de distribuição aos pisos superiores e às instalações sanitárias.

No foyer de entrada podemos também notar a reformulação de desenho da parede de separação entre este espaço e a sala de espectáculos, onde passamos de um desenho orgânico mas modesto para um alinhamento recto.

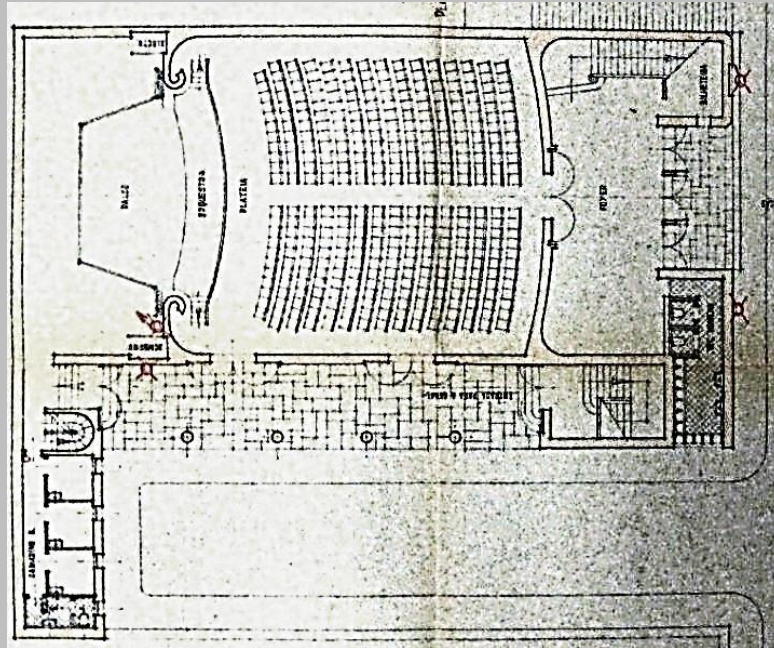


Figura 29 -Cineteatro de Mangualde, planta piso 0, Anteprojecto, Keil do Amaral (Amaral 1947)

Esta alteração pode estar associada com o facto de esta parede se tratar de uma parede portante onde assenta parte da estrutura de suporte da plateia do piso 1.

É já no primeiro piso (Figura 30) onde a alteração na organização dos espaços é mais evidente. À semelhança do piso térreo, as instalações sanitárias junto à fachada principal são removidas e recolocadas na totalidade dentro do volume da torre mas do lado contrário, ficando apenas o acesso para a zona do bar, libertando assim espaço no foyer tornando assim o bar numa zona mais ampla apesar da necessidade da colocação de três colunas para compensar a falta das paredes portantes propostas no anteprojecto. Já a parede de separação entre o foyer/bar e a plateia, e à semelhança do piso térreo foi redesenhada a fim de manter o mesmo alinhamento vertical e o

mesmo tratamento estético removendo na totalidade as linhas orgânicas

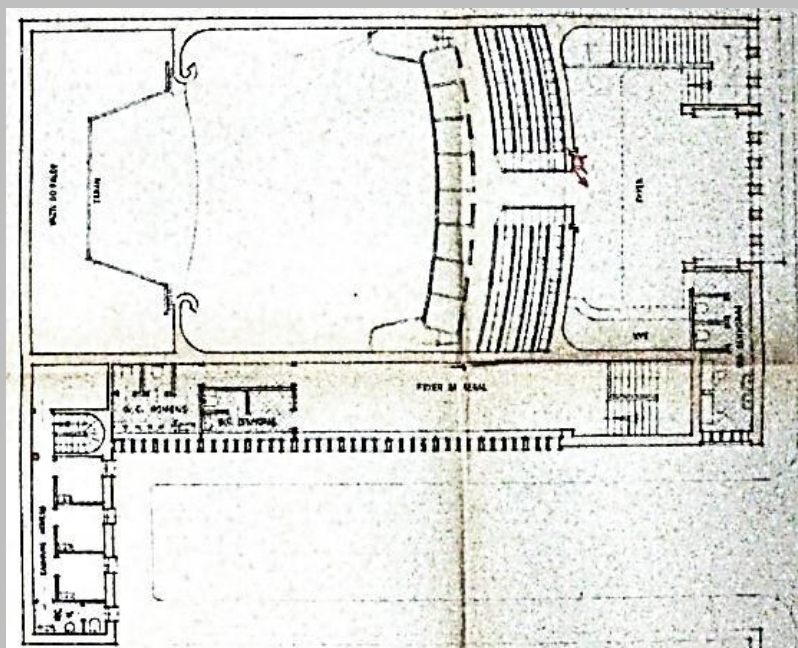


FIGURA 30 - Cineteatro de Mangualde, Planta Piso 1, projecto, Keil do Amaral (Amaral 1947)

propostas inicialmente pelo arquitecto.

Ainda no mesmo piso denotamos também a reorganização dos camarins, sendo estes recolocados no mesmo piso mas no volume face a sala de espectáculos, mantendo somente o mesmo acesso vertical ao palco e ao exterior proposto no anteprojecto.

As zonas onde as alterações menos se fizeram sentir, entre o ante e o projecto final foram as zonas técnicas no terceiro piso e a sala de espectáculos. Estas alterações passaram pela reorganização mais ortogonal dos lugares da plateia do primeiro piso e do segundo piso eliminando assim por completo as linhas orgânicas, já nas zonas técnicas as mudanças recorrem apenas pela colocação de um novo espaço de escritório visto esta zona não ter sido aprovada pela inspecção, daí a necessidade de alteração.

Em termos gerais a composição arquitectónica apresentada por Keil do Amaral no anteprojecto passava por um edifício imponente mas austero no exterior contrastando com as linhas orgânicas do interior, já o projecto final

depois de todas alterações acima referidas resultou num edifício de igual modo imponente e sóbrio mas com uma composição arquitectónica onde se denota, apesar de alguns elementos, a tentativa de introduzir a arquitectura moderna facto conseguido pela fachada.

5.4 Projecto do Cine-teatro de Mungalde

A proposta final apresentada pelo arquitecto Francisco Keil do Amaral, denota as alterações referidas no ponto anterior, desta forma a sua implantação é mantida, não existindo o total encerramento do topo do gaveto. (Figura 31)

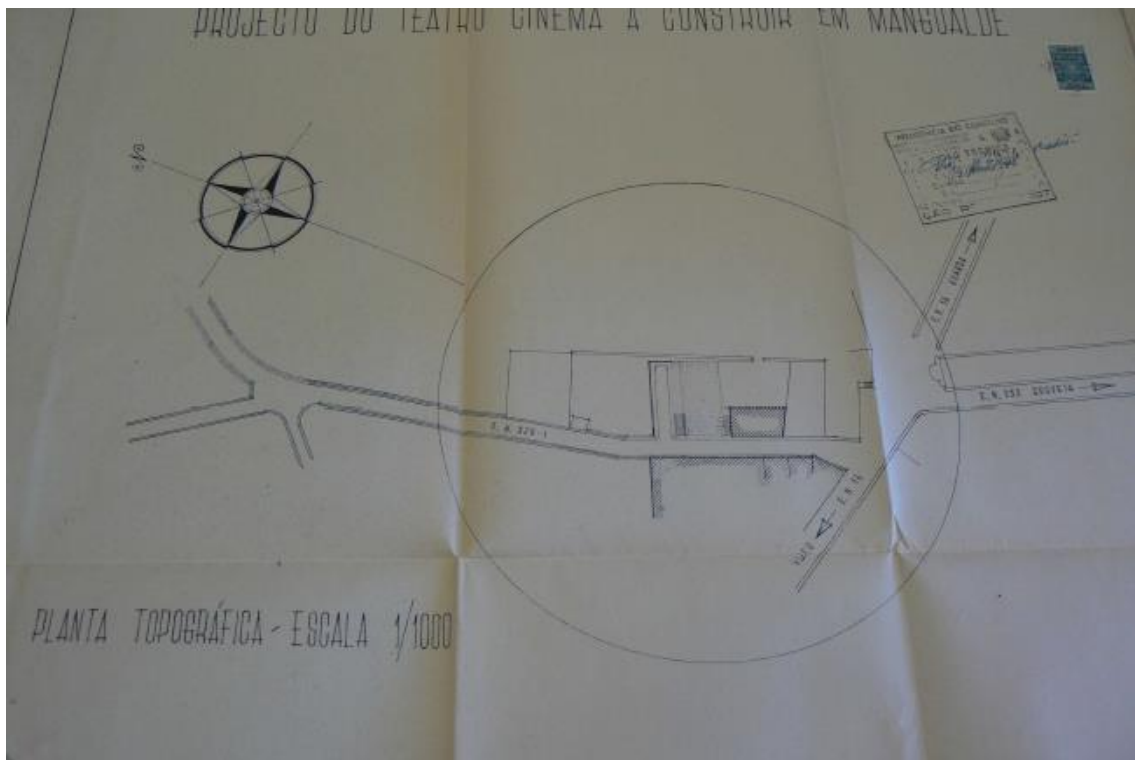


FIGURA 31 – Fotografia projecto original, Planta de Localização Cine-Teatro de Mungalde, Carolina Monteiro 2013

Em termos de volumetria podemos afirmar que se trata de um edifício constituído por três volumes distintos; a torre, o volume lateral e o corpo principal.

O corpo principal, como podemos ver na (Figura 32), subdivide-se em três; a verde a zona comum (entrada, foyer e bar) e distribuição; a laranja a zona de plateia e bancadas; e a azul a zona do palco e respectiva caixa e zonas técnicas.

O volume lateral virado ao interior do lote, representado a amarelo, destina-se a zonas técnicas como camarins e acesso ao palco e sob palco.

Já a torre, representada pelo volume vermelho, além das instalações sanitárias distribuídas nos pisos superiores e miradouro no último piso, tem como principal função albergar a caixa de escadas de distribuição ao último piso da plateia e zonas técnicas como a sala de projecção dentro do corpo principal.

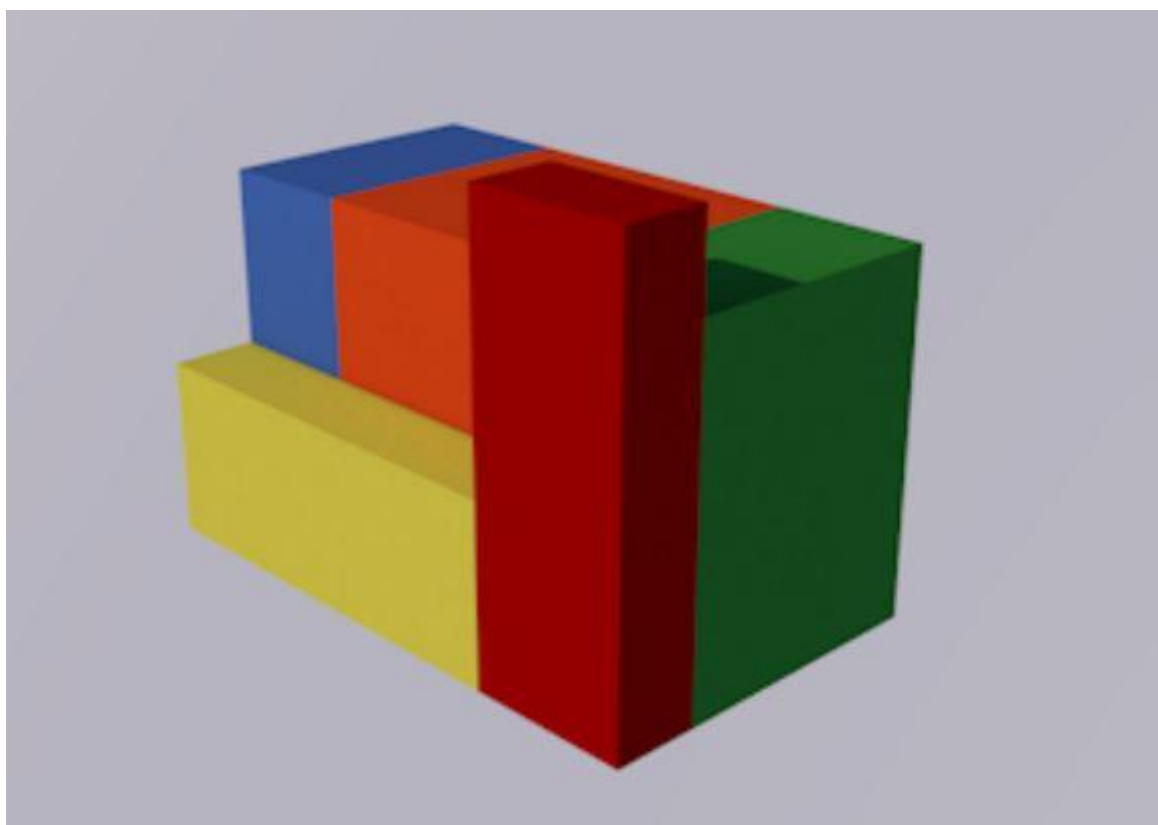


FIGURA 32 – Esquema volumétrico Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

O funcionamento interno das valências do edifício obedece ao seguinte organograma:

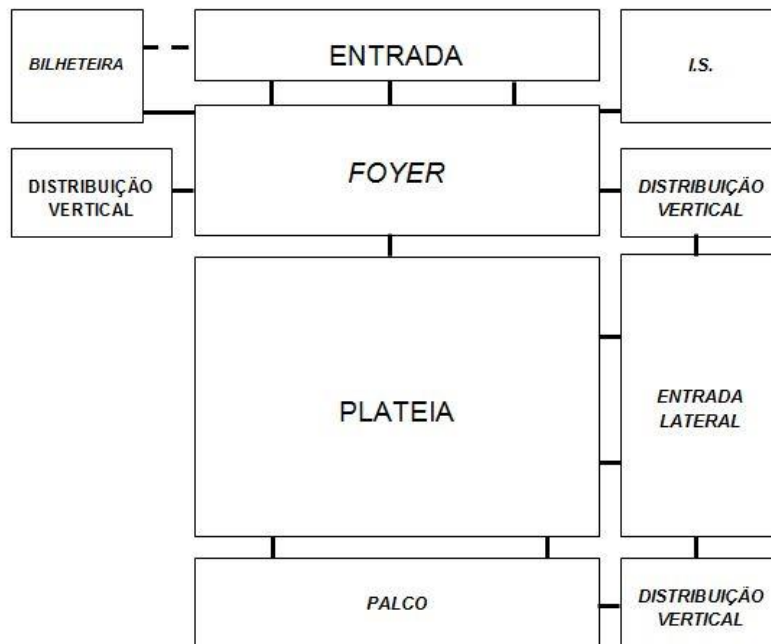


FIGURA 33 - Organograma de funcionamento do piso 0 do Cine-teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

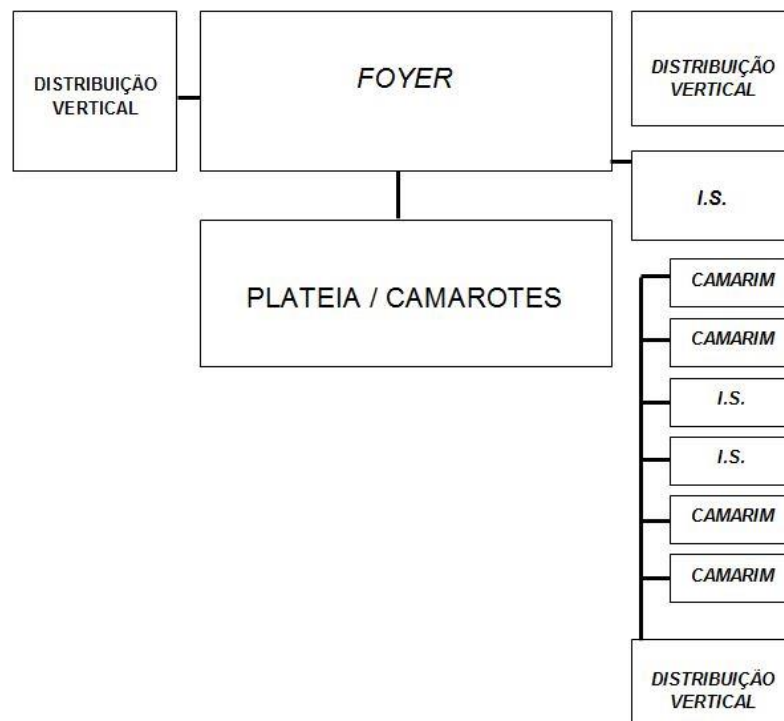


FIGURA 34 - Organograma de funcionamento do piso 1 do Cine-teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

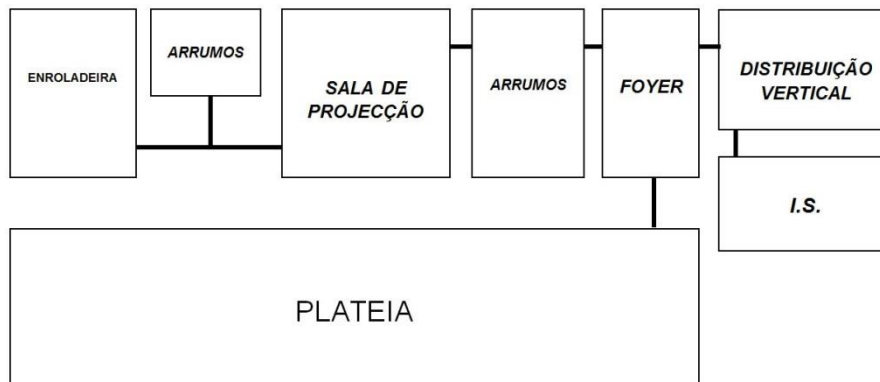


FIGURA 35 - Organograma de funcionamento do piso 2 do Cine-teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

O edifício em si, apresenta linhas mais sóbrias afastando-se assim dos elementos da composição exterior que se faziam notar no anteprojecto. (Figura 36) Desta forma, torna-se assim mais sóbrio e com linhas mais elegantes, principalmente na fachada realçando as laminas verticais, a pala de betão da entrada, e a torre em pedra regular sobreposta aparente, tornando assim a fachada mais equilibrada, quer em composição quer em conjugação de materiais.

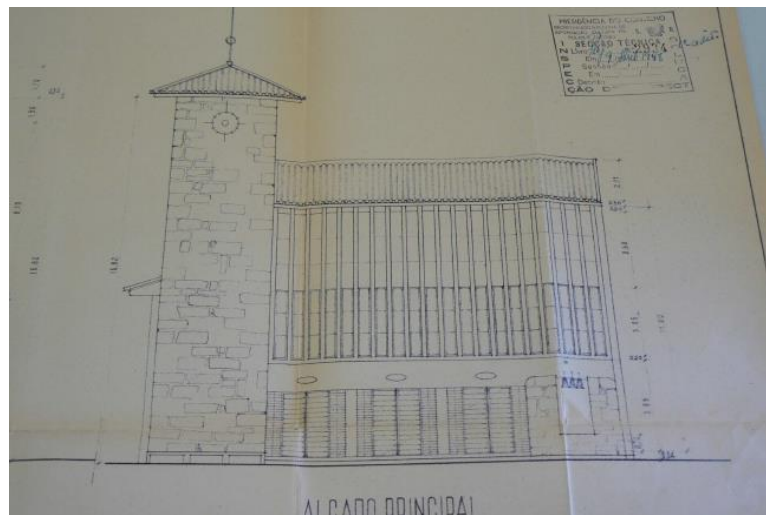


FIGURA 36 – Fotografia projecto original, Alçado Poente Cine-Teatro de Mangualde, Corolina Monteiro 2013

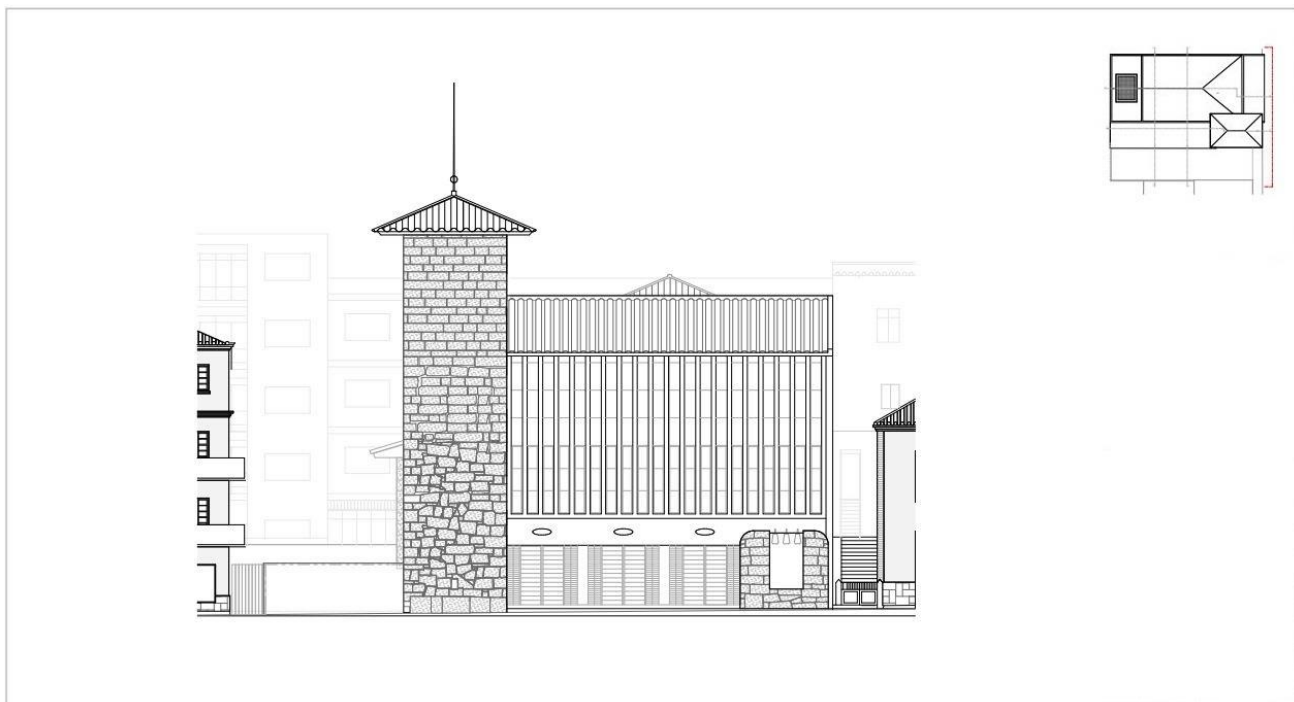


FIGURA 37– Alçado Poente Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

Ainda no exterior, o alçado Norte (Figura 38), é onde o arquitecto mais se afasta da ideia modernista apresentada na fachada principal e propõe uma composição mais tradicional da região da Beira. Além da torre, aparece-nos um corpo suportado por uma fileira de pilares em pedra cortada sobreposta à vista, criando uma espécie de alpendre de circulação; servindo a entrada da torre e o acesso aos camarins, palco e zona técnica sob o palco; sendo as paredes do piso superior rebocadas e pintadas de cor branca com vãos de caixilharia de madeira iluminando os camarins.

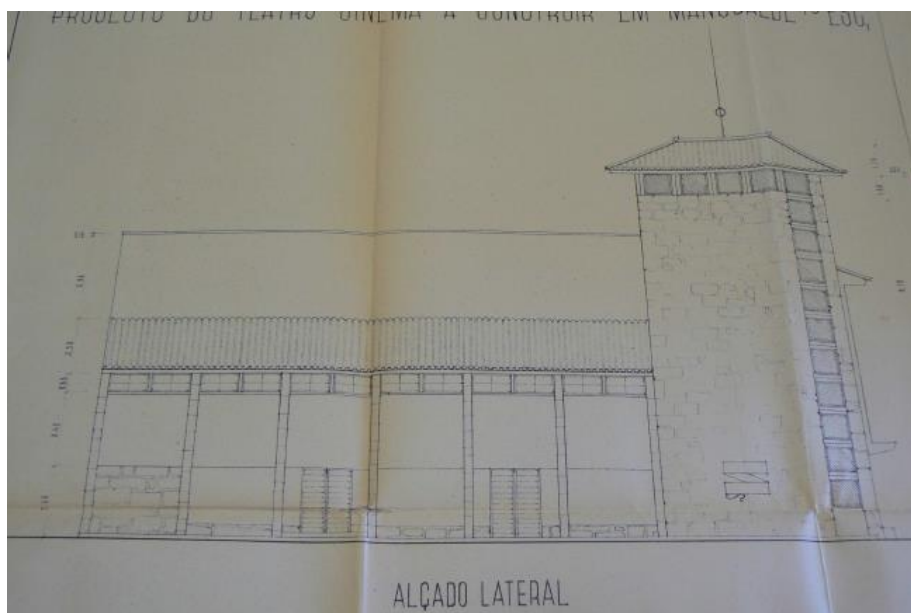


FIGURA 38 – Fotografia projecto original, Alçado Norte Cine-Teatro de Mangualde, Corolina Monteiro 2013

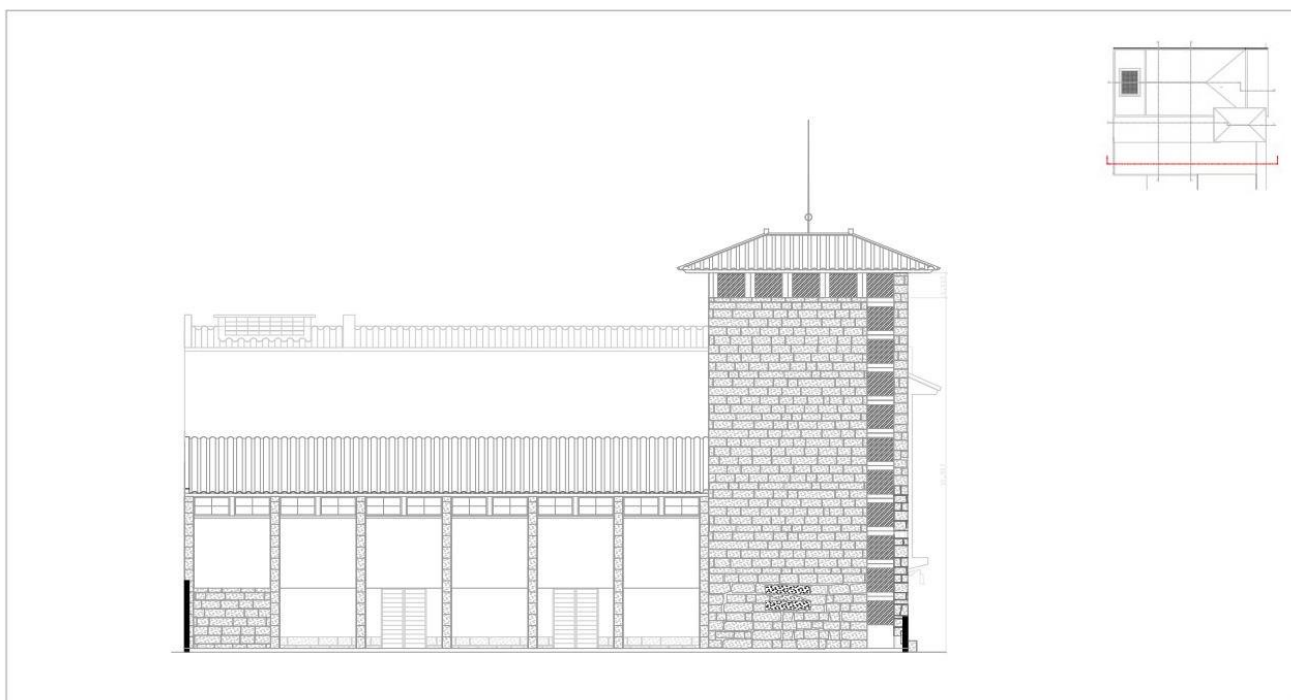


FIGURA 39 – Alçado Norte Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

Já a cobertura deste volume é feita por um pano de uma água com estrutura de madeira tradicional com o fecho em telha lusa cerâmica.

O interior do edifício, mantém a sua disposição de valências no volume principal face ao anteprojecto.

Ao nível do rés-do-chão (Figura 40), após o esplendor do contacto com a imponência da fachada, somos acolhidos pela pala da entrada; espaço onde também se encontra a pequena janela da bilheteira; deparamo-nos com três grandes portas de madeira de cor vermelha separadas por duas colunas de betão; suporte da pala e pisos superiores.

Já no interior, temos um *foyer* com uma decoração simples mas harmoniosa, servindo de elemento de transição para a sala de espectáculos e para o piso superior através de uma escadaria; de desenho simples mas elegante.

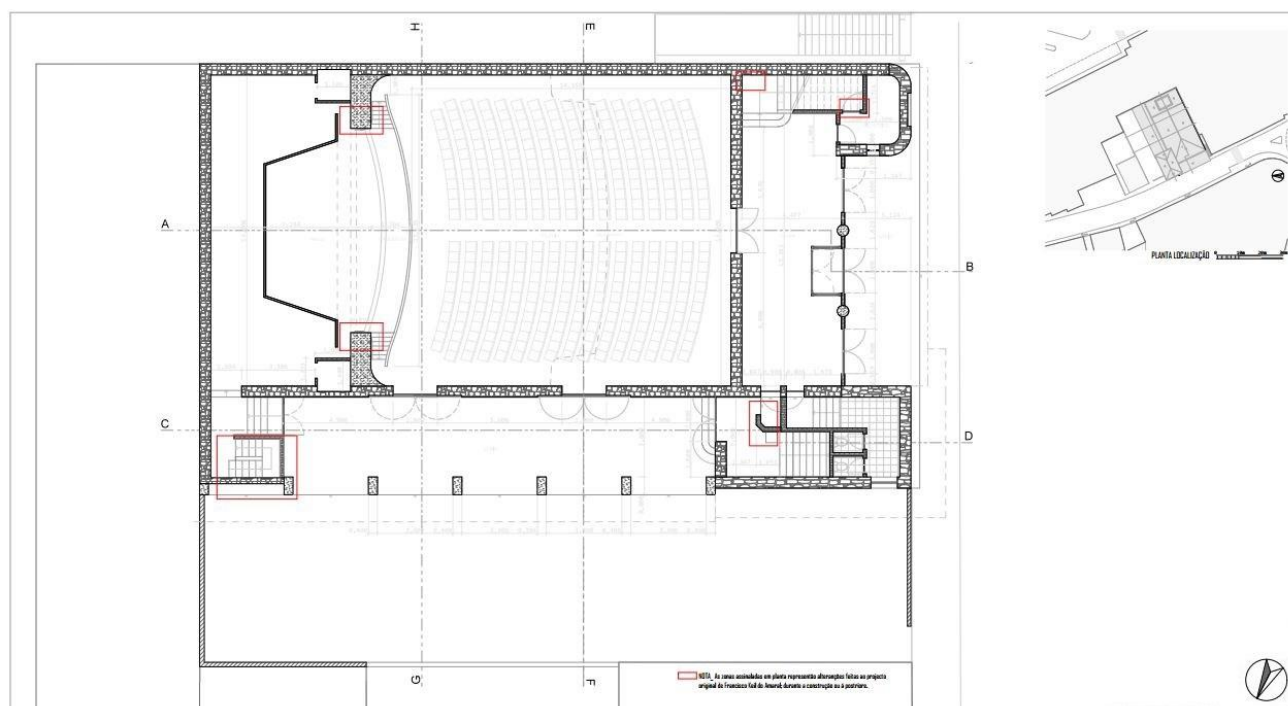


FIGURA 40 – Planta Piso 0 Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

No primeiro piso (Figura 41), acedendo pela escadaria; através do *foyer* do piso térreo; deparamo-nos com um espaço marcado por três colunas de betão revestidas a azulejo de cor negra que delimitam o espaço iluminado pelas janelas da fachada que ocupam toda a altura do piso, separadas pelas lâminas marcadas na fachada, deixando transparecer a sua composição geométrica.

Este espaço, destinado a zona de bar, funciona também como entrada à plateia mais nobre da sala de espectáculos que se desenvolve sobre a arquibancada, elemento singular para a época em termos construtivos por se tratar de uma estrutura de betão armado assente nas paredes portantes exteriores de alvenaria ordinária, funcionando estas como pilares de suporte às forças exercidas pelo vigeamento de betão e movimentação das pessoas.

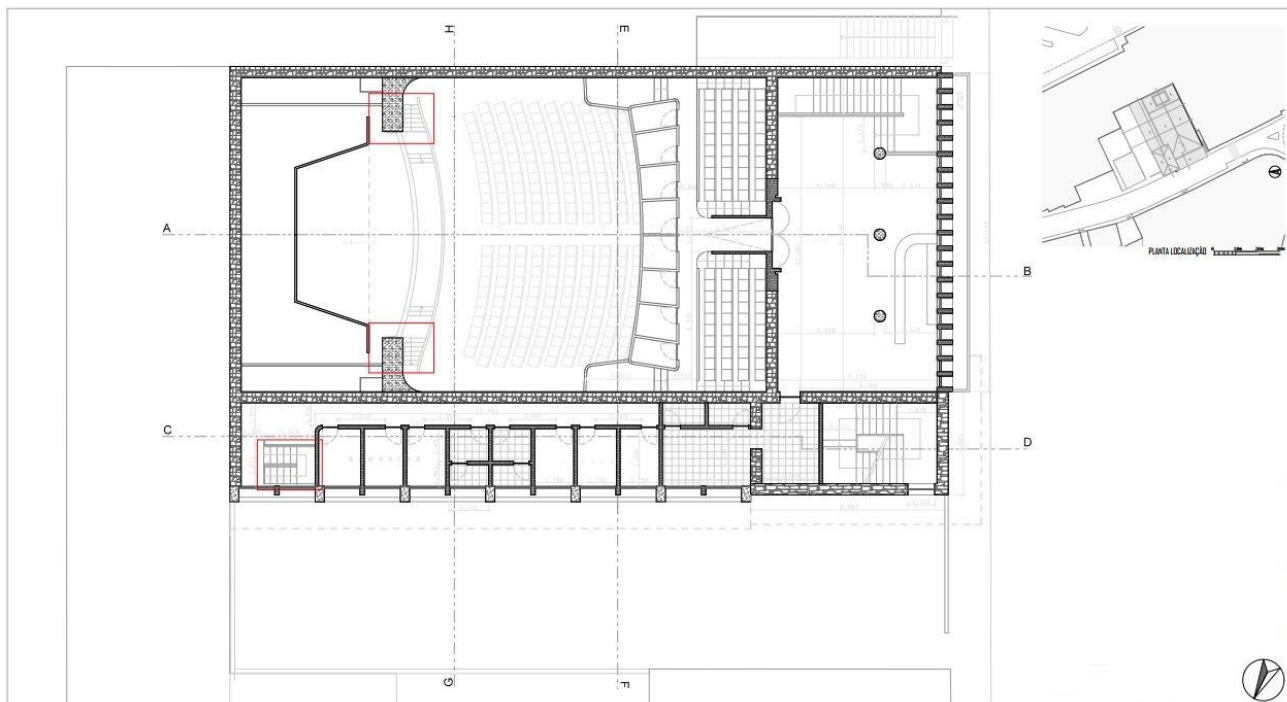


FIGURA 41 – Planta Piso 1 Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

Ainda no primeiro piso, acedendo pelo gaveto, temos acesso à zona de camarins que se organizam de forma continua ao longe de um estreito corredor, dispondo assim de seis camarins e instalações sanitárias de serviço a

esta zona técnica. Já as instalações sanitárias de serviço ao público em geral encontram-se dentro do volume da torre distribuídas pelos vários pisos desta, apenas os de serventia ao espaço de bar, apesar de o acesso atravessar o corpo da torre, encontram-se no volume lateral junto aos camarins mas sem acesso a estes (Figura 41).

O último piso (Figura 42), apesar de comportar mais espectadores do que a plateia da arquibancada, trata-se de um espaço menos nobre onde se encontram além das zonas técnicas; como a sala de projecção e enroladeira; uma zona de plateia tendo como entrada apenas a caixa de escadas do volume da torre; sem possibilidade de acesso aos espaços mais nobres como o *foyer* e a zona do bar.

Este espaço de plateia destina-se aos espectadores com menos possibilidades económicas, logo com bilhetes mais baratos, mas que têm salvaguardado o acesso à cultura, apesar do espaço destinado a estes ser de menos comodidade.

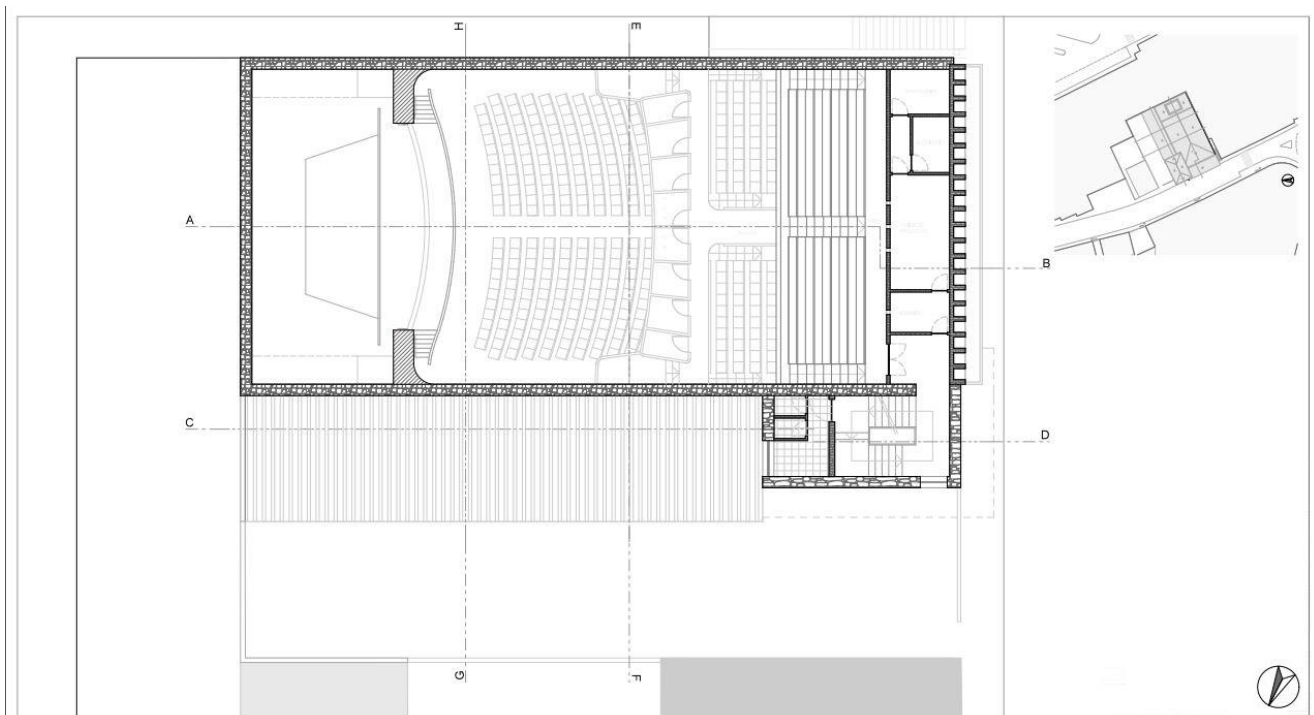


FIGURA 42 – Planta Piso 2 Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

Em termos de materiais e técnicas utilizadas na construção deste edifício, denotam uma fase de experimentação de novos materiais como o betão combinados com técnicas tradicionais de construção.

Esta introdução do betão associado com o ainda limitado conhecimento das suas técnicas de aplicação, levou a que a laje e viga de suporte da arquibancada da sala de espectáculos estejam apoiadas nas paredes portantes laterais e não em pilares de betão, o que acontece com a pala da fachada que apesar de apoiada nas paredes de alvenaria laterais, apresenta apoios intermédios de colunas de betão.

O mesmo acontece no volume lateral dos camarins, onde as vigas de suporte do mesmo estão apoiadas na parede de alvenaria da sala de espectáculos e nos pilares de alvenaria cortada no exterior.

Todo o resto do edifício; à excepção dos elementos anteriormente mencionados; apresentam materiais e sistemas construtivos tradicionais, como paredes portantes em alvenaria e no caso das paredes não portantes, tijolo maciço sobreposto, posteriormente rebocados e pintadas de cor branca, dando em alguns elementos a sensação de se tratar de estrutura de betão como é o caso das lâminas verticais da fachada poente, sendo estas construídas em tijolo maciço como podemos observar na Figura 43.

A cobertura do volume principal; apesar de a estrutura estar em falta devido ao seu colapso; era constituída por uma estrutura de suporte com 6 Asnes de madeira vencendo assim o vão de cerca de 14 metros da sala de espectáculos. Figura 44.



FIGURA 43 – Modelação sistema construtivo e materiais da fachada do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

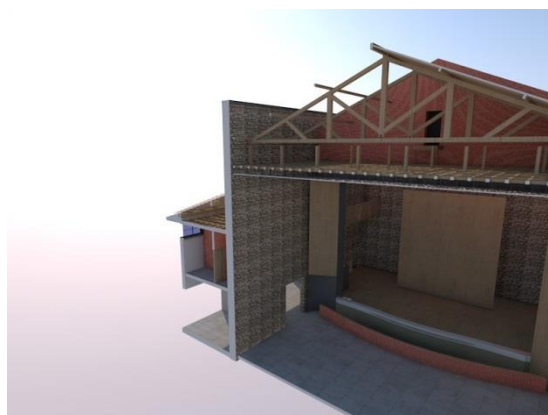


FIGURA 44– Modelação sistema construtivo da cobertura original do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

Esta estrutura servia não só de suporte da cobertura, mas também do tecto falso; o que uma análise aos destroços no local após visita; tratava-se de uma estrutura de madeira em reticula suspensa por cabos de aço aumentando assim o peso suportado pelas Asnes de madeira que apresentavam um desenho limitado para o suporte da cobertura e tecto falso. Figura 45. Este aspecto aliado ao erro no desenho da drenagem das águas da cobertura e a falta de manutenção levaram gradualmente todo este conjunto a abater, colocando em causa o bom funcionamento do espaço e até mesmo a segurança dos utilizadores.



FIGURA 45 – Secção 3D, modelação de alguns elementos construtivos do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

Este acaba mesmo por ceder ao peso em 1993 após um período de fortes chuvas.

Com base em fotografias da época, visita ao edifício e análise dos poucos elementos ainda existentes, podemos afirmar que a decoração do Cine-teatro de Mangualde era sóbria mas elegante, com as paredes interiores a apresentarem as superfícies pintadas de cor branca e os elementos decorativos em madeira pintados de cor verde-escuro bem como as portas de entrada para a sala de espectáculos, portas dos camarotes, corrimão e guardas da arquibancada e as lâminas de madeira que decoram toda a altura do piso 0 da sala. Esta decoração contrastava com o desenho dos bancos dos

espectadores que apresentavam as superfícies da madeira envernizada à cor natural e com os tecidos em vermelho vivo dos encostos e assentos (Figura 46).

A iluminação era feita através de elementos simples espalhados por pontos estratégicos na sala (Figura 47) e sobre as portas de saída (Figura 48).



FIGURA 46 – Exemplos dos bancos da sala de espetáculos do Cine-Teatro de Mangualde, Mercearia D’Avó Torreira 2017 Pedro Santos



FIGURA 47 –Luminárias de parede da sala de espetáculos do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017



FIGURA 48 – Luminária da porta da sala de espetáculos e Sinalética luminosa no bar do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

A quando da sua construção em 1950, o Cine-teatro de Mangualde ocupava o topo de um alinhamento de edifícios na rua onde estava implantado, que a sua envolvente caracterizada por na sua maioria por terrenos agrícolas, como podemos ver na Figura 49, o que lhe conferia maior destaque em termos de composição, volumetria e até mesmo em termos de uso, podendo o miradouro da torre ter sido utilizado pelos bombeiros como ponto de vigia ao combate aos incêndios, como acontece actualmente na torre da igreja da Sr^a do Castelo.



FIGURA 49 – Construção do Cine-teatro de Mangualde; Pires1949; (Dissertação Rui Santos, 2013)

Com o rápido desenvolvimento do tecido urbano da cidade nas décadas seguintes, o Cine-teatro, vai gradualmente sendo absorvido na malha urbana, ficando apenas a sua imponente fachada, como elemento de comunicação com a rua visto o alçado norte ter ficado escondido no gaveto lateral deixando assim ter a mesma preponderância que tinha quando foi projectado por Francisco Keil do Amaral (Figura 50).



FIGURA 50 –Modelação virtual do Cine-Teatro de Mangualde, Pedro Santos 2017

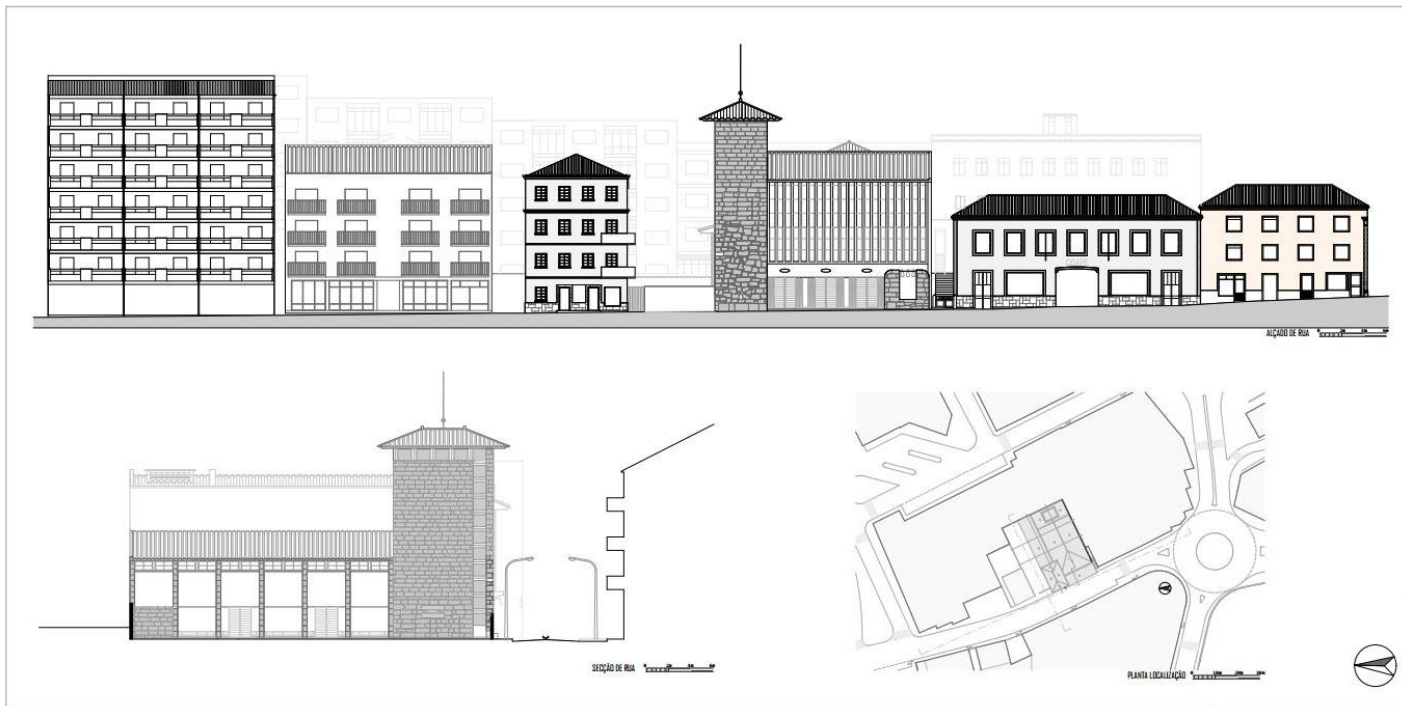


FIGURA 51 - Cine-teatro Alçado de rua, Planta de localização e secção transversão da rua. Pedro Santos 2017

Durante os cerca de 30 anos de funcionamento, o Cine-teatro de Mangualde foi palco de peças de teatro e filmes como “*Um raio de luz*”, algo que chamava a população às matinés, bem como a outros eventos; bailes de finalistas, reuniões e jantares onde estiveram presentes personalidades como Aníbal Cavaco Silva em 1963.



FIGURA 52 – Peça de Teatro “Companhia da alegria no descanso” no Cine-Teatro de Mangualde, 1962. Rui Santos 2013



FIGURA 53 –Cartaz do filme “Um Raio de Luz” exibido no Cine-teatro de Mangualde, 1962, CM Mangualde 2017

Todos estes eventos cativavam a população e constituíam uma parte importante dos seus costumes semanais até ao seu encerramento em 1984, deixando um vazio, obrigando assim a população a deslocar-se aos concelhos vizinhos.

Mesmo após o encerramento, o edifício continuou a marcar os habitantes de Mangualde, não só aqueles que usufruíram deste enquanto em funcionamento, mas também gerações posteriores (como a minha) pela sua presença e beleza bem como o fascínio de imaginar em como teria sido no seu esplendor.

Todo o fascínio e interesse pelo Cine-teatro de Mangualde não invalidaram que este tivesse sido abandonado à sua sorte, acabando por colapsar parte da cobertura, acelerando o processo de degradação tornando-se na ruína que existe hoje.

5.5 Estado de Conservação

Antes de qualquer proposta de intervenção de reabilitação seja ela de restauro, reconversão ou melhoramento, deve sempre ser feita uma análise ao estado de conservação do objecto alvo dessa mesma intervenção. Assim sendo, neste ponto são expostos os problemas do edifício em causa de forma a compreender quais os seus pontos críticos, os factores que influenciaram o estado de degradação e identificar as potencialidades do edifício e os seus elementos notáveis a preservar.

Como já referido anteriormente o Cine-teatro encontra-se abandonado, num estado de ruína, tornando-se assim um perigo para a saúde pública devido a vários factores como a instabilidade física do próprio edifício bem como a intrusão por parte de delinquentes que usam o espaço como refugio ou esconderijo para o consumo de drogas ou para vandalismo, o que poderá levar a possíveis acidentes visto o estado de degradação existente agravar essa possibilidade.

De forma a eliminar este último factor, a camara municipal de Mangualde após a compra do imóvel, levou a cabo uma intervenção de limpeza e demolição do resto da cobertura da sala de espectáculos que tivera ruído no passado devido ao apodrecimento da estrutura de madeira de suporte da cobertura. Também foram feitas intervenções de contenção à intrusão dos delinquentes, como o fecho das portas laterais de acesso à torre com um pano de blocos de cimento; o encerramento do acesso ao gaveto lateral e a colocação de cadeados nas portas da entrada principal.

Todas estas intervenções foram feitas de forma a diminuir o risco de acidentes, por outro lado, nada foi feito para assegurar a estabilidade e a contínua degradação do edifício; devido a falta de verbas; pondo em causa a sua estabilidade estrutural, devido à exposição aos elementos, pela falta da cobertura.

Após visita ao edifício, foi feito um registo fotográfico do existente e o posterior preenchimento de uma ficha normativa de avaliação do nível de conservação NRAU, de forma a compreender o funcionamento dos espaços e das suas valências, mas também com o objectivo de analisar o seu estado actual.

A ficha de avaliação do nível de conservação do edifício foi preenchida com base nos critérios dispostos na seguinte tabela.

TABELA 2 - Critérios de avaliação do nível de conservação de edifícios; MAEC 2006

Muito ligeiras	Anomalias			
	Ligeiras	Médias	Graves	Muito graves
Ausência de anomalias ou anomalias sem significado	Anomalias que prejudicam o aspecto , e que requerem trabalhos de limpeza, substituição ou reparação de fácil execução	Anomalias que prejudicam o aspecto , e que requerem trabalhos de substituição ou reparação de difícil execução		
		Anomalias que prejudicam o uso e conforto e que requerem trabalhos de limpeza, substituição ou reparação de fácil execução	Anomalias que prejudicam o uso e conforto e que requerem trabalhos de substituição ou reparação de difícil execução	
			Anomalias que colocam em risco a saúde e a segurança , podendo motivar acidentes sem grande gravidade, e que requerem trabalhos de limpeza, substituição ou reparação de fácil execução	Anomalias que colocam em risco a saúde e a segurança , podendo motivar acidentes sem grande gravidade, e que requerem trabalhos de substituição ou reparação de difícil execução
				Anomalias que colocam em risco a saúde e a segurança , podendo motivar acidentes graves ou muito graves
				Ausência ou inoperacionalidade de infra-estrutura básica



A. IDENTIFICAÇÃO **CINE-TEATRO**
Avenida dos Combatentes da Grande Guerra

Rua/Av./Pc.:
 Número: Andar: Localidade: **Mangualde** Código postal: **3510** **Mangualde**
 Distrito: **VISEU** Concelho: **Mangualde** Freguesia: **União de Freguesias Mangualde**
 Artigo matricial: Fração: Código SIG (facultativo):

B. CARACTERIZAÇÃO

N.º de pisos do edifício **03** N.º de unidades do edifício **111** Época de construção **1950** Tipologia estrutural N.º de divisões do locado **30** Uso do locado **SERVIÇOS / CULTURA**

C. ANOMALIAS DE ELEMENTOS FUNCIONAIS

Edifício	Anomalias					Não se aplica	Ponderação	Pontuação
	Muito ligeiras (5)	Ligeiras (4)	Médias (3)	Graves (2)	Muito graves (1)			
1. Estrutura	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		x 6 =	24
2. Cobertura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>		x 5 =	05
3. Elementos salientes	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	12
Outras partes comuns								
4. Paredes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	09
5. Revestimentos de pavimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 2 =	02
6. Tectos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 2 =	04
7. Escadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	09
8. Caixilharia e portas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 2 =	06
9. Dispositivos de protecção contra queda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	06
10. Instalação de distribuição de água	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 1 =	01
11. Instalação de drenagem de águas residuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 1 =	01
12. Instalação de gás	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 1 =	01
13. Instalação eléctrica e de iluminação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 1 =	01
14. Instalações de telecomunicações e contra a intrusão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 1 =	01
15. Instalação de ascensores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 3 =	03
16. Instalação de segurança contra incêndio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 1 =	01
17. Instalação de evacuação de lixo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 1 =	01
Locado								
18. Paredes exteriores	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		x 5 =	20
19. Paredes interiores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	09
20. Revestimentos de pavimentos exteriores	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 2 =	10
21. Revestimentos de pavimentos interiores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 4 =	04
22. Tectos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 4 =	08
23. Escadas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 4 =	04
24. Caixilharia e portas exteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		x 5 =	15
25. Caixilharia e portas interiores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	09
26. Dispositivos de protecção de vãos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 2 =	04
27. Dispositivos de protecção contra queda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 4 =	04
28. Equipamento sanitário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	03
29. Equipamento de cozinha	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 3 =	03
30. Instalação de distribuição de água	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	03
31. Instalação de drenagem de águas residuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	03
32. Instalação de gás	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 3 =	03
33. Instalação eléctrica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	x 3 =	03
34. Instalações de telecomunicações e contra a intrusão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 1 =	01
35. Instalação de ventilação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 2 =	02
36. Instalação de climatização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 2 =	02
37. Instalação de segurança contra incêndio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	x 2 =	02

D. DETERMINAÇÃO DO ÍNDICE DE ANOMALIAS

Total das pontuações (a) **177**
 Total das ponderações atribuídas aos elementos funcionais aplicáveis (b) **77**
 Índice de anomalias (a/b) **2,33**

TABELA 3 - Índice de anomalias do estado de conservação; MAEC 2006

Nível de anomalia	Muito ligeiras	Ligeiras	Médias	Graves	Muito graves
Índice de anomalias	$5,00 \geq IA \geq 4,50$	$4,50 > IA \geq 3,50$	$3,50 > IA \geq 2,50$	$2,50 > IA \geq 1,50$	$1,50 > IA \geq 1,00$
Estado de conservação	Excelente	Bom	Médio	Mau	Péssimo
Nível de conservação	5	4	3	2	1

Após a análise dos resultados obtidos na ficha de avaliação do nível de conservação acima referida e tendo como base o índice de anomalias disposto na tabela 3, podemos afirmar que o edifício em causa se encontra em mau estado de conservação, tendo este obtido uma pontuação final de 2.33.

Com o intuito de sistematizar a análise do registo fotográfico, é apresentada; através de uma selecção das fotografias mais relevantes; uma foto montagem por espaços e por elementos (como alçados ou mobiliário), apoiada por uma descrição dos problemas existentes e por estratos das peças desenhadas; que poderão ser consultadas no ANEXO II; identificando assim o espaço e a localização mais específica do problema.



ALÇADO POENTE



FIGURA 54 - Estado Conservação Alçado Poente, Pedro Santos 2017

No alçado poente; ou fachada principal; é possível observar:

- Descoloração da pedra da torre,
- Acumulação de vegetação na caleira de drenagem da pala sobre a entrada,
- Escorrências nas laminais verticais da fachada nos pisos superiores,
- Acumulação de placas de fungos de cor negra nas superfícies com reboco,
- Oxidação dos elementos metálicos (puxadores e candeeiros),
- Perda de reboco em algumas laminais verticais da fachada e no espaço dedicado aos cartazes publicitários e pala,
- Perda de alguns tijolos de vidro nas paredes entre portas,
- Escamação da camada de tinta das portas e janela da bilheteira,
- Inexistência ou quebra de vidros do primeiro piso,
- Acumulação de lixo e dejectos de animais nas janelas e primeiro piso e caleira da pala,
- Vandalismo por *graffiti* nas portas, colunas e muro lateral da cobertura da torre e do volume da fachada.



ALÇADO NORTE



FIGURA 55 - Estado Conservação Alçado Norte, Pedro Santos 2017

No alçado norte, observamos:

- Acumulação de vegetação no gaveto lateral,
- Descoloração da pedra da torre,
- Escamação da camada de tinta das janelas da torre,
- Inexistência de algumas janelas da torre ou quebra de vidros,
- Inexistência ou quebra de vidros das janelas dos camarins,
- Escamação do reboco do volume dos camarins,
- Escorrências em todos os pilares de pedra de suporte do volume dos camarins,
- Fissuração na parede mais a sul do volume dos camarins.
- Acumulação de material biológico (fungos) nas paredes a nível do rés-do-chão,
- Inexistência da porta de acesso aos camarins e apodrecimento do aro de madeira,

- Fecho da porta de acesso a torre com parede de blocos de cimento,
- Perda da camada de tinta das portas de acesso à sala de espectáculos ou escamação da mesma,
- Acumulação de vegetação na cobertura,
- Ruína de partes da cobertura do volume dos camarins,
- Vandalismo por *graffiti* nas portas e paredes a nível do rés-do-chão,
- Perda de reboco da parede superior da sala de espectáculos,
- Escorrências na parede superior da sala de espectáculos ao longo de toda a platibanda.



FOYER

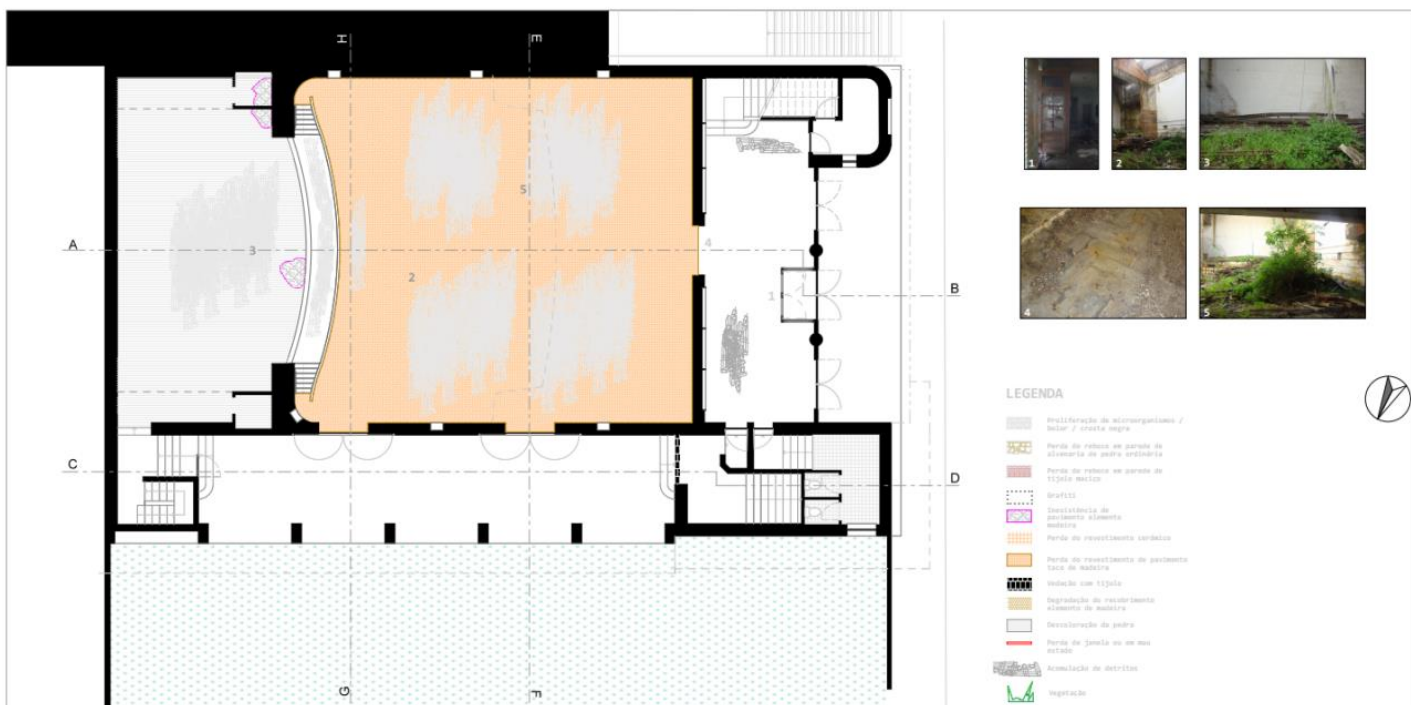


FIGURA 56 -Estado Conservação Planta Piso 0, Pedro Santos 2017

No foyer, pode observar-se:

- Escorrências em todas as paredes,
- Inexistência da porta da sala de espectáculos e apodrecimento do aro de madeira,
- Inexistência do material de pavimento (taco de madeira),
- Escamação ou perda de reboco em algumas paredes,
- Oxidação de elementos metálicos da guarda das escadas laterais,
- Escamação da camada de verniz do corrimão da guarda da escada lateral,
- Apodrecimento da porta de madeira de acesso às instalações sanitárias,
- Inexistência da porta de acesso ao bengaleiro,
- Acumulação material biológico (fungos) no canto da escadaria lateral,
- Perda do revestimento ou escamação do mesmo dos painéis publicitários e inexistência das portas de vidro,
- Escamação e perda de parte do reboco do tecto.



SALA ESPETACULOS



SALA ESPETACULOS



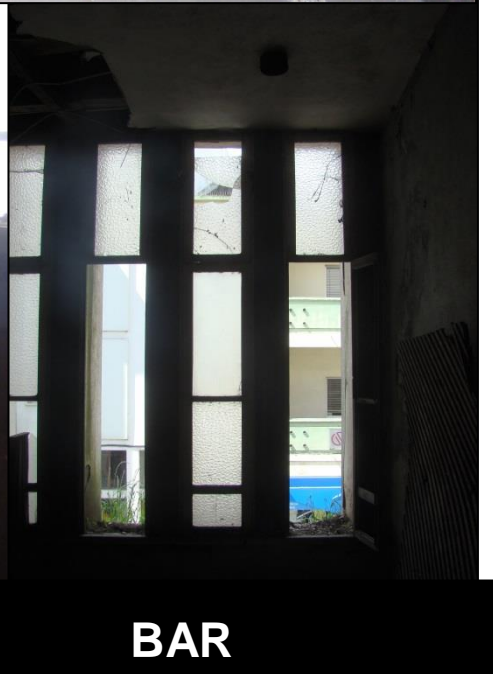
PALCO



FIGURA 57 - Estado Conservação Secção A-B, Pedro Santos 2017

Na zona do palco podemos observar:

- Acumulação de detritos em toda a extensão do palco,
- Perda total da estrutura de madeira da tela de projecção,
- Acumulação de vegetação em toda a frente palco,
- Perda total da estrutura metálica de apoio aos cenários e iluminação,
- Acumulação de material biológico (fungos) na parede sul até ao nível do varandim,
- Ruína do pavimento de madeira do varandim sul,
- Perda de reboco no topo da parede sul,
- Perda total dos ornamentos e revestimento da boca de palco,
- Fissuração no remate da parede frente palco com o pavimento de madeira do palco,
- Acumulação de material biológico (fungos) na parede frente palco,
- Ruína de parte do pavimento do palco junto à parede frente palco e à parede de topo junto ao acesso lateral norte,
- Ruína de parte da estrutura de madeira do forro da caixa de palco junto à parede sul.



BAR

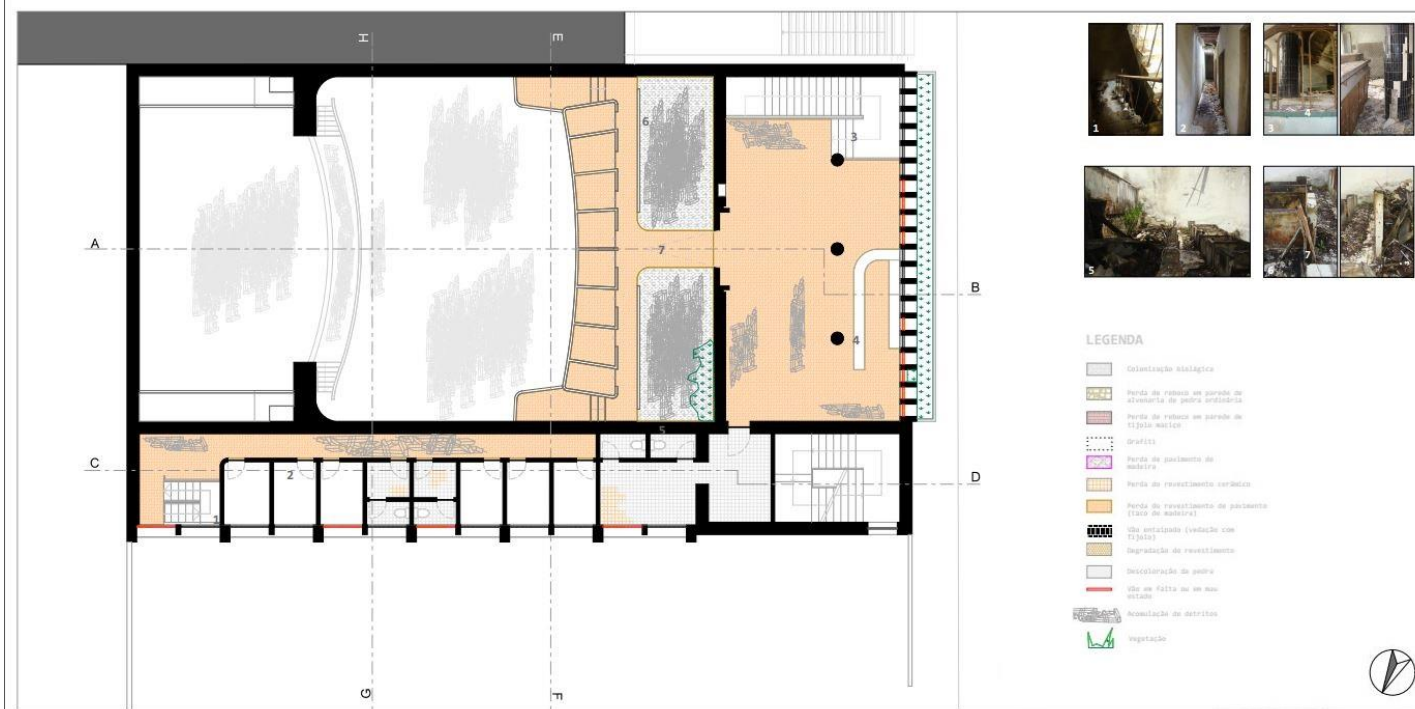


FIGURA 58 -Estado Conservação Planta Piso 1, Pedro Santos 2017

No espaço do Bar, podemos observar:

- Inexistência do material de revestimento do pavimento (taco de madeira),
- Acumulação de material biológico (fungos) em todas as paredes,
- Fissuração da parede de separação à sala de espectáculos junto a porta de acesso à mesma,
- Ruína de parte do tecto falso,
- Degradação da estrutura e revestimento do mobiliário,
- Oxidação dos elementos metálicos das guardas da escadaria lateral,
- Escamação da camada de verniz do corrimão das guardas da escadaria lateral,
- Descolamento e perda de peças cerâmicas de revestimento das colunas,
- Escamação da camada de tinta dos aros das janelas,
- Inexistência ou quebra de alguns vidros das janelas da fachada,
- Acumulação de dejectos animais nas janelas e um pouco por todo o espaço,
- Oxidação dos elementos metálicos (puxadores e dobradiças) das janelas da fachada.



CAMARINS

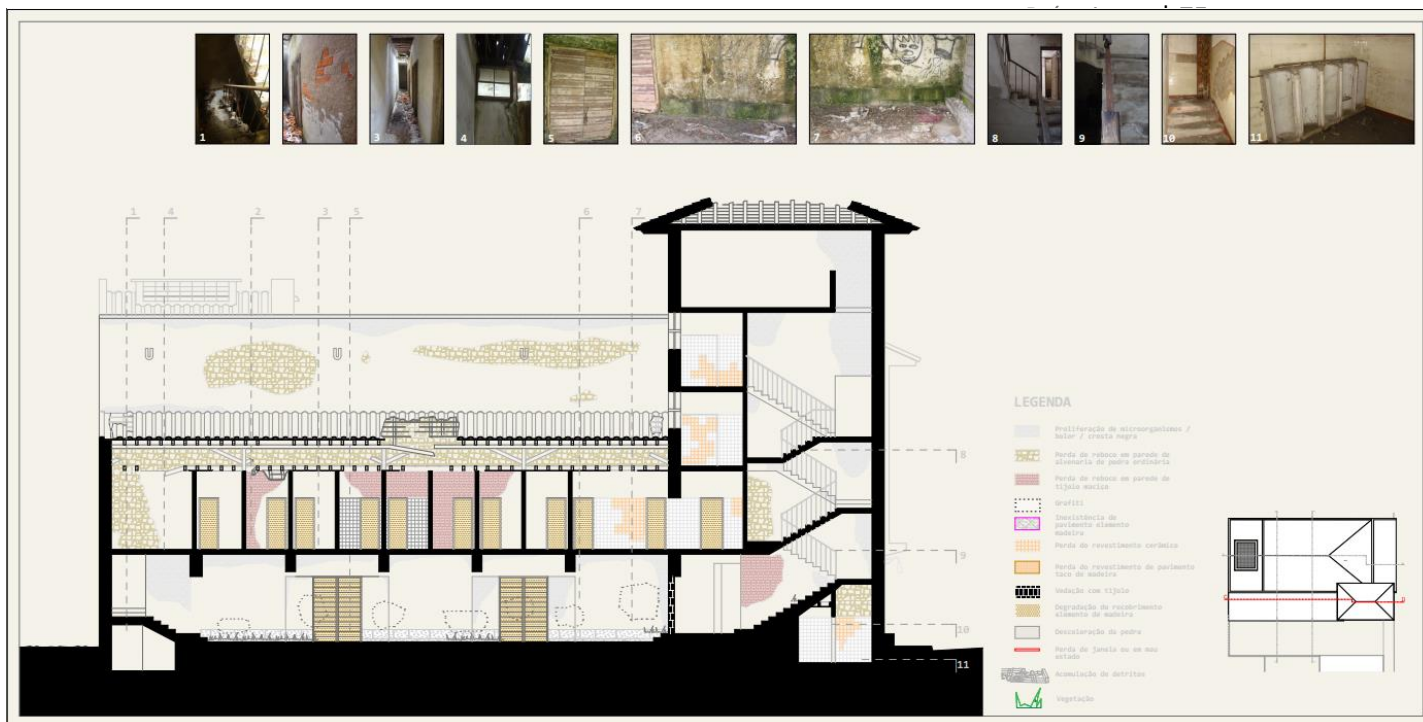


FIGURA 59 - Estado Conservação Secção C-D, Pedro Santos 2017

Na zona dos camarins, podemos observar:

- Perda de parte da cobertura e do tecto falso,
- Escorrências nas paredes do corredor e da caixa de escadas de acesso aos camarins,
- Perda de parte do emboço e reboco nas paredes do corredor,
- Acumulação de material biológico (fungos) nas paredes da caixa de escadas,
- Inexistência de janelas ou apodrecimento da estrutura de madeira das mesmas,
- Fissuração da parede da caixa de escadas,
- Oxidação dos elementos metálicos da guarda das escadas,
- Escamação da camada de verniz do corrimão da guarda das escadas,
- Inexistência das peças dos sanitários,
- Perda ou apodrecimento de algumas portas dos camarins,
- Escamação da camada de verniz das portas dos camarins e sanitários,



SOB PALCO

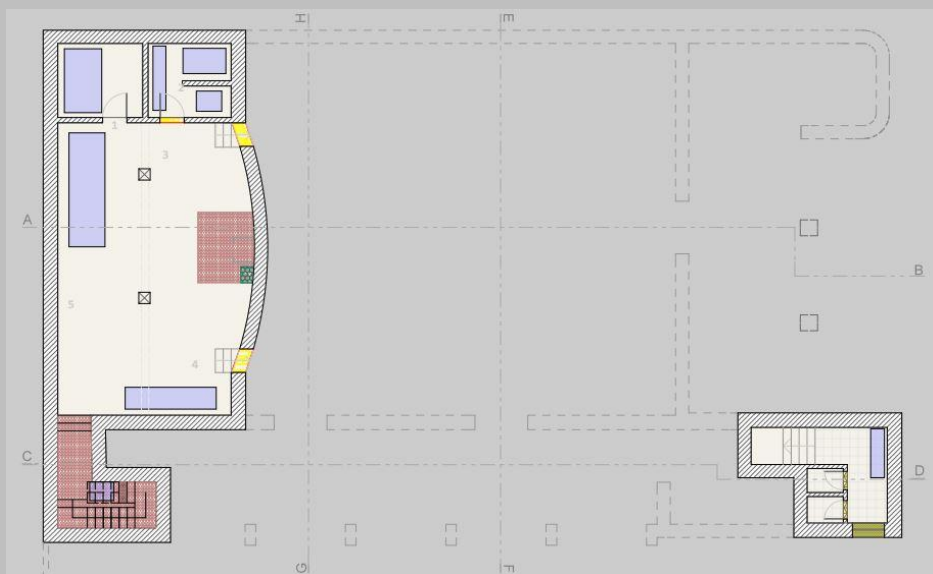


FIGURA 60 - Estado Conservação Planta Piso -1, Pedro Santos 2017

Na zona sob o palco, observamos:

- Apodrecimento da estrutura de madeira da caixa de ponto,
- Fissuração e deslocamento da parede dos arrumos a sul,
- Perda de reboco na parede de suporte da frente palco,
- Inexistência de porta de um dos arrumos,
- Escorrências na parede de suporte frente palco,
- Acumulação de material biológico (fungos) nas paredes dos arrumos, na parede de suporte frente palco e parede se suporte a norte,
- Inexistência das portas de acesso à zona da orquestra da sala de espectáculos,
- Oxidação dos elementos metálicos das guardas da caixa de escadas a norte,
- Escamação da camada de verniz do corrimão das guardas da caixa de escadas,
- Fissuração da parede da caixa de escadas,



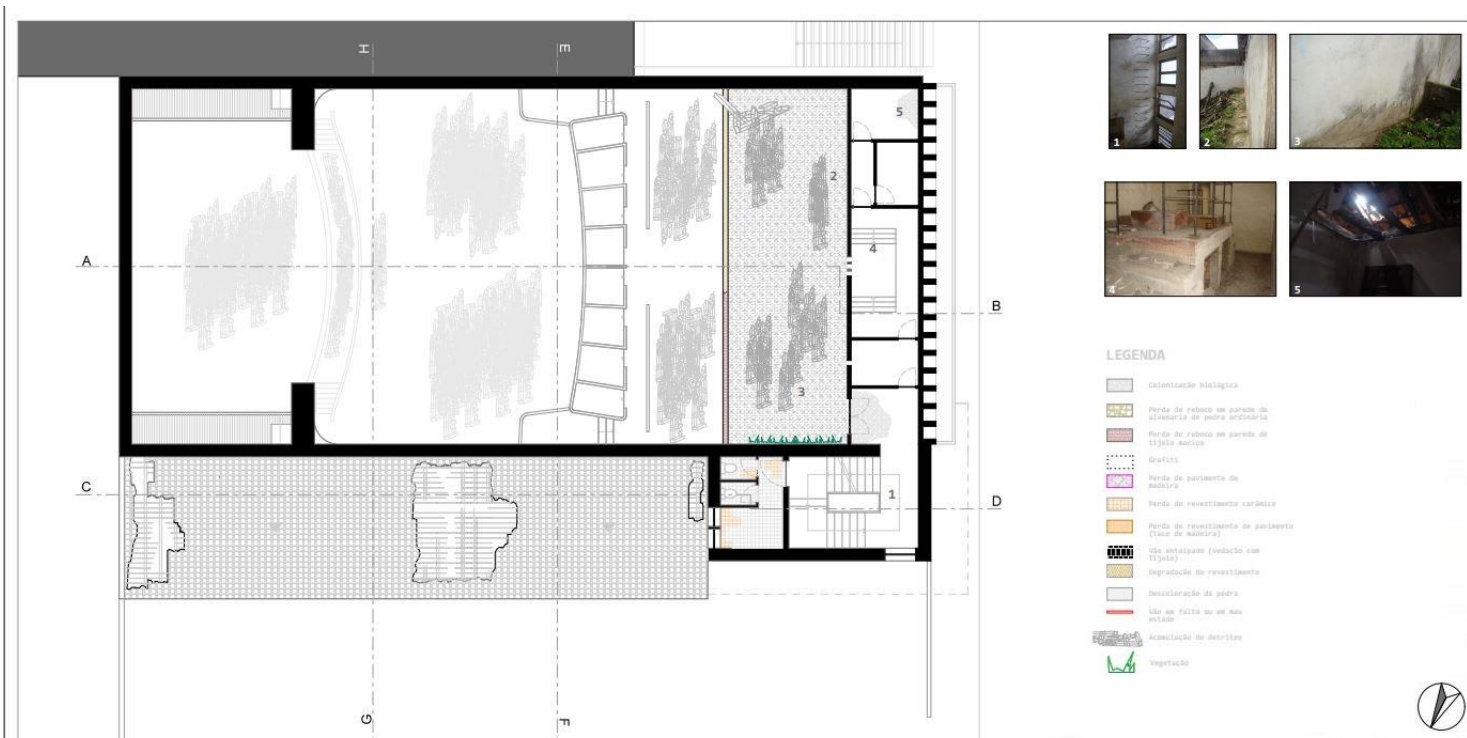


FIGURA 61 -Estado Conservação Planta Piso 2, Pedro Santos 2017

Nas zonas técnicas de projecção e entrada à plateia no último piso, observamos:

- Perda de parte do tecto falso e parte da cobertura nos arrumos mais a sul,
- Perda de parte do tecto falso e parte da cobertura no foyer de entrada à plateia,
- Apodrecimento de alguns elementos da estrutura de madeira de suporte do tecto falso e da cobertura,
- Acumulação de material biológico (fungos) no tecto falso da entrada à plateia e nos arrumos mais a sul,
- Acumulação de detritos e sujidade,
- Oxidação da guarda metálica da plataforma de projecção,
- Perda das portas metálicas da plataforma de projecção e oxidação dos aros metálicos,
- Perda ou quebra de vidros das janelas dos arrumos,
- Perda das portas de madeira dos arrumos,



COBERTURA



FIGURA 62 -Estado Conservação Planta da Cobertura, Pedro Santos 2017

Na cobertura do volume da sala de espectáculos e caixa do palco, observamos:

- Perda total da cobertura da sala de espectáculos bem como toda a sua estrutura de madeira de suporte,
- Perda total do tecto falso da sala de espectáculos,
- Acumulação de vegetação nas caleiras laterais de drenagem,
- Perda ou ruína de parte da cobertura da caixa do palco,
- Acumulação de vegetação sobre as placas de fibrocimento da cobertura da caixa do palco,
- Escorrências em toda a extensão das platibandas,
- Acumulação de material biológico (fungos) em toda a extensão das platibandas,
- Eflorescências na parede de tijolo maciço de separação do forro da sala de espectáculos com a caixa do palco,
- Oxidação da porta metálica de visita ao forro da sala de espectáculos.

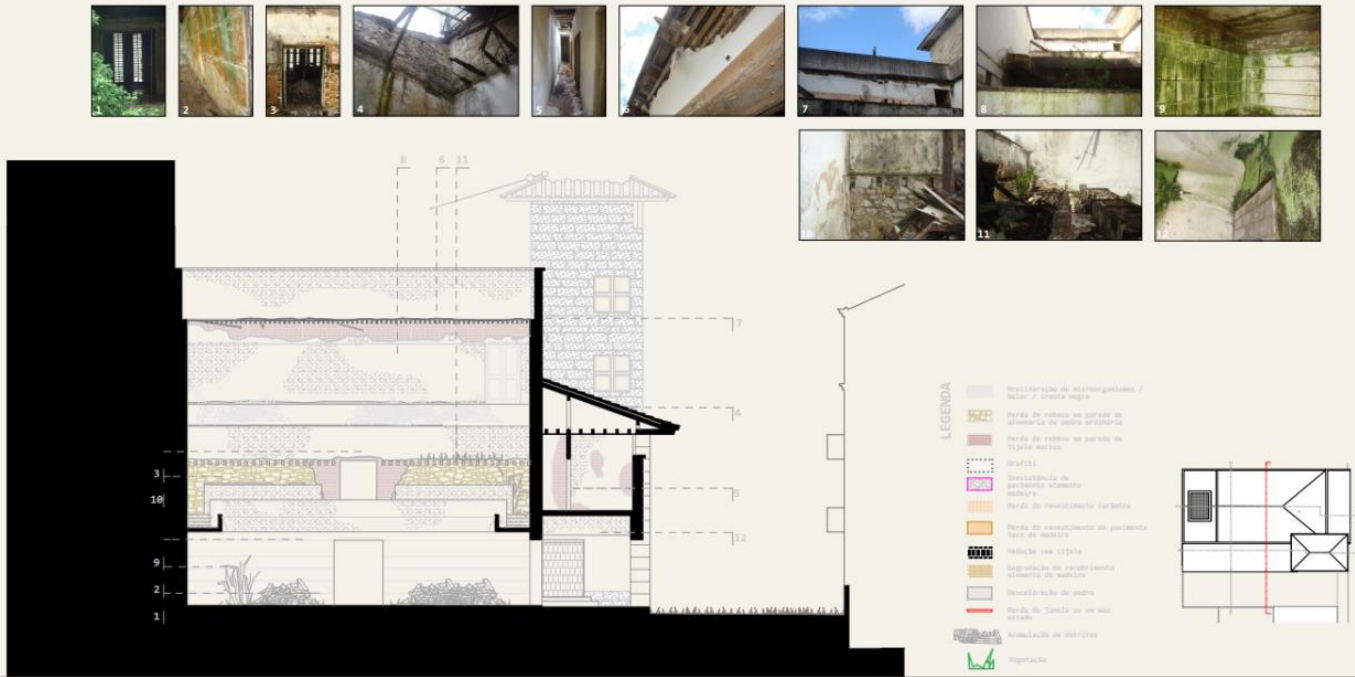


FIGURA 63 -Estado Conservação Secção E-F, Pedro Santos 2017



FIGURA 64 - Estado Conservação Secção G-H, Pedro Santos 2017

PARTE III

PROPOSTA

PROJECTO CASA DA ARTE DE MANGUALDE

- “restaurar um edifício não é conserva-lo, repará-lo ou refaze-lo, é restabelece-lo num estado de plenitude que não poderá ter existido em nenhum momento.”

Viollet-de-Duc, 1871

6. PROPOSTA

Projecto CASA DA ARTE de Mangualde

Após uma análise cuidada e criteriosa ao edifício alvo desta dissertação, desde a sua história, relevância patrimonial como imóvel, importância cultural e estado de conservação, foi elaborada uma proposta de intervenção tendo como objectivo a preservação dos elementos notáveis (Fachada, Torre e disposição da sala de espectáculos), o melhoramento das valências direccionadas à prática do teatro e do cinema, e a ampliação e criação de novos espaços de forma a abranger diferentes e novos públicos e temáticas (exposições de arte).

A necessidade de promover outras temáticas, deve-se à lacuna de espaços no concelho onde a prática de exposição de arte seja contemplada. Assim sendo, com esta alteração à exclusividade ao teatro e ao cinema, é proposta a alteração do nome do edifício, de Cine-Teatro para Casa da Arte, visto este, após a intervenção não depender só do cinema e do teatro para poder subsistir e existir como edifício e como elemento importante no património cultural da região.

A intervenção proposta passa; numa primeira fase; pela demolição de todos os elementos sem necessidade da preservação, mas que ficam catalogados pelas peças desenhadas do levantamento e pelo registo fotográfico.

Ainda nesta primeira fase, será feita toda a limpeza dos escombros/detritos do interior do edifício, possibilitando o posterior tratamento das superfícies que serão preservadas pelo projecto de intervenção proposto.

O tratamento destas superfícies será feito de forma criteriosa, eliminando as patologias existentes, como a acumulação de materiais biológicos (fungos e algas), fissurações de forma a evitar a sua reincidência e diminuir o risco de degradação dos novos materiais a aplicar.

Após toda a limpeza do edifício e erradicação das patologias dos elementos que serão preservados, será implementada a proposta de reabilitação, ampliação, reconstrução e restauro ou melhoramento das valências e elementos do edifício.

As principais alterações propostas face ao projecto original, passam pela reformulação total do volume lateral; onde funcionavam os camarins, como podemos ver na figura 65. Esta demolição do volume lateral apesar de ser a que mais impacto tem no edifício, foi feita de forma criteriosa sem ferir ou alterar o aspecto do edifício ou dos seus elementos mais relevantes, ou seja, a fachada principal.



FIGURA 65 -Secção C-D Vermelhos e Amarelos da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos 2017

Outras das alterações significativas a edifício em questão foram a reorganização da zona técnica sob o palco, melhoramento dos aspectos técnicos de apoio ao palco; a criação de um novo volume no último piso aproveitando o espaço deixado pela ruína da cobertura original figura 68, a reorganização da zona do bar figura 67, e a colocação de um elevador no volume da torre para facilitar o acesso aos pisos superiores.

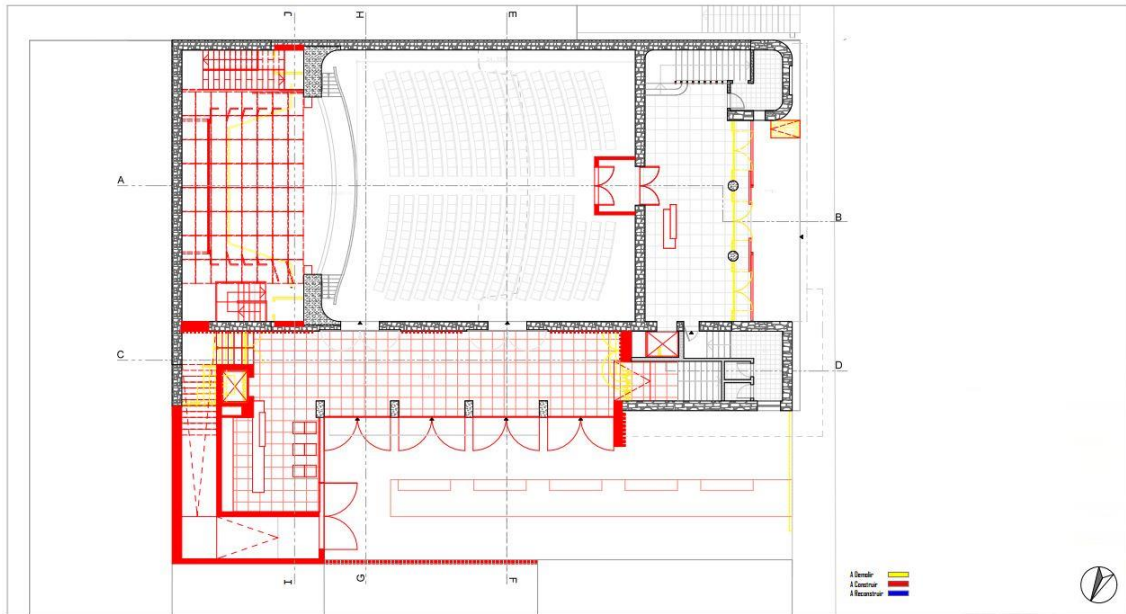


FIGURA 66- Vermelhos e Amarelos Planta piso 0 da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos 2017

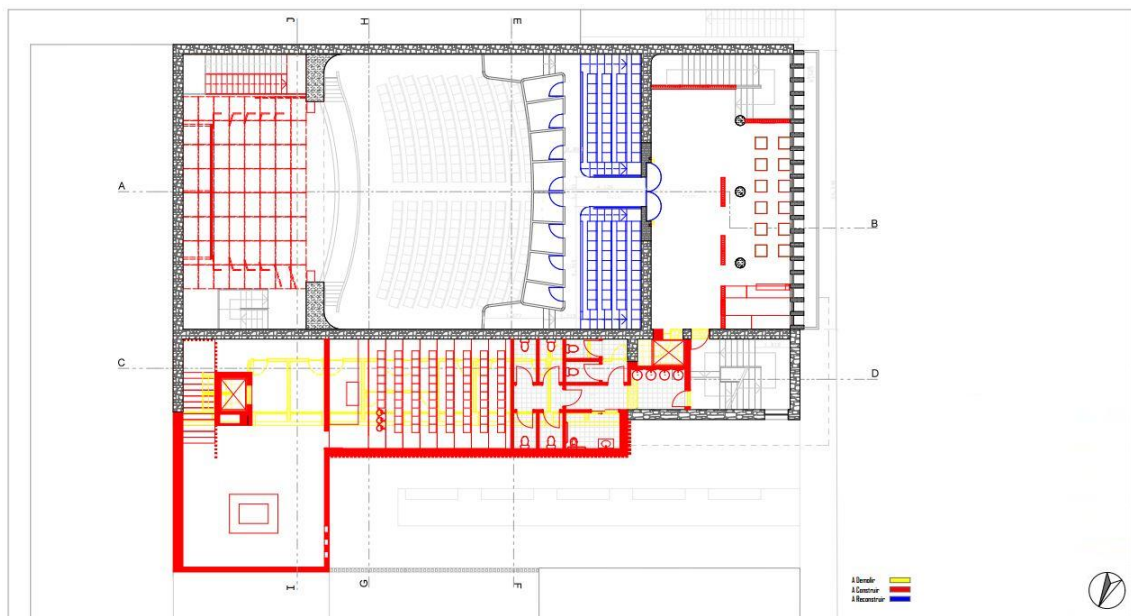


FIGURA 67- Vermelhos e Amarelos Planta piso 1 da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos 2017

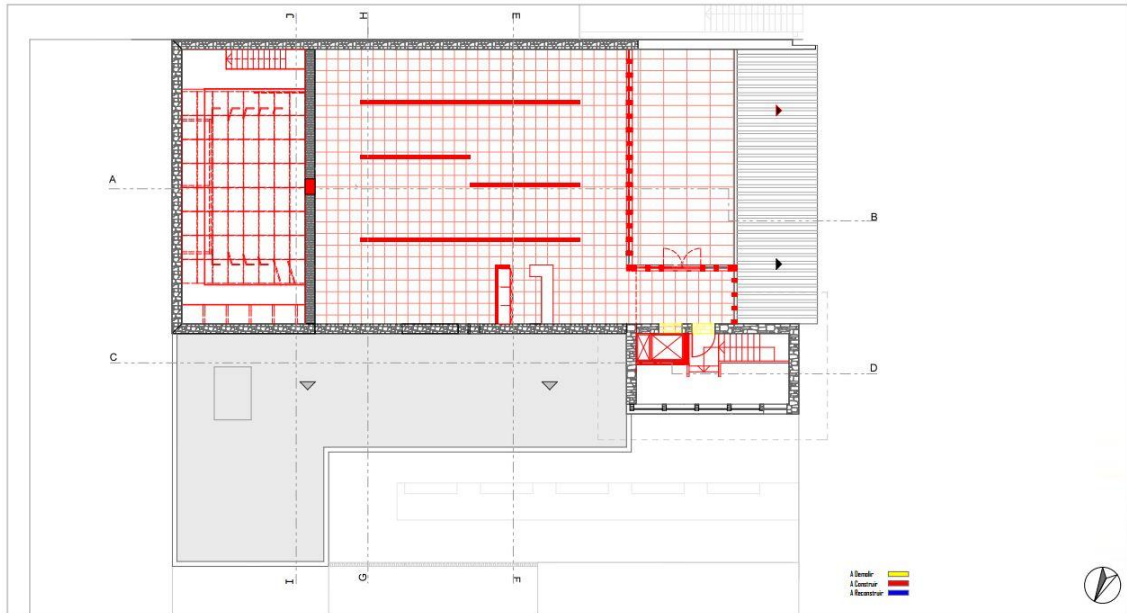


FIGURA 68- Vermelhos e Amarelos Planta piso 3 da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos 2017

Em termos de organização o edifício passa a obedecer ao seguinte organograma:

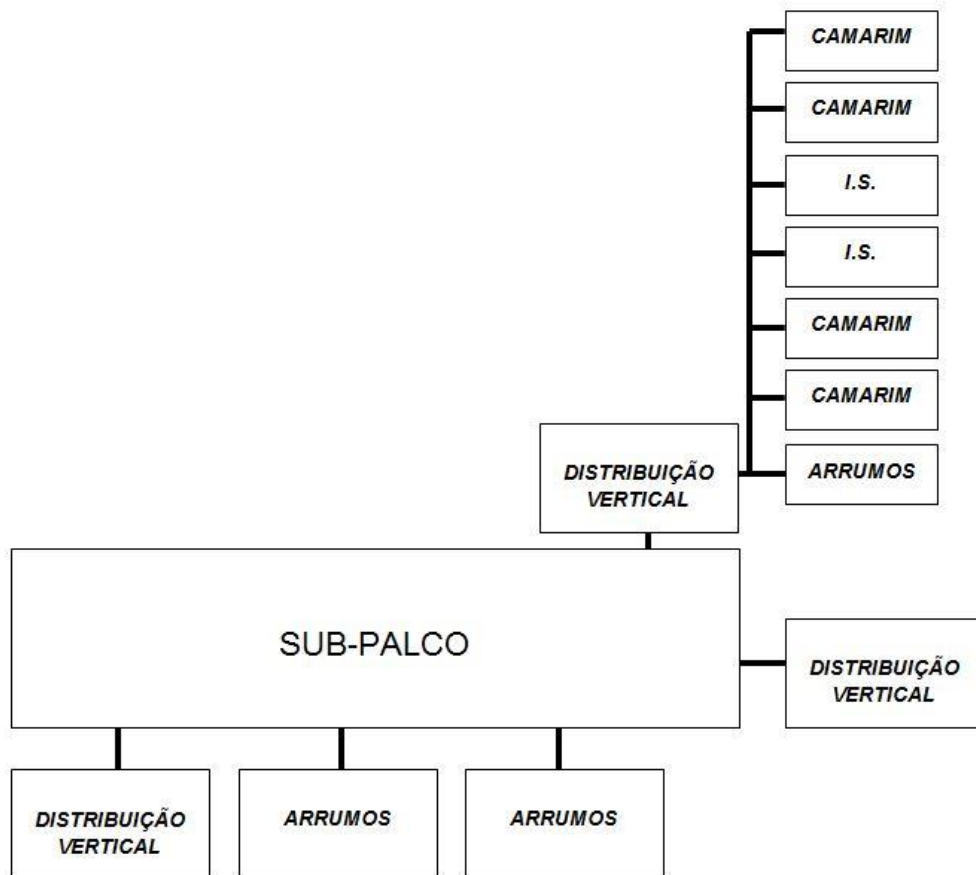


FIGURA 69- Organograma de funcionamento do piso -1 da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos

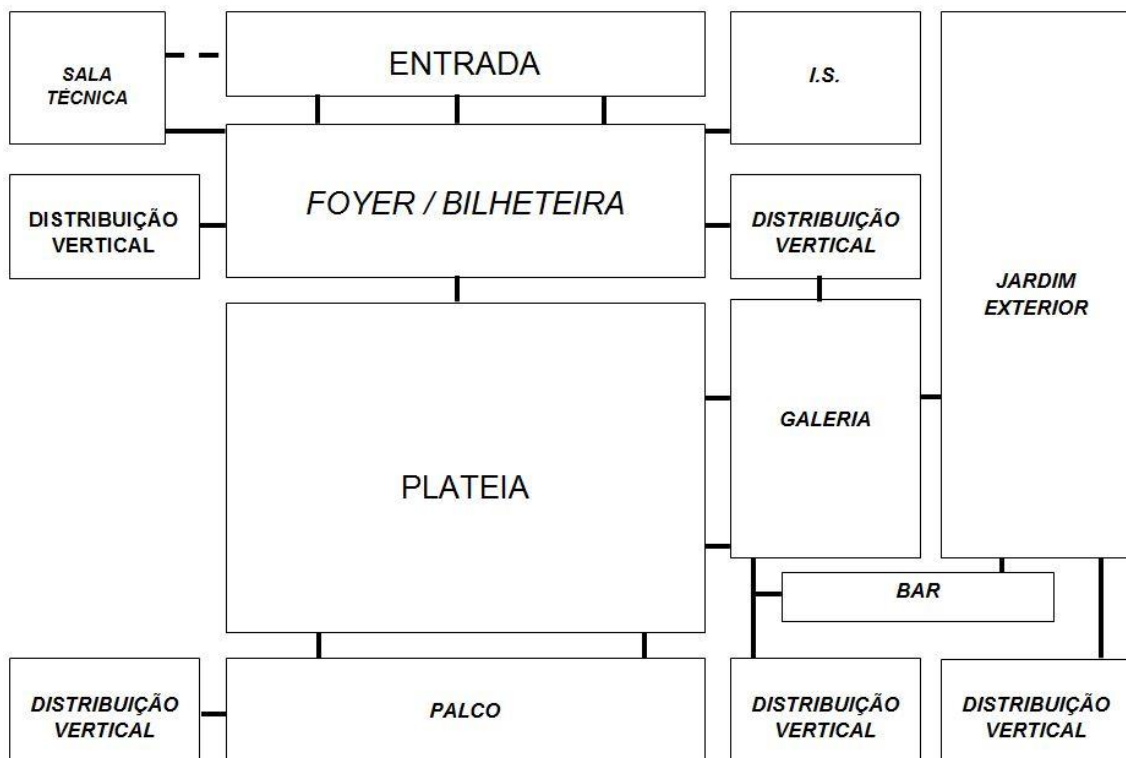


FIGURA 70- Organograma de funcionamento do piso 0 da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos 2017

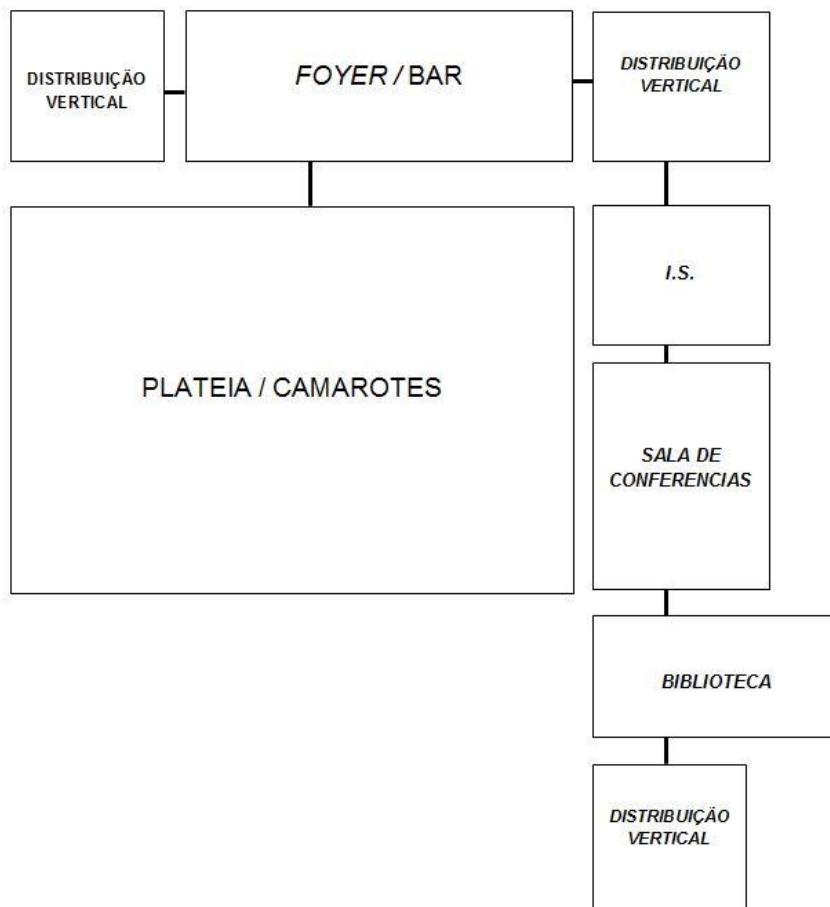


FIGURA 71- Organograma de funcionamento do piso 1 da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos

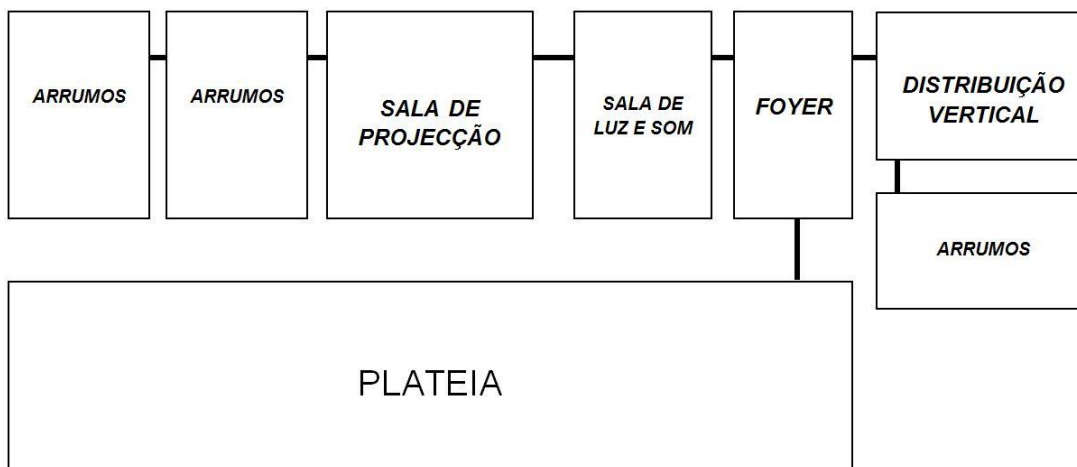


FIGURA 72- Organograma de funcionamento do piso 2 da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos 2017



FIGURA 73- Organograma de funcionamento do piso 3 da casa da arte de Mangualde , Pedro Santos 2017

Ao nível do rés-do-chão, o foyer aparece mais amplo, com a substituição das portas de madeira originais por dois panos de vidro e com apenas uma porta central de maiores dimensões, removendo assim os panos de parede de vidro entre portas soltando assim as colunas de suporte da plateia.

Este deslocamento das portas e a sua substituição por panos de vidro, permite a entrada de luz no espaço do foyer, transformando-o numa zona mais apelativa.

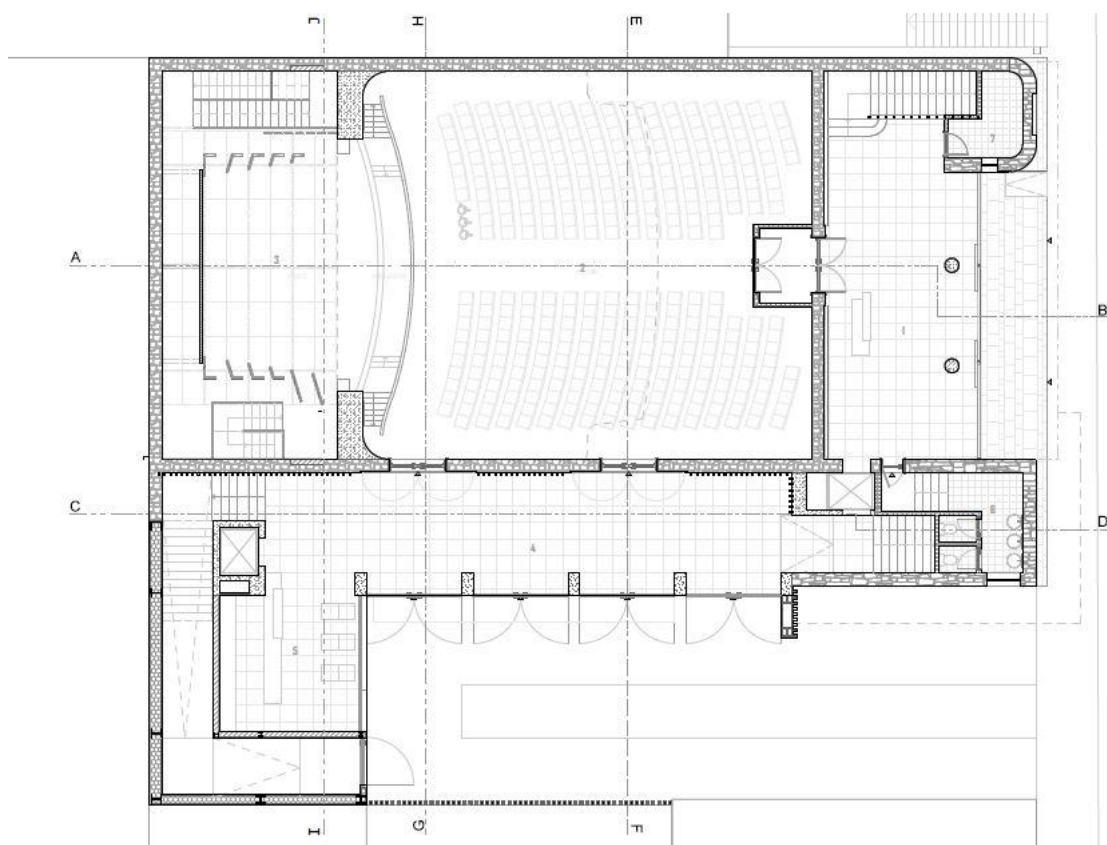


FIGURA 74- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Planta Piso 0, Pedro Santos 2017

É também proposta a colocação de mobiliário de apoio (balcão de atendimento e bilheteira), a substituição dos seis painéis publicitários da parede de topo por apenas quatro e a remoção das guardas das escadas laterais e colocação de um conjunto de perfis verticais de madeira, dispostos de forma a dar continuidade com o espaço do bar no piso superior e garantir a segurança das escadas.

O antigo local da bilheteira é reformulado de forma a funcionar como zona técnica (quadro eléctrico e sala do segurança), mantendo a janela para o exterior com o mesmo aspecto, sofrendo apenas restauro e melhoramento.

Na sala de espectáculos é mantida a organização espacial, sendo prevista na sua entrada; ao nível do rés-do-chão; a construção de uma antecâmara, a fim de minimizar os possíveis conflitos de funcionamento entre o *foyer* e a zona de plateia.

Esta antecâmara é provida de duas portas com o desenho semelhante ao que outrora existia, este elemento repete-se nas portas de acesso do piso 1 e piso 2 à plateia.

As superfícies das paredes laterais da sala, após a limpeza e recolocação ou substituição do emboço, são revestidas com uma câmara composta por camara de isolamento acústico e revestida a gesso cartonado, a fim de isolar o espaço de ruídos exteriores e melhorar o isolamento térmico da sala.

Na arquibancada, além de ser mantida a mesma disposição e a sua estrutura, é feita a reconstrução do espaço de bancada, com a organização original, mas por sua vez com uma estrutura metálica de suporte.

No último patamar da plateia (piso 2) é também mantida a mesma organização do espaço, mas com a alteração do mobiliário de forma a obedecer a normas de circulação e garantir o conforto dos espectadores.

A grande alteração da sala de espectáculos face ao projecto original, é o desenho do tecto falso, onde outrora se observava um plano contínuo; é proposta uma composição de três elementos, suspensos na estrutura de suporte do último piso com cabos de aço; separados em altura de forma a comportar equipamentos de iluminação de apoio ao palco. Estes elementos à semelhança do que existiu acompanham de forma escalonada a sala desde a cabine de projecção até a face superior da boca de palco, ajudando assim a criar maior foco sobre o palco.

Em termos de ornamento, a sala mantém à semelhança do original, todas as paredes pintadas de cor branca, mantendo também as lâminas horizontais de

madeira ao longo das paredes ao nível do rés-do-chão, cortadas apenas pelos volumes das pilastras de suporte da estrutura do piso superior. Todos os outros pequenos elementos de decoração como os corrimãos das guardas dos camarotes e das paredes de suporte da plateia do piso 1 e guarda do piso 2; apesar de a maioria ter desaparecido ou estar num estado de degradação tal que impossibilita a sua reutilização; estes serão refeitos e recolocados, mantendo o máximo possível o aspecto original da sala.

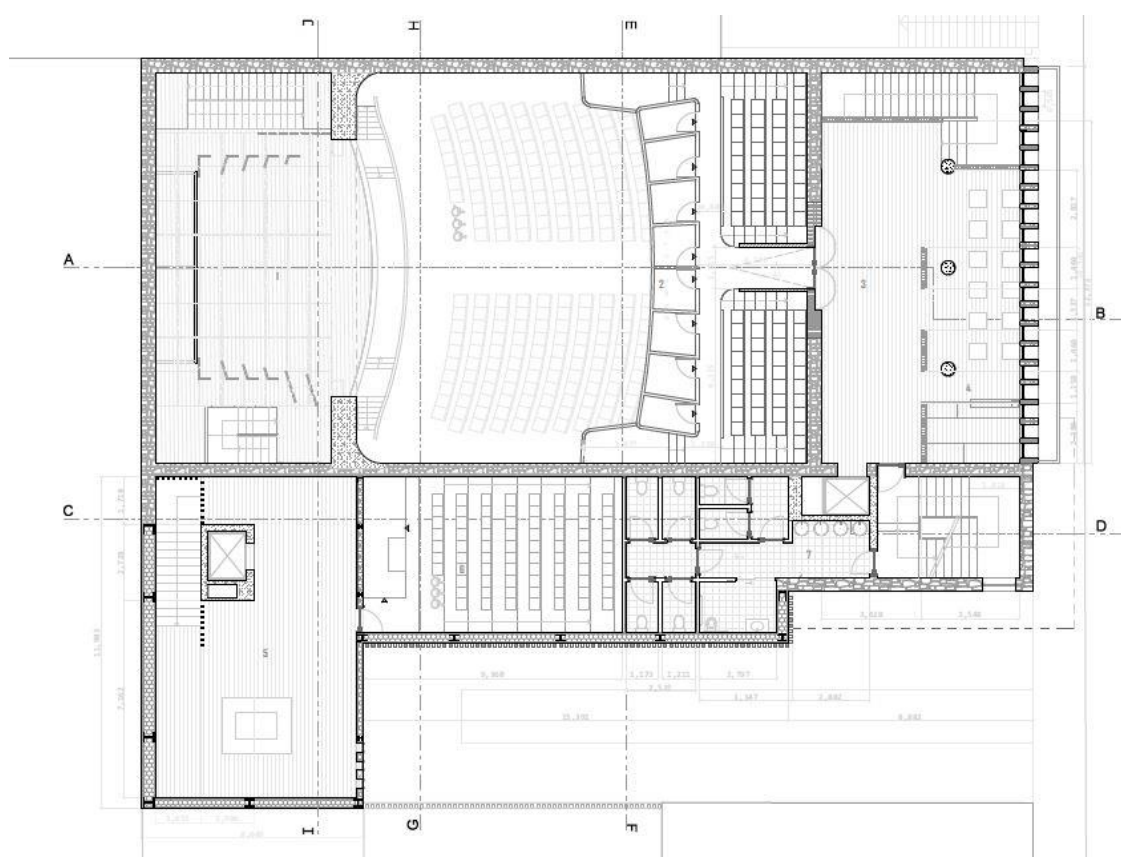


FIGURA 75- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Planta Piso 1, Pedro Santos 2017

Na zona do bar, a intervenção passa pela remoção do mobiliário e a reorganização do espaço.

Com o objectivo de definir a zona de circulação de acesso à plateia e zona de bar como espaços distintos e funcionamentos independentes, são colocados elementos de separação com lâminas de madeira espaçadas de forma a manter o espaço definido mas permeável pela luz das janelas da

fachada. Este conceito é aplicado também nas guardas das escadas laterais, a fim de manter a coerência de definição e harmonia do espaço.

No espaço do bar o mobiliário é substituído por um de dimensões mais reduzidas e de desenho mais ortogonal, disposto junto à parede a norte face à torre, aproveitando mais área para a colocação de mesas, criando assim uma zona de estar junto às janelas da fachada.

O que resta do tecto falso original é totalmente removido e substituído por uma estrutura de madeira à vista, disposta em três níveis; acompanhando a inclinação da laje de suporte da plateia superior; em que o pé direito encontra-se sobre o espaço do bar e por sua vez o de menor pé direito ao longo da parede de separação à plateia do piso 1.

Neste espaço, denota-se a preservação do revestimento cerâmico que resta nas três colunas, sendo preenchidos os espaços em falta por peças cerâmicas com o mesmo dimensionamento mas de cor branca contrastando com os existentes de cor negra, dando assim maior foco ao material original.

Já as janelas da fachada são substituídas por novos elementos com o mesmo dimensionamento, apenas com um único pano de vidro, removendo a separação entre vidros, dando aos vãos um desenho mais simples.

O volume da torre, mantém a sua função, apenas com pequenas alterações na disposição dos acessos, número de pisos acessíveis e inclusão de elevador.

O aspecto mais relevante é a colocação do elevador no espaço do antigo bengaleiro (rés-do-chão) até ao último piso. A colocação deste deve-se à carência de responder à necessidade de acesso aos pisos superiores a pessoas com mobilidade reduzida, permitindo também a ligação interior entre o *foyer* e espaço de bar lateral, sendo removidos os dois degraus da porta de entrada da torre e substituídos por uma rampa. É também assegurada a ligação à caixa de escadas da torre pela zona do bar do piso 1 através de uma abertura de uma porta possibilitando assim o acesso às instalações sanitárias.

Devido ao alinhamento vertical da caixa do elevador, são removidas as duas instalações sanitárias do volume da torre dos pisos superiores, servindo estes dois espaços; agora com dimensões mais reduzidas; de arrumos de apoio.

No piso superior da torre é mantida a função de miradouro, sendo o acesso a este reformulado com a criação de dois patamares de escada a partir do patamar da entrada ao segundo piso, mantendo a mesma disposição e desenho dos patamares inferiores, dando acesso ao miradouro e ao último piso onde se desenvolve a sala de exposições sobre a sala da plateia.

Já o volume lateral do gaveto, é onde a intervenção mais se faz sentir, é proposta a ampliação do mesmo junto ao topo do gaveto, à semelhança do anteprojecto do arquitecto Francisco Keil do Amaral, encerrando assim por completo o topo do lote. (figura 76).

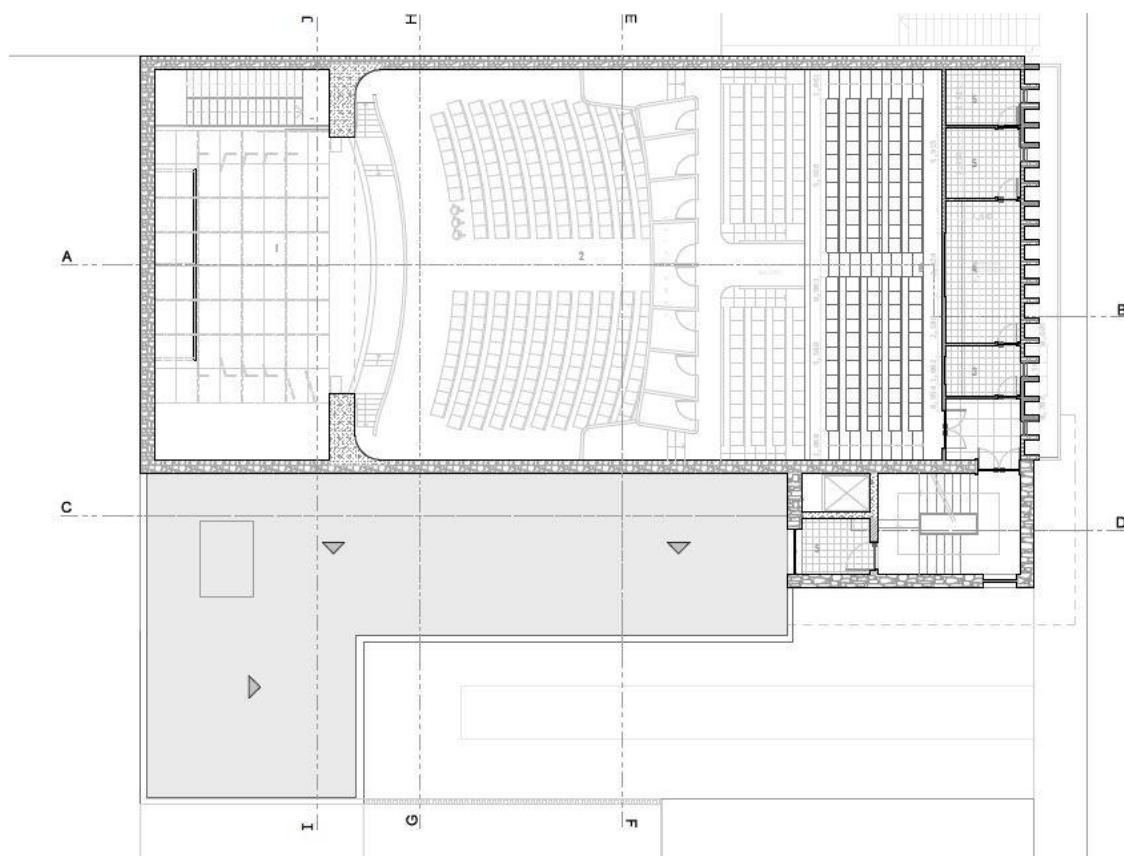


FIGURA 76- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Planta Piso 2, Pedro Santos 2017

Esta ampliação é feita nos dois pisos (piso 0 e piso 1), no rés-do-chão é feito pelo volume no topo do lote que articulado com o espaço de circulação e o fecho do espaço entre pilares de pedra com portas de vidro de duas folhas, permite criar uma zona mais recatada e um espaço de bar que funciona de forma independente do resto do edifício. Aqui funcionam também os acessos ao piso 1 deste volume (por elevador e por escada), onde se desenvolve um espaço de biblioteca e um pequeno auditório com capacidade para 80 pessoas sentadas, três dos quais cativos a pessoas de mobilidade reduzida.

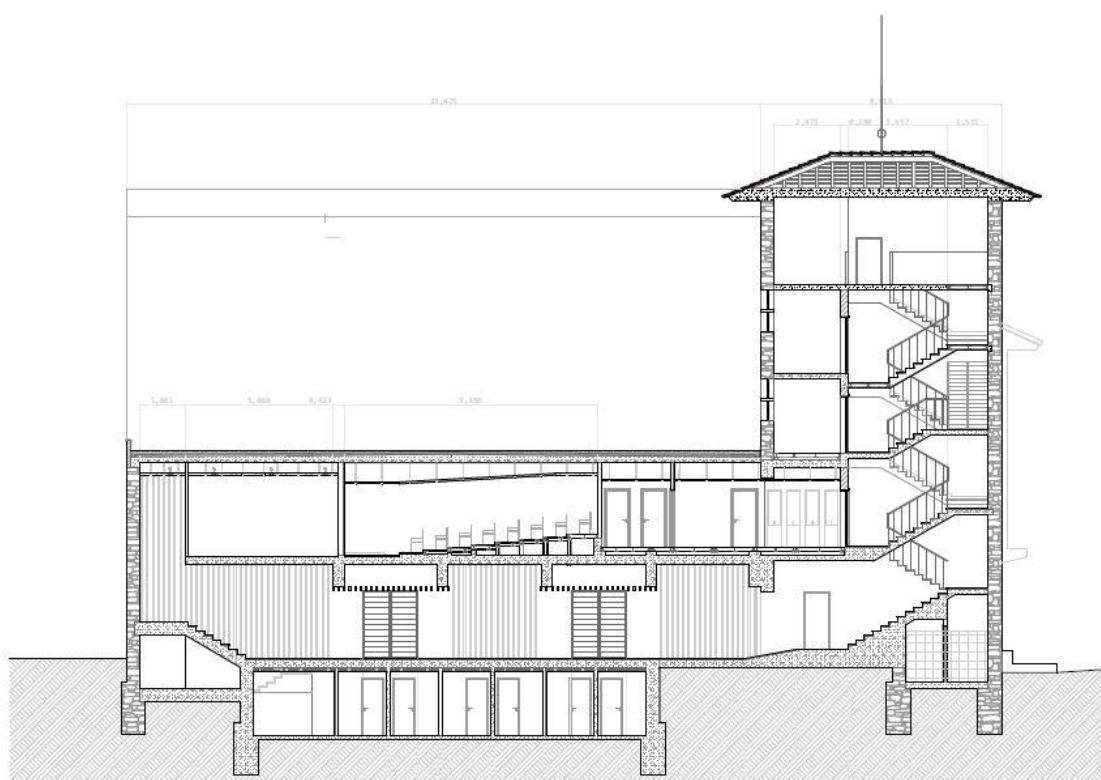


FIGURA 77- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Secção C-D, Pedro Santos 2017

O último piso do edifício, é proposto com dois objectivos; em primeiro lugar o aproveitamento do espaço deixado pela ruína da cobertura original; e em segundo lugar, dar resposta à falta de espaço de forma a assegurar as novas valências propostas.

É neste piso que se desenvolve a sala de exposições, trata-se de um espaço amplo que ocupa quase a totalidade da área da sala da plateia do piso abaixo,

sendo o acesso a este espaço feito através do elevador e caixa de escadas do volume da torre.

Em termos volumétricos, este piso apresenta um recuo em relação à cobertura do volume da fachada de cerca de 6 metros, permitindo a criação de um espaço exterior de terraço. Este recuo permite também a ocultação deste volume a quem passa ao nível da rua, não interferindo na leitura da composição da fachada original, apenas o volume da recepção da sala de exposições apresenta um avanço até à parede de suporte da cobertura do volume da fachada, a fim de criar continuidade desde os acessos até à sala.

Com o intuito de não interferir com a composição da fachada, o alçado deste ultimo piso; apesar de recuado; denota uma disposição dos vãos a ponte semelhantes às lâminas verticais, separados por perfiz metálicos com a mesma secção das referidas lâminas da fachada.

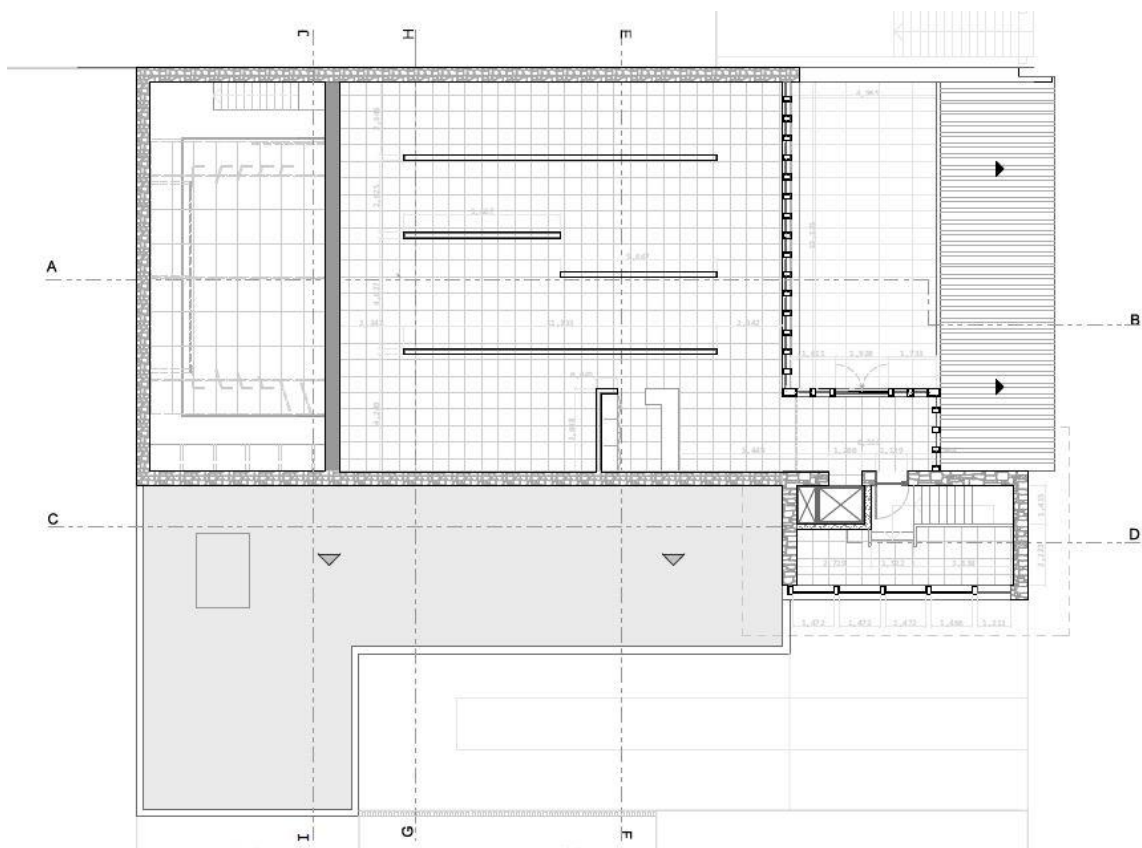


FIGURA 78- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Planta Piso 3, Pedro Santos 2017

No interior, este espaço caracteriza-se pela sua área e simplicidade, existindo apenas quatro paredes moveis sobre corrediças, permitindo a reorganização espacial mediante a necessidade de colocação de peças de arte ou realização de eventos com carência de maiores áreas disponíveis.

Em termos estruturais, este piso assenta sobre seis vigas de lamelado de madeira apoiadas nas paredes portantes laterais do edifício reforçadas pelas pilastras que atravessam a sala da plateia até ao solo onde é feita a sua ancoragem. Já a cobertura à de tipologia plana, dividida em três áreas; a primeira sobre o espaço principal da sala, a segunda sobre a caixa de palco e a terceira; que apresenta uma cêrcea mais reduzida; junto à parede norte com a finalidade de ocultar o volume deste piso, à semelhança do que acontece com o já referido recuo da sala face à fachada

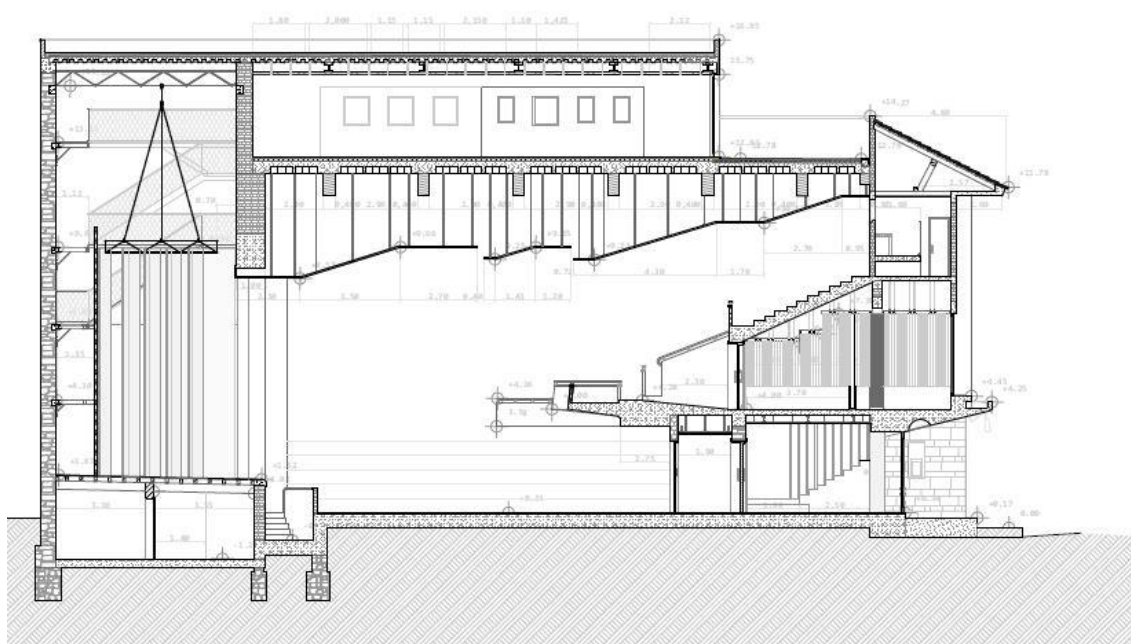


FIGURA 79- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Secção A-B, Pedro Santos 2017

À semelhança do volume lateral, a caixa de palco, sofre uma profunda intervenção, devido ao seu estado de conservação bem como a sua desactualização face às necessidades actuais à prática do teatro e cinema.

Neste volume é proposta a remoção de todas as estruturas de madeira dos varandins e do forro superior, sendo estas substituídas por novas plataformas e acessos com estrutura metálica, assegurando assim maior estabilidade à sua utilização.

Também as estruturas de apoio à iluminação e cenários bem como a de suporte da tela, são propostas com estruturas metálicas, já o pavimento do palco é mantido e substituídas apenas as régua do soalho de madeira que apresentem necessidade para tal.

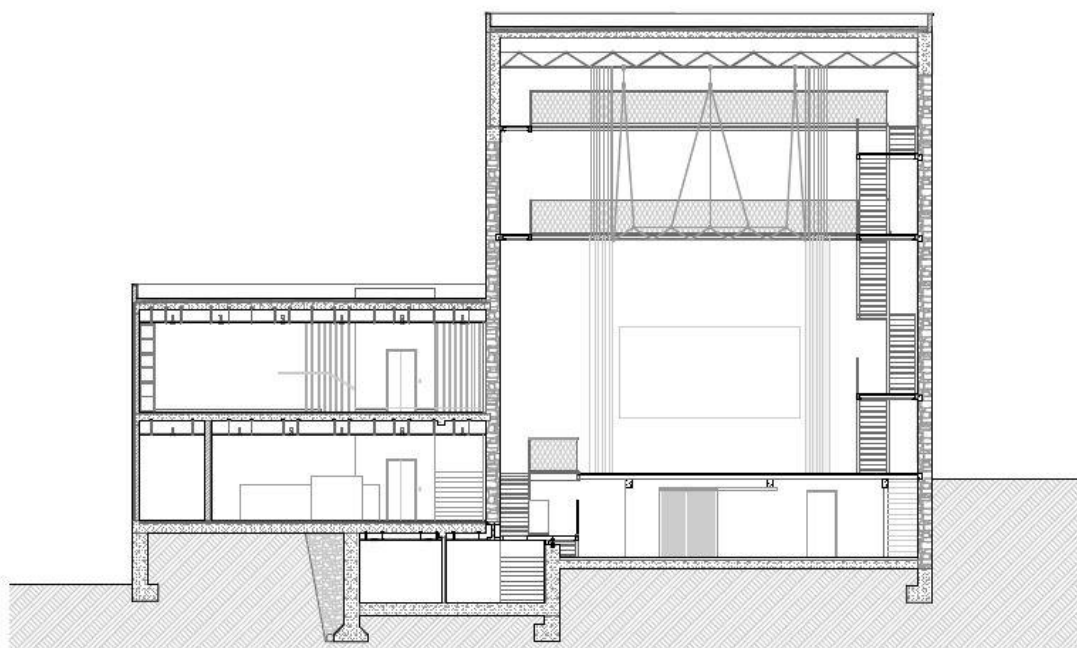


FIGURA 80- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Secção I-J, Pedro Santos 2017

O acesso a este espaço, deixa de ser feito a partir do volume lateral a norte e passa a ser feito por duas escadas laterais (a norte e a sul) com acesso ao sob palco, tendo este também sofrido alterações em termos de organização.

Os arrumos do referido sob palco, são demolidos do local original, ficando agora dispostos junto a parede de topo, com maiores dimensões e portas de correr; também estas de maiores dimensões; permitindo a arrumação de objectos de maior calibre.

Já os camarins passam a desenvolver-se no piso escavado sob o volume lateral, com acesso directo ao sob palco e por sua vez ao exterior através do corredor de circulação em rampa até ao nível do rés-do-chão no gaveto, funcionando assim de forma independente do resto do edifício.

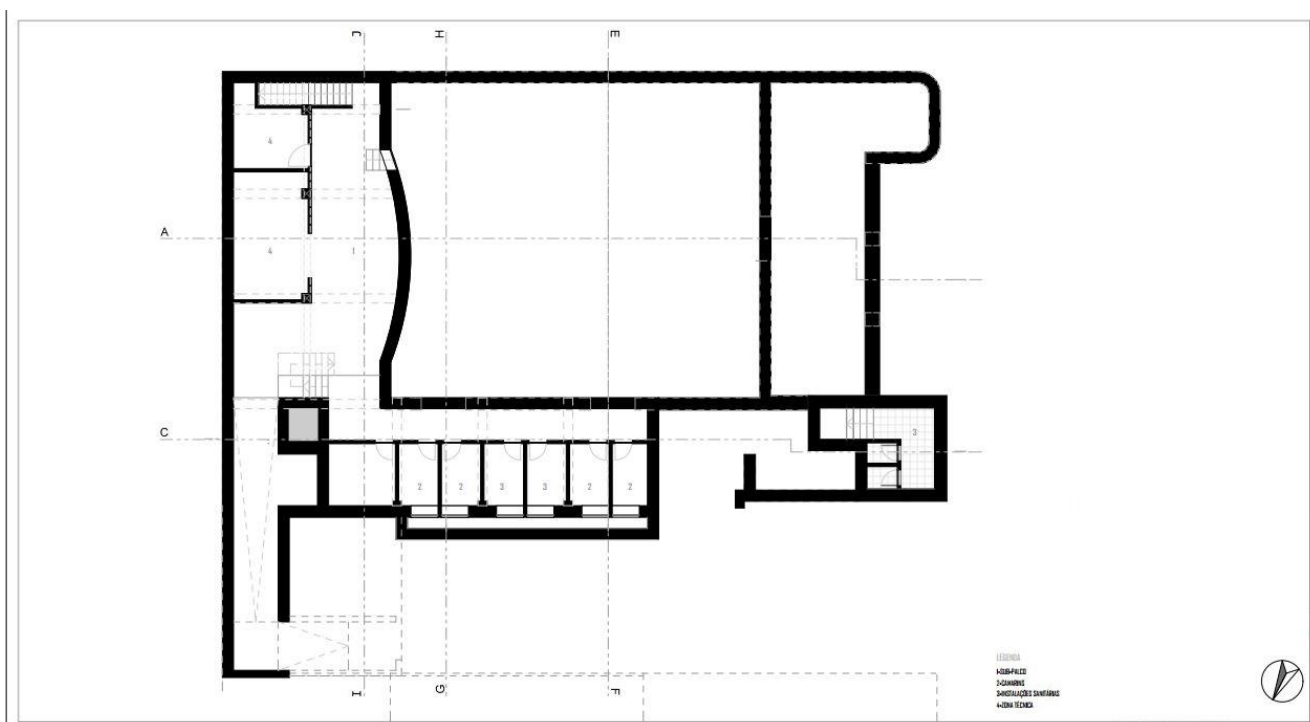


FIGURA 81- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Planta Piso -1, Pedro Santos 2017

Estes dispõem de quatro salas de camarim, duas instalações sanitárias de apoio e arrumo, sendo a iluminação destes assegurada pelo fosso escavado ao longo da parede, permitindo a entrada de luz e escoamento de água, ficando o topo deste mesmo fosso encerrado por grelhas metálicas, permitindo a entrada de luz e ventilação do espaço garantindo da mesma forma a segurança de quem passa acima destes.

No exterior, a intervenção passa pela preservação da fachada principal, sendo feita a limpeza das superfícies de pedra à vista, das paredes e pala, repondo o seu revestimento e acabamento original.

É proposta a abertura de quatro novas janelas no segundo piso; janelas essas de desenho igual às propostas para o primeiro piso; são dispostas, 2 entre as lâminas verticais junto ao volume da torre e as outras junto à parede a sul, permitindo a iluminação das zonas técnicas, sem grande interferência no desenho da fachada.

Como já referido anteriormente, as portas da entrada são substituídas por dois panos de vidro e uma porta central, também ela de vidro, dando à fachada um aspecto mais simplista e aberto.

Na plataforma da entrada é escavada uma rampa para facilitar o acesso a pessoas com mobilidade reduzida, esta desenvolve-se desde o passeio em direcção ao pano de vidro junto à janela da sala do segurança.

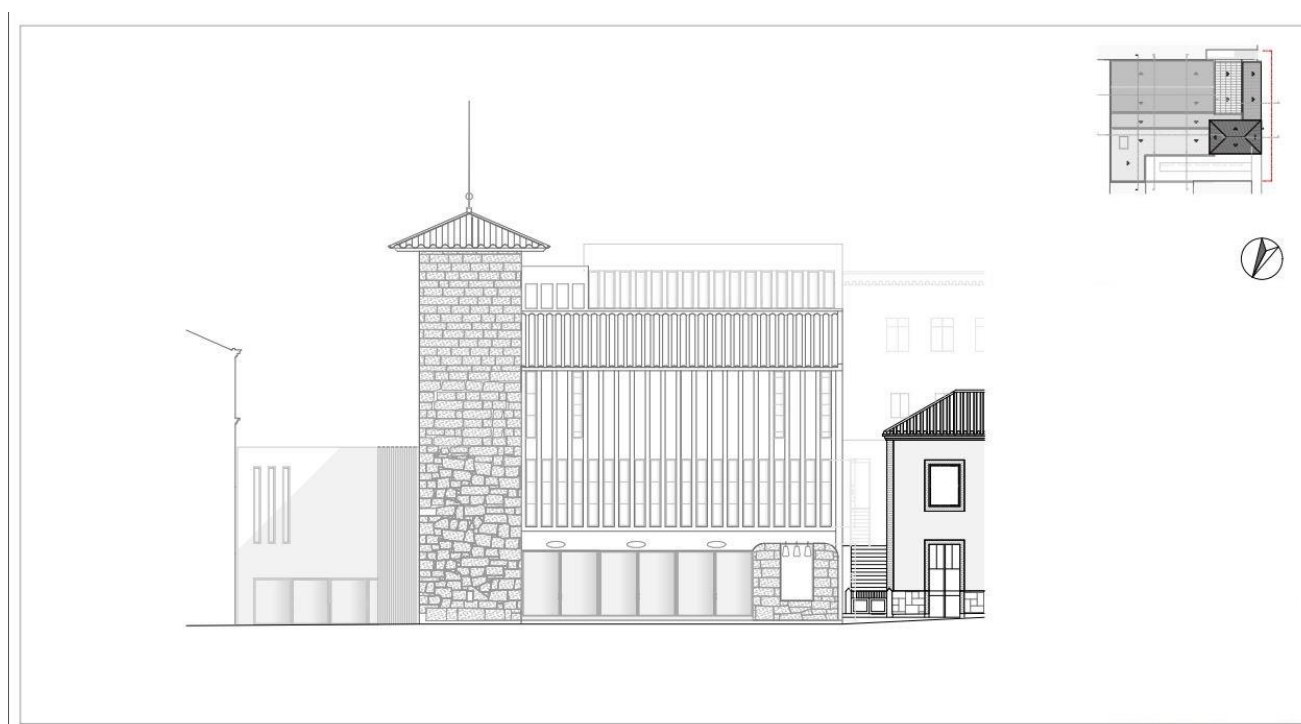


FIGURA 82- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Alçado Poente, Pedro Santos 2017

A lateral do lote, além do que já foi anteriormente mencionado em relação às alterações ao volume, é feita a demolição do muro de fecho face ao passeio, contrapondo com a colocação de perfiz metálicos junto ao muro lateral a fim de definir o espaço, que passa a funcionar como zona de circulação e zona de estar contemplada pelo ajardinamento de parte do gaveto, colocação de mobiliário e iluminação como podemos ver na figura 84.

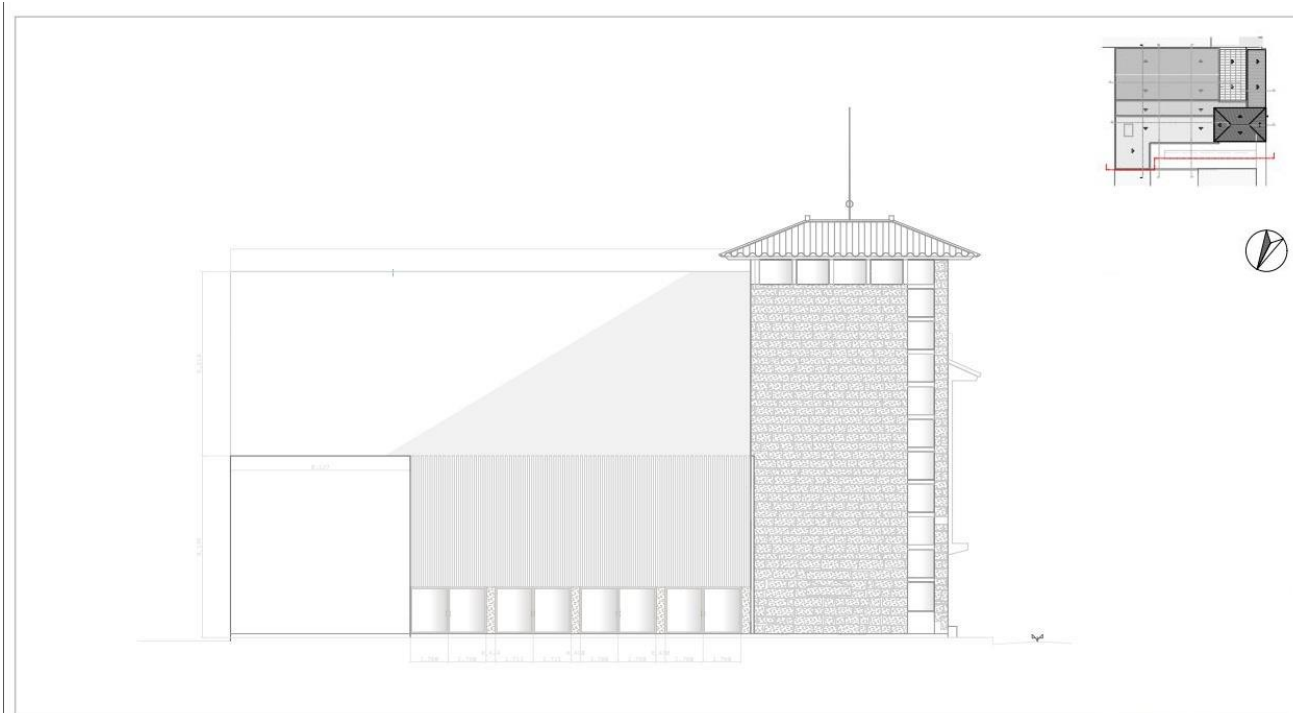
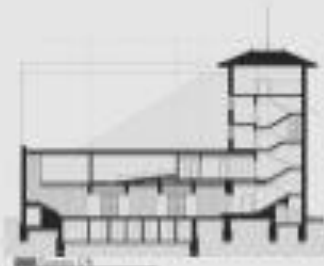
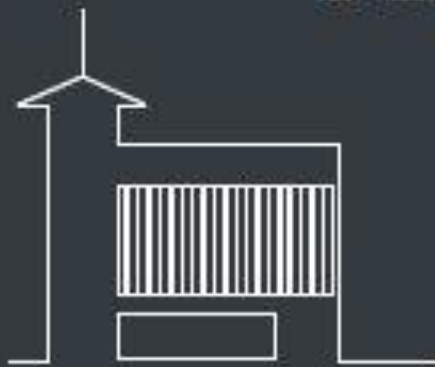


FIGURA 83- Proposta CASA DA ARTE de Mangualde Alçado Norte, Pedro Santos 2017



FIGURA 84- Vista 3D Proposta CASA DA ARTE de Mangualde , Pedro Santos 2017

CASA da ARTE



CASA da ARTE



REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DO CINE-TEATRO IMPÉRIO de Marquês de

Fica a importância do Cine-Teatro em todos os aspectos, foi imperativo apresentar uma proposta que não prejudicasse a existência do edifício e que permitisse voltar a funcionar como espaço cultural desempenhando o seu papel na sociedade.

A proposta prevê não só a preservação do valor arquitectónico cultural do edifício negligenciado e votado ao abandono com consequente ruína; mas também devolver o seu esplendor e a sua utilidade o rigor à sociedade.

Prevê-se a preservação dos elementos mais importantes da composição e desenho do edifício, mantendo-o o mais fiel possível à sua imagem original, apesar da introdução de novas valências e no seu volume, permitindo o desapego de novas funções, não descurando a função mais importante:

o apoio às artes, seja a pintura, escultura, drama ou teatro.



PARTE IV

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

O presente trabalho permitiu adquirir um conhecimento mais aprofundado sobre a vida e obra do arquitecto Francisco Caetano Keil do Amaral e a importância que o edifício alvo desta dissertação tem, não só no desenvolvimento das obras posteriores do arquitecto, mas também a sua importância sociocultural para a cidade e todo o concelho de Mangualde. A constatação da lacuna existente na região em termos de edifícios ou espaços com a capacidade de satisfazer o correcto acesso à cultura ou auditórios com capacidade para um grande número de pessoas, remete-nos para a reabilitação do mesmo.

O Cineteatro de Mangualde não se define apenas pela sua importância local, mas também pelo papel preponderante que representa para arquitectura portuguesa deste período, visto este ser um dos primeiros edifícios onde se verifica o início de uma mudança de estilo arquitectónico de Francisco Caetano Keil do Amaral, figura importante no panorama da arquitectura nacional do século XX, marcando assim uma entrega, embora gradual e experimental, ao movimento moderno com a introdução de novos materiais como o betão e novas formas de desenho e composição volumétrica.

Face à importância do Cineteatro em todos os aspectos, foi imperativo apresentar uma proposta que não prejudicasse a essência do edifício e que permita voltar a funcionar como espaço cultural desempenhando o seu papel na sociedade em que está inserido.

A proposta que resulta desta dissertação prevê não só a preservação do valor arquitectónico cultural de um edifício negligenciado e votado ao abandono com conseqüente ruína; mas também devolver o seu esplendor e a sua utilidade original à sociedade. Neste sentido, prevê-se a preservação dos elementos mais importantes da composição e desenho do edifício, mantendo-o o mais fiel possível à sua imagem original, apesar da introdução de novas valências e novos volumes, permitindo o desempenho de novas funções, não

descurando a função mais importante: o seu papel de apoio às artes, seja a pintura, escultura, cinema ou teatro.

É importante realçar o cuidado metodológico no processo de levantamento métrico e fotográfico que foi realizado, pois permitiu o desenvolvimento mais fidedigno de uma proposta de intervenção e também a possibilidade de catalogar os elementos fundamentais do edifício, de forma a perdurar como memória futura, caso nada seja feito e o edifício acabe por desaparecer ou sofrer alguma alteração irreversível.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Pedro, 2002. *A arquitectura no Estado Novo*. Lisboa: Livros Horizonte.

AMARAL, Francisco Caetano Keil Coelho do, 1942. *A Arquitectura e a vida*. Lisboa: Cosmos

AMARAL, Francisco Caetano Keil Coelho do, "Maleitas da Arquitectura Nacional", *Arquitectura - Revista de Arte e Construção*, ano XX - 2ª série, nº17 e 18 (Julho e Agosto, 1947), 18-20

AMARAL, Francisco Caetano Keil Coelho do, "Uma iniciativa necessária", *Arquitectura - Revista de Arte e Construção*, ano XX - 2ª série, nº14 (Abril, 1947), 12-13

AMARAL, Francisco Pires Keil do, (coord.) Keil Amaral. *Arquitecto 1910-1975*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1992

BANDEIRINHA, José, 2010. *Keil do Amaral, Obras de Arquitectura na Beira – Regionalismo e Modernidade*. Lisboa: Argumentum.

BANDEIRINHA, José António, TOSTÕES, Ana, AMARAL, Pitum Keil do, CONSTANTINO, Susana, RAMOS, Sofia, Keil do Amaral - *Obras de Arquitectura na Beira. Regionalismo e Modernidade (1ª ed.)* Lisboa: ARGUMENTUM, 2010

BEINHAUER, Peter, 2012. *Atlas de detalhes construtivos*. 2ª Edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL

BRANDI, Cesari, 1988. *Teoria de la Restauracion*, Alianza 2009, Madrid

FERNANDES, José, 1995. *Cinemas de Portugal*. Lisboa: Edições Inapa.

FRANÇA, José-Augusto, *História de Arte em Portugal - O Modernismo (1ª ed.)* Lisboa: Editorial Presença, 2004

GOMES, Luís & Carvalho, Pedro, 1992. *O Património Arqueológico do concelho de Mangualde*. Viseu: Câmara Municipal de Mangualde.

NEUFERT, Peter, 2004. *Neufert. Arte de projetar em arquitetura*. 17ª Edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL

PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte Portuguesa (3ª ed.)* Lisboa: Círculo de Leitores, 1995

PINA, Luís, 1986. *História do cinema português*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

RAMOS, Sofia Margarida Mesquita Tiago Sobral, O Cine-Teatro de Mangualde do Arquitecto Keil do Amaral. Génese Monográfica da Arquitectura Portuguesa do Séc. XX. Dissertação, Universidade de Coimbra, 2008

RGEU, 2005. *Regulamento Geral das Edificações Urbanas*. Porto: Porto Editora

RODRIGUES, Dalila (coord.), TOSTÕES, Ana, Arte Portuguesa da Pré-História ao século XX. Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900: Fubu Editores, 2009

RUSKIN, John, 1912. *Las Siete Lámparas de la Arquitectura*, 2ª edição Editorial Alta Fulla, (1987) Barcelona

SILVA, Susana, 2010. *Arquitectura de Cine-Teatros: evolução e registo (1927-1959)*. Coimbra: Edições Almedina SA

TOSTÕES, Ana (coord.), Keil do Amaral no centenário do seu nascimento. Lisboa: ARGUMENTUM, 2010

TESES

ALVES, Joana de Almeida Gouveia Oliveira, 2014. *Permanence and Persistence – Conception, Construction and Conversion of Modern Cinema Theatres (1910-1939)*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Instituto Superior Técnico, Lisboa.

Brás, Ana, 2011. *Cine-Teatros. Percorrendo a Beira Interior*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. UBI Covilhã.

Felino, Ana Isabel, 2008. "Os Cinemas em Portugal. A interpretação de um arquitecto: Raul Rodrigues Lima". Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Universidade de Coimbra.

Oliveira, Daniel Ramos, 2013. *Projecto de reconversão de um Cine-Teatro em equipamento Hoteleiro para a cidade de Mangualde*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. UBI Covilhã.

Henriques, Susana, 2000. *Keil do Amaral – Urbanista. Tradição e Modernidade na sua obra*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Lisboa: ISCTE.

Ornelas, Cilísia, 2006. *Recuperação de Cine-teatros modernos portugueses*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Porto: FAUP.

Pereira, Ana, 2007. *Os Conventos do Porto: descontinuidades, transformação e reutilização*. Dissertação de Mestrado em Metodologia de Intervenção no Património Arquitectónico. Porto: FAUP

Pinho, Ana, 2009. *Conceitos e Políticas Europeias de Reabilitação Urbana – Análise da experiência portuguesa dos Gabinetes Técnicos Locais*. Tese de Doutoramento em Planeamento Urbanístico. Lisboa: FAUTL

Vaz, Raquel, 2009. *Património: Intervir ou Interferir?: Sta. Marinha da Costa e Sta. Maria do Bouro*. Tese de Mestrado em Arquitectura. Coimbra: UC.

ARTIGOS

Santos, Artur, 2013. *Espaços teatrais e cinematográficos. Subsídios para a história do CineTeatro de Mangualde*. Jornal O Zurara, nº 115, p.9. Mangualde: O Zurão, produções e edições, Lda

SÍTIOS NA INTERNET

Santa casa da Misericórdia de Mangualde – Património do concelho de Mangualde (acessível em: <http://www.scmmanqualde.pt/instituicao/patrimonio>) Visitado em Junho de 2016

(CMM) Câmara Municipal de Mangualde – *Ficha técnica das ruínas romanas da Raposeira*. (acessível em: <http://cmmanqualde.pt/wwwraposeira/ficha-tecnica/>) visitado em Janeiro de 2017

(CMM) Câmara Municipal de Mangualde – *Foto galeria das Ruínas romanas da Raposeira*, (acessível em: <http://cmmanqualde.pt/wwwraposeira/gallery/raposeira/>) visitado em Janeiro de 2017.

Solares e Casas Nobres em Portugal (acessível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=398192&page=17>) visitado em Março de 2017.

Fotografia Aérea; Concelho de Mangualde (acessível em: <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2016/02/manqualde.html>) visitado em Março de 2017.

DGPC – Direcção Geral do Património Cultural – Carta de Veneza, (acessível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>) visitado em Junho de 2017.

DGPC – Direcção Geral do Património Cultural – Declaração de Cracóvia, (acessível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/cartas_e_convencoes_internacionais/traducaodadeclaracaodecracovia.pdf) visitado em Junho de 2017.

